

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA**

REGINALDO APARECIDO DOS SANTOS

**NARRATIVAS URBANAS:
cidade, fotografia e memória, Toledo- PR (1950-1980)**

Marechal Cândido Rondon
2010

REGINALDO APARECIDO DOS SANTOS

**NARRATIVAS URBANAS:
cidade, fotografia e memória, Toledo- PR (1950-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Marechal Cândido Rondon, Linha de Pesquisa: Práticas Culturais e Identidades, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Méri Frotscher, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Marechal Cândido Rondon
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

S237n	Santos, Reginaldo Aparecido dos Narrativas urbanas: cidade, fotografia e memória, Toledo-PR (1950-1980) / Reginaldo Aparecido dos Santos. – Marechal Cândido Rondon, 2010 169 p. Orientadora: Prof. Dr. Méri Frotscher Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2010. 1. Toledo (PR) - Narrativas urbanas. 2. Toledo (PR) - História - Fotografias. 3. Toledo (PR) - Memória. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título. CDD 21.ed. 981.62 307 CIP-NBR 12899
-------	---

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

TERMO DE APROVAÇÃO

REGINALDO APARECIDO DOS SANTOS

**NARRATIVAS URBANAS:
cidade, fotografia e memória, Toledo- PR (1950-1980)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Geni Rosa Duarte - UNIOESTE

Prof^a Dr^a Sandra de Cássia Araújo Pelegrini – UEM

Prof^a. Dr^a. Yonissa Marmit Wadi - UNIOESTE

Prof^a Dr^a Méri Frotscher – UNIOESTE (Orientadora)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal problematizar e analisar algumas fotografias que foram selecionadas e arranjadas pelos articuladores do museu histórico municipal de Toledo, dadas como imagens “oficiais” ou de “memória oficial”, no sentido de perceber a força delas na constituição de um imaginário social na cidade. Destaca-se um conjunto de fotografias (fotografias expressas em álbuns, projetos específicos e banners de domínio do Museu Histórico Willy Barth) que circulam na cidade através de diferentes formas e estratégias, acabam impregnando este imaginário social dos “primeiros tempos”, objetivando constituir uma “cultura de memória”. Sendo assim, procuramos refletir sobre a história da cidade de Toledo, abstraindo o imaginado, o visível, o não-visível, presente em narrativas sobre o urbano expressas em fotografias dos anos 1950, e que são divulgadas, sobretudo a partir da década de 1980, com a criação do museu e os investimentos desta “cultura de memória” no município. Estas fotografias, muitas delas insistentemente repetidas, demonstram a força e o papel daquela instituição na reprodução de imaginários sociais sobre a cidade, estabelecendo estratégias que direcionam o olhar dos moradores para um determinado passado. Surgem assim, representações sociais da cidade, estabelecidas fundamentalmente pelo uso e veiculação de fotografias selecionadas e arranjadas deste período, tentando legitimar uma realidade específica daquele período, valorizando alguns elementos por excelência, no caso o referencial urbano e em transformação, destacando a modernização pela qual estaria passando o município. As fotografias selecionadas, especificamente no seu arranjo, estabelecem sentidos de um passado que é desejado e que tenta ser lembrado, na constituição de um imaginário urbano. Se antes se objetivava um olhar para o futuro na década de 1950, na década de 1980, há um retorno sistemático a um passado que buscava ser valorizado.

Palavras-Chave: fotografia; memória; representação; cidade; narrativas urbanas

ABSTRACT

URBAN NARRATIVE: city, photography and memory, Toledo-PR (1950-1980)

This paper aims to discuss and analyze some main photographs that were selected and arranged by articulating the history museum city of Toledo, images given as "official" or an "official memory" in order to realize their strengths in the formation of a social imagery and the city. Highlights a set of photographs (photographs expressed in albums, banners and specific projects of the Museum Historical Willy Barth) circulating in the city through various forms and strategies, and you end up impregnating this social imaginary of the "early days", to constitute a "culture of memory." Thus, we reflect on the history of the city of Toledo, disregarding the imagined, the visible, not visible, present in narratives about urban expressed in photographs from the 1950s, and are disseminated mainly from the 1980s, with the creation of the museum and the investment of this "culture of memory" in the city. These photographs, many of them insistently repeated, demonstrate the strength and role of this institution in the reproduction of social imaginary of the city, establishing strategies that target the residents look for a particular month. This results in social representations of the city, established primarily for the use and propagation of selected photos arranged and this time, trying to legitimize a specific reality of that period, highlighting some elements of excellence, where the reference and urban transformation, emphasizing the modernization in which would be passing the municipality. The selected photographs, specifically in its arrangement, establish a sense of past that is desired and that tries to be remembered, in the establishment of an urban imagination. If before it was aimed a look to the future in the 1950s, the 1980s, there is a systematic return to a past that sought to be recovered.

Keywords: photography, memory, representation, city, urban narratives

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, tenho claro que sua concretização teve a participação e colaboração de várias pessoas, de diferentes maneiras, mas fundamentais para a sua conclusão. A todos, meu muitíssimo obrigado. Em especial,

A Deus, ser supremo, fonte de religiosidade.

A Prof^a Dr^a Méri Frotscher, por ter me acompanhado nessa nova perspectiva acadêmica e pessoal. Pela orientação, pelas demonstrações de paciência e amizade, pelo incentivo e compreensão no decorrer da construção deste trabalho. Meu muitíssimo obrigado. Que possa levar em minha caminhada suas posturas e procedimentos em relação à história.

A Prof^a Dr^a. Geni Rosa Duarte, Prof^a Dr^a Sandra de Cássia Araújo Pelegrini e Prof^a Dr^a Yonissa Marmit Wadi, membros da Banca de Avaliação, pelas observações no momento de qualificação e pelas contribuições fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Robson Laverdi, Prof. Dr. Paulo Koling, Prof^a Dr^a Sônia Mendonça pelas contribuições e questionamentos realizados durante as atividades disciplinares.

Aos colegas de mestrado, que contribuíram significativamente com informações, questionamentos e amizade: Jefferson, Fabiana, Danusa, Rudi e Franciele. E ao Ivanor, companheiro de tantas idas e vindas entre Toledo e Marechal Cândido Rondon.

Ao colega de profissão, professor Artêmio, pelo incentivo inicial para realização deste processo.

A Iraci, sempre atenciosa e solícita aos procedimentos burocráticos.

Ao PPH da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon, por ter me proporcionado esta oportunidade.

A minha família, a quem agradeço a paciência, carinho e amor e dedico esta dissertação: Marleide, Gabriel e Murilo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A UTOPIA DO PROGRESSO: TRANSFORMAÇÕES E NARRATIVAS URBANAS EM TOLEDO	18
1.1. O “Milagre de Toledo”: repercussões da visita do governador.....	23
1.1.1. A constituição da esfera pública e as narrativas da cidade do Futuro.....	32
2. O FUTURO EM FOCO: IMAGENS DA DÉCADA DE 1950 EM DESTAQUE.....	50
2.1. Fotografia, memória e cidade.....	52
2.2. “Eu fotografava imaginando o futuro”	60
2.3. Representações de Toledo nos anos 1950 através das fotografias.....	70
3 ANTES O FUTURO, AGORA O PASSADO: O MUSEU HISTÓRICO WILLY BARTH E A CIRCULAÇÃO DE UMA MEMÓRIA VISUAL EM TOLEDO.....	98
3.1. “Não vamos jogar fora a história de Toledo”: a constituição do museu histórico Willy Barth.....	100
3.2. O uso das fotografias do museu e a “economia visual” da cidade.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
FONTES.....	128
BIBLIOGRAFIA.....	130
ANEXOS.....	137

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa Fazenda Britânia, 1946.	20
Figura 2 - Página interna da <i>Revista do Globo</i> . Porto Alegre. 29/09/1951. P. 67.....	28
Figura 3 - <i>Revista do Globo</i> , Nº 544, de 29/09/1951, p. 68-69.	29
Figura 4 - <i>Revista do Globo</i> , Nº 544, de 29/09/1951, p. 68.	31
Figura 5 - Vista aérea Toledo – Julho de 1953 – Acervo Museu Histórico Willy Barth.	60
Figura 6 - Câmera Fotográfica cedida por Ondy Niederauer, para o acervo do Museu Histórico Willy Barth – Fotografia retirada pelo autor em abril/2010	61
Figura 7 - Vista parcial da Av. MARIPÁ, em 1950. - Acervo Museu Histórico Willy Barth...	69
Figura 8 - Vista aérea de Toledo, 1952 - Acervo Museu Histórico Willy Barth.....	70
Figura 9 - Vista Parcial da rua Sete de Setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo 1955-56 - Acervo Museu Histórico Willy Barth	70
Figura 10 - Ficha de Catalogação – Museu Histórico Willy Barth	72
Figura 11 - Fotografia 06 – Ondy H. Niederauer – Menino na Plantação de Fumo – Plano de Colonização – 1955 (Fotografia de Fotocópia)	74
Figura 12 - Fotografia 44 – Ondy H. Niederauer – Mamoeiro – Plano de Colonização – 1955 (Fotografia de Fotocópia)	74
Figura 13 - Fotografia 05 – Ondy H. Niederauer – Meninos com um pé de mandioca – Plano de Colonização – 1955 (Fotografia de Fotocópia).	75
Figura 14 - Fotografia 42 – Ondy H. Niederauer – Criação de porcos para serem exportados para Frigorífico em Ponta Grossa – Plano de Colonização (Fotografia de Fotocópia).....	75
Figura 15 - Avenida MARIPÁ, entrada da cidade – 1950.....	77
Figura 16 - Fins de 1950 – vista parcial da Av. Maripá, entre as Ruas Rui Barbosa e São João.	77
Figura 17 - Vista da 1ª igreja de Toledo e do Colégio das Irmãs em 1950.....	78
Figura 18 - Vista parcial da Av. MARIPÁ, em 1950.	78
Figura 19 - Escritórios da MARIPÁ, localizado na rua Sete de Setembro,	78
Figura 20 - Vista Parcial do Largo São Vicente de Paulo, esquina Rua Barão do Rio Branco.	79
Figura 21 - Empório Toledo Ltda, 1955 - Acervo Museu Histórico Willy Barth.....	79
Figura 22 - Vista aérea de Toledo – Centro, 1952.	82
Figura 23 - Vista da frente do Clube do Comércio e equipe de Trabalho – 1953	82
Figura 24 - Vista parcial do centro de Toledo (1955).....	82
Figura 25 - Toledo, vista parcial – 1957	83
Figura 26 - Primitivo Frigorífico Pioneiro em 1959, Toledo.....	84
Figura 27 - Estação de passageiros do Campo de Aviação – 1954.....	84
Figura 28 - Vista parcial da turbina e da casa de máquinas da Usina “Hidroelétrica” Carlos Mathias Becker, em 1956. Acervo Museu Histórico Willy Barth	84
Figura 29 - Capa Código de Posturas – 15/12/1954 – Fotografia do original.....	85
Figura 30 - Vista aérea de Toledo, 1952 - Acervo Museu Histórico Willy Barth.....	86
Figura 31 - Vista parcial de Toledo – Déc. 50	87
Figura 32 - Vista parcial de Toledo – 1953.....	87
Figura 33 - Toledo, vista parcial – 1957 - Acervo Museu Histórico Willy Barth.....	87
Figura 34 - Vista aérea – 1958.....	87
Figura 35 - Vista Parcial da rua Sete de Setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo 1955-56 - Acervo Museu Histórico Willy Barth	88
Figura 36 - Vista parcial de Toledo – Déc. 50	89
Figura 37 - Toledo, vista parcial da Rua Almirante Barroso, em 1956/57	91
Figura 38 - Instalação da Comarca de Toledo – 1954	92
Figura 39 - Instalação da Diocese de Toledo, em 20.06.59.....	93

Figura 40 Solenidade de Instalação da Agência do Banco do Estado do Paraná – 15/08/1953	93
Figura 41 - Parte interna do Correio de Toledo em 1953	94
Figura 42 - Aeroporto de Toledo – Dec. 50.....	94
Figura 43 - Foto interna Empório Toledo – 18/06/1955.....	94
Figura 44 - Capa Fascículo “Toledo, a terra e o homem” – 14/12/1983	118
Figura 45 - Capa do álbum “... E assim iniciou Toledo”	118
Figura 46 – Contra-capas do álbum “... E assim iniciou Toledo”	119
Figura 47 - Capa da Cartilha de Toledo – Projeto História – 2ª edição, 1985.....	121
Figura 48 - Monumento em homenagem ao Cinquentenário de Toledo – 2002 – Paço Municipal.....	121
Figura 49 - Monumento em homenagem ao Cinquentenário de Toledo – 2002 – Paço Municipal.....	122
Figura 50 - Monumento em homenagem ao Cinquentenário de Toledo – 2002 – Paço Municipal.....	122
Figura 51 - Banners “Toledo: 60 anos fazendo história”. Museu Histórico Willy Barth	123
Figura 52 - Banners “Toledo: 60 anos fazendo história”. Museu Histórico Willy Barth	123
Figura 53.....	124
Figura 54 - Banners “Toledo: cidade labor”. Museu Histórico Willy Barth	124

INTRODUÇÃO

A cidade, por ser pensada em várias disciplinas, sob olhares diversos, é polissêmica e, por isto mesmo, constitui um vasto campo de possibilidades de análise. Ao visualizarmos uma cidade, absorvemos várias interpretações e representações do seu passado e do seu presente, representações estas que vão delimitar o imaginário social sobre aquele espaço. Uma das fontes privilegiadas, entre muitas, para se refletir sobre a construção de imaginários urbanos são as fotografias, principal substrato desta dissertação.

Como interpretar imagens de cidades, principalmente aquelas selecionadas e guardadas em locais específicos, como, por exemplo, um museu de história local, veiculadas de diversas formas e em distintos espaços? Partindo desses pressupostos que envolvem cidade, fotografia e memória, podemos formular outras questões: por que se fotografava aquilo e daquela forma; quem fotografava; por que vemos e temos acesso a apenas algumas fotografias e não a outras; quem se coloca como agente desse processo de construção de memórias visuais na cidade; qual cidade é fotografada e sob que ângulos e perspectivas? São questões simples, mas que evidenciam muitos aspectos para a reflexão sobre o papel das imagens nas cidades contemporâneas.

Foi a visualização e o manuseio das fotografias do acervo do Museu Histórico Willy Barth, em Toledo, Oeste do Paraná, que instigaram esta pesquisa. Ela trata da análise de narrativas da cidade de Toledo, expressas sobretudo, em conjuntos de fotografias constituintes daquele museu e do seu papel na construção de uma “cultura da memória”.¹

O interesse em trabalhar com fotografia e cidade foi despertado ao desenvolver atividade em sala de aula com alunos da 8ª série do ensino fundamental². Naquela ocasião, buscávamos discernir como os alunos percebiam a cidade em que moravam, tendo como

¹ Noção desenvolvida por Andreas Huyssen em **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

² Esta atividade fez parte da Proposta de Implementação de Trabalho do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, Turma-2007 – Paraná, em 2008, na disciplina de História, intitulada: Cidade, memória e fotografia: um campo de possibilidades na sala de aula, sob a orientação da Profª Drª Méri Frotscher. Um dos objetivos foi discutir a relação entre memória e história a partir da análise da história da cidade. Problematicizou-se a construção e circulação de determinadas memórias no espaço público, realizando-se atividades de pesquisa com os alunos, sobretudo a partir do uso de fotografias. Esta proposta didático-pedagógica encontra-se disponível para leitura em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/827-4.pdf?PHPSESSID=2009071610564975>

referência fotografias tiradas por eles mesmos e fotografias que circulavam pela cidade, seja através de exposições, monumentos, de banners expostos no museu histórico municipal e da imprensa local. Ao final da atividade, surgiu a noção de Toledo enquanto uma “cidade moderna, que soube se estruturar em um grande potencial³”, com olhos voltados para o progresso e em constante desenvolvimento. Este olhar destacava locais percebidos pelos alunos como “modernos”. Eram imagens da cidade que anulavam um passado baseado numa estrutura agrária e rural. As falas dos alunos reproduziam, representações sociais⁴ que circulam atualmente em Toledo. São imagens integrantes de um imaginário urbano fundamentado na concepção de uma cidade nascida para o futuro.

Na reflexão histórica, a noção de cidade pode ser analisada a partir das sociabilidades, do imaginário, do identitário, constituindo-se num espaço privilegiado na modernidade e, por isto mesmo, sendo também imaginada, sonhada e planejada. A cidade, como objeto desta pesquisa, é discutida a partir da análise da produção e veiculação de imagens. Neste caminho aponta Sandra Pesavento:

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.⁵

A partir dessa perspectiva, procuramos refletir sobre a história da cidade de Toledo, abstraindo o imaginado, o visível, o não-visível, presente em narrativas sobre o urbano expressas em fotografias dos anos 1950, e que são divulgadas sobretudo a partir da década de 1980, com a criação do museu e os investimentos numa “cultura de memória” no município.

A primeira proposta de análise de fotografias para este trabalho tendia a buscar acervos em mãos de algumas famílias do município, independentemente se fossem caracterizadas como “pioneiras” ou não - termo muito utilizado por uma memória pública local – e que tivessem morado na cidade durante a década de 1950. Objetivava-se verificar, através de um conjunto de fotografias e de entrevistas orais, as memórias sobre o cotidiano familiar, o processo de instalação destas pessoas e a sua reprodução social neste novo lugar.

Entretanto, a pesquisa tomou outro rumo diante da inquietação causada pelo afluxo constante de imagens do passado da cidade no cotidiano, seja na imprensa, em exposições, em

³ Frase elaborada por uma aluna, nas conclusões sobre os trabalhos realizados. Outubro/2009.

⁴ Sobre a noção de representação vide CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Revista Estudos Avançados**, nº 11. São Paulo: USP. Jan./Abr. de 1991.

⁵ PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias, **Revista Brasileira de História** vol.27 nº53 São Paulo: ANPUH. Jan./June 2007. P. 14

material didático das escolas, retiradas do acervo do museu histórico local. Estas fotografias, muitas delas insistentemente repetidas, demonstram a força e o papel daquela instituição na reprodução de um imaginário social sobre o passado da cidade. A análise destas narrativas visuais permite perceber práticas e representações sobre o espaço urbano que direcionam o olhar dos moradores para um determinado passado.

Ana Maria Mauad, em suas publicações sobre história e fotografia, nos adverte que a imagem não fala por si só⁶. Para a autora, a escolha de determinado conjunto fotográfico “(...) revela todas as implicações culturais e ideológicas do processo em questão, tendo em vista que a imagem elaborada coloca-se como uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis”.⁷ A autora ainda destaca que as imagens são históricas e socialmente construídas e que, dependendo das variáveis existentes, produzem diferentes visões de mundo e referências sobre o momento vivido.

Tomando em consideração tais proposições, buscou-se analisar as fotografias disponibilizadas pelo acervo do Museu Histórico Willy Barth no sentido de perceber como foram produzidas, selecionadas e utilizadas como suporte de memórias da cidade. Sobretudo fotografias da década de 1950, ou seja, dos primeiros anos de “ocupação territorial”, passaram a ser veiculadas na esfera pública, principalmente a partir da década de 1980, quando são criados o museu e outros “lugares de memória”⁸ no município. As exposições de fotografias feitas pelo museu, o material didático sobre história local utilizado nas escolas públicas municipais, entre outros materiais, fazem circular apenas algumas imagens sobre o passado, enquadrando memórias da cidade.

O álbum fotográfico “... E assim, iniciou Toledo”, publicado em 1984, deixando claro o objetivo de “preservar e divulgar a memória da cidade e da região”, organizado de forma cronológica, é um exemplo disso. As fotografias destacam as transformações do município e,

⁶ Sobre isso, ver as diversas publicações da autora: MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social, na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Niterói: UFF/CEG/ICHF. Tese de doutoramento, 1990. – Disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/files/dssam.pdf>; O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. In: SOUZA, Célia F. de; PESAVENTO, Sandra J. (Org.) **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997; _____. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez Editora, 2004; _____. Através da imagem I: possibilidades teórico- metodológicas para o uso da fotografia como recurso didático, uma experiência acadêmica. **Primeiros Escritos**. Rio de Janeiro: UFF. Acessado em: <http://www.historia.uff.br/primeiroscritos/sites/www.historia.uff.br/primeiroscritos/files/pe01-2.pdf>, entre outras.

⁷ MAUAD, Ana Maria e Ciro F. Cardoso. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: **Domínios da história**. Rio de Janeiro, Campus, 1997, p. 408.

⁸ Utilizamos aqui a noção “lugar de memória” de Pierre Nora. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, 1993.

principalmente, destacam fotografias da área central urbanizada. No entanto, ao se conhecer o contexto dos anos 1950, percebe-se uma dicotomia entre uma cidade que pretendia a modernização, uma cidade desejada, e uma cidade real, pautada em relações de produção baseadas em atividades agropecuárias.

Observa-se em Toledo uma profusão de imagens que destacam, de forma enfática, em praticamente todos os “lugares de memória” do governo público municipal, uma cidade nascida para o progresso e que continua voltada para ele. Ou seja, uma localidade que foi constituída a partir da vinda dos primeiros colonizadores, da venda de terras e extração de madeira e erva-mate, sem nenhuma infra-estrutura urbana aparente, vivendo quase que exclusivamente de atividade agropecuária, e que faz rapidamente um *upgrade* no sentido da modernização.

Tais representações da cidade, estabelecidas pela veiculação de fotografias selecionadas deste período tentam legitimar uma realidade específica, valorizando alguns elementos por excelência, no caso, o espaço urbano e em transformação. Neste sentido, nos baseamos em Sandra Pesavento ao caracterizar a noção de representação como sendo “portadora do simbólico”, pois “diz mais do que aquilo que mostra ou enuncia, carrega sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”⁹. As fotografias divulgadas estabelecem sentidos para um passado a partir de questões do presente, reforçando um imaginário da cidade do “progresso”.

Entretanto, as fotografias são ressignificadas nesse processo. Se antes, no período de sua produção, muitas fotografias mostravam as perspectivas de futuro da localidade, mais tarde, a partir da década de 1980, quando começam a ser sistematicamente veiculadas direta ou indiretamente pelo museu, as mesmas fotografias passam a ter outra função: a de ratificar um discurso de que Toledo já teria nascido para ser cidade “progressista”. Segundo Boris Kossoy¹⁰, ao articular história e fotografia, cria-se, através da fotografia, realidades e representações do momento retratado, bem como também outras no momento em que são utilizadas, quando podem ganhar novos sentidos e significados.

A partir dos anos 1980, através de diversas ações patrimoniais, busca-se voltar os olhos dos moradores para um determinado passado. Neste sentido, reflexões sobre memória e poder se fazem pertinentes, pois uma das pretensões dos grupos que tentam homogeneizá-la é

⁹ PESAVENTO, Sandra J. . **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. P. 41.

¹⁰ KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989; _____. **Realidade e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2002.

“tornar-se senhores da memória e do esquecimento”¹¹. O Museu Histórico Willy Barth terá um papel importante no processo de constituição de um imaginário urbano sobre o passado de Toledo, através das fotografias. O museu torna-se um dos principais agentes de um movimento de “resgate” do passado, a partir das campanhas visando a constituição de seu acervo.

Representações e imaginários se entrelaçam na produção de memórias e esquecimentos da cidade. A partir de Bronislaw Baczko se infere as relações entre imaginário e poder¹². O imaginário é produzido e reproduzido por sujeitos reais, que aqui são identificados como frações das elites inicialmente ligados à Colonizadora MARIPÁ e, depois, ao governo municipal. Segundo Baczko,

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. É assim que qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar um certo controle sobre os seus circuitos de difusão.¹³

Baczko destaca também, que “é através das suas representações ideológicas que uma classe exprime as suas aspirações, justifica moral e juridicamente os seus objetivos, concebe o passado e imagina o futuro”¹⁴. O imaginário funciona como um dispositivo simbólico, através do qual há certo movimento entre os sujeitos envolvidos, que procuram dar a si próprios, identidade e coerência. Ainda segundo o autor, “os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”.¹⁵ Desta forma, o

imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção de “discursos” nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações coletivas numa linguagem. Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos. É assim que os imaginários sociais assentam num simbolismo que é, simultaneamente, obra e instrumento.¹⁶

Outro referencial importante para a tentativa de interpretação e compreensão das representações sociais é Roger Chartier, o qual assinala a importância de se captar “o modo

¹¹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996. P. 422.

¹² “Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência ‘real’, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio”. BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985. (Vol. 5 Antropos/Homem). P. 298-299.

¹³ Baczko. Op. Cit. 313.

¹⁴ Baczko. Op. Cit. 313.

¹⁵ Baczko. Op. Cit. p. 311

¹⁶ Baczko. Op. Cit. p. 311.

como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade social é construída, pensada, dada a ler”¹⁷. Ou seja, trata-se de perceber na análise dos discursos sobre a cidade, em suporte textual e visual, “como esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado”¹⁸. Em nosso caso, analisamos como as representações sociais sobre a cidade se materializam na prática, na tentativa de se perpetuar uma imagem positivada do passado.

Partindo destes referenciais, percebe-se em Toledo, a partir do início da década de 1950, como os agentes sociais envolvidos diretamente com os interesses políticos e econômicos da empresa colonizadora Industrial Madeireira Rio Paraná S/A - MARIPÁ - procuram determinar e legitimar o que pode ser dado como verdadeiro. Mesmo passado o período inicial de “ocupação territorial”, atualizam o mito do progresso na constituição do poder público municipal e dos aparatos necessários para o seu funcionamento. São veiculados discursos em meios orais, escritos e visuais, que fundamentam práticas de legitimação política e projetos para a cidade. Estas ações são engendradas a partir de representações e imagens que dão sentidos ao projeto de constituição do município de Toledo. Diversas falas expressas na imprensa local, na Câmara Municipal, na legislação urbana, projetavam o desejo em trazer referenciais de modernização para o município, com o objetivo de aproximá-la de padrões visuais de cidades maiores. A principal referência parece ter sido Porto Alegre, sede inicial da colonizadora. Procura-se, assim, na parte inicial desta dissertação, vislumbrar as perspectivas e ações destes grupos sociais que atuaram diretamente na constituição do município neste período. Procura-se evidenciar o papel das imagens não apenas na divulgação do projeto de “colonização”, mas também na visualização do processo de urbanização, vista como possibilidade de reprodução de capitais da MARIPÁ e das primeiras elites.

Pode-se perceber, na década de 1950, uma nova postura da Empresa Colonizadora MARIPÁ, responsável pela “ocupação territorial” da região. A partir desta década, a empresa passa a investir em articulações políticas, com o objetivo de emancipar política e administrativamente Toledo de Foz do Iguaçu, desenvolvendo padrões visuais que pudessem identificar este novo município, principalmente através do destaque de suas feições urbanas. A localidade, que fora constituída havia menos de cinco anos através de um projeto de exploração de terras, baseado na sua capacidade de produção agrícola e pecuária, passa a ser representada a partir de tais estratégias. A nova representação visual do município, geralmente feita a partir de sua área central, renova a utopia do progresso, presente no projeto

¹⁷ CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990. P. 16.

¹⁸ CHARTIER, R. 1990. Op cit. P. 16.

“colonizador”, estabelecendo uma cultura visual que associa Toledo à noção de cidade. Se antes se focalizava a transformação do “sertão” em área de “colonização”, agora se dá a ver a configuração de uma cidade. As imagens constituem referencial importante destas ações que visavam organizar e normatizar os espaços, no sentido da modernização da área central.

Este trabalho se atém aos usos sociais das fotografias ao longo de dois períodos da história do município. Se muitas fotografias do período inicial de ocupação fazem parte do projeto de divulgação do empreendimento da MARIPÁ e, mais tarde, de divulgação/comparação do município diante dos embates políticos intra-regionais, a partir da década de 1980 as fotografias tomam outros sentidos. A partir daí investe-se em políticas de patrimonialização, através da constituição de “lugares de memória” e produção de material memorialístico, em que se estabelecem relações entre textos e fotografias antigas da cidade.

O primeiro capítulo, intitulado “A utopia do progresso: transformações e narrativas urbanas em Toledo”, tenta problematizar práticas discursivas e intervenções no espaço urbano em Toledo, Oeste do Paraná, na década de 1950. A análise mostra a relação entre os projetos e os discursos sobre as transformações urbanas presentes na imprensa local, num período marcado por utopias urbanas no país e de tentativa de consolidação de um projeto de cidade pautado no “progresso”. Adentra-se nas articulações político-partidárias e, fundamentalmente, na constituição da esfera pública do município recém-criado, fundamentais para a veiculação deste imaginário. São analisadas as relações entre interesses públicos e privados e suas conexões com as práticas e as representações sobre a localidade. Analisa-se a constituição de uma instituição burocrático-administrativo e de uma imprensa local e a articulação de frações das elites ligadas à empresa colonizadora, no sentido de emancipar o município e seus desdobramentos. Tendo como mote a visita do governador do estado a Toledo, analisam-se os usos da fotografia na divulgação de uma representação visual de Toledo enquanto “Capital do Oeste”.

No segundo capítulo, intitulado “O futuro em foco: imagens da década de 1950 em destaque”, analisam-se um conjunto de fotografias de Toledo disponibilizadas pelo museu Willy Barth e sua relação com a reprodução de uma cultura visual que visibiliza uma imagem de “cidade planejada”, nascida sob o mito do progresso. Analisam-se aspectos da produção das fotografias nos anos 1950 e o circuito social da fotografia, a qual tinham como perspectiva um olhar para o futuro, para as mudanças, para o desenvolvimento da cidade. Tais fotografias foram selecionadas e tiveram seu arranjo determinado pelo referencial dos articuladores do museu, desempenhando um enquadramento da memória visual da cidade a ser destacada. No exercício de análise da representação fotográfica da cidade, são

identificados alguns padrões: circulação urbana, retrato e infra-estrutura urbana.

No terceiro capítulo, “Antes o futuro, agora o passado: o museu histórico Willy Barth e a circulação de uma memória visual em Toledo”, volta-se para a análise das fotografias publicadas em obras escritas e em outros materiais produzidos pelo museu ou a partir de suas coleções de fotografias. Localiza-se, na década de 1980, a constituição de “lugares de memória” no município e a produção de uma “cultura da memória” que têm papel importante na construção e circulação de uma memória visual da cidade. Nos atemos aos sentidos dados às fotografias da cidade na produção de uma “cultura da memória” e aos significados deste “pretérito presente”, como nos aponta A. Huyssen.

Ao se utilizar das fotografias e dos seus meios de veiculação, determinados grupos sociais afirmam e divulgam uma representação da cidade por eles determinada e que pretende a universalidade. Segundo Bourdieu, “a lógica das relações simbólicas impõem-se aos sujeitos como um sistema de regras absolutamente necessárias em sua ordem, irreduzíveis tanto às regras do jogo propriamente econômico quanto às intenções particulares dos sujeitos”¹⁹. O autor afirma que “numa sociedade diferenciada, não se trata apenas de diferir do comum, mas de diferir diferentemente”²⁰, percebendo que a posição de classe não é caracterizada somente por procedimentos expressivos, mas também por aqueles que traduzem uma certa posição, intencionalmente. Podem-se visualizar tais práticas ao se analisar a constituição e a atuação do museu histórico de Toledo.

Neste capítulo, são analisadas diversas publicações e materiais produzidos pelo ou a partir das coleções de fotografias do museu, tais como: o álbum fotográfico “...E assim iniciou Toledo”, os banners do museu que destacam o processo de ocupação no município e hino municipal, a Cartilha de Toledo, que constitui material didático trabalhado nas 3^{as} séries e 4^{os} anos do ensino fundamental da rede pública municipal. Neste capítulo se analisa o lugar das fotografias nas ações do Museu Histórico Willy Barth, desde sua constituição, e o papel do museu na coleta, preservação, seleção e divulgação de um conjunto de fotografias da cidade. Estas ações podem ser vistas como parte do que Andreas Huyssen denominou de *boom* dos “passados presentes” no mundo contemporâneo nas últimas décadas do século XX. Este processo de difusão de práticas memorialísticas tem se utilizado também das fotografias como suporte. Em Toledo, este desejo incontestado de “puxar” o passado para o presente nos leva obrigatoriamente à análise dos usos e dos sentidos dados às fotografias da cidade no presente, pois elas têm forte peso na memória visual da cidade.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. P. 25

²⁰ BOURDIEU, Pierre.. Op. Cit. P. 23

1 A UTOPIA DO PROGRESSO: TRANSFORMAÇÕES E NARRATIVAS URBANAS EM TOLEDO

O Sertão do Terceiro Planalto viveu como deserto século e séculos, sem que nele existissem a não ser os elementos da fauna agressiva, até que o Peabiru fosse aberto e por ele passassem os primeiros indivíduos do gênero humano.

Toda essa gente que passava pelo Oeste parecia não se amedrontar com o isolamento, com a mata bravia, com a ferocidade da fauna, com os atoleiros ou mesmo com a insalubridade do ambiente. Pelo contrário, todos sentiam como que o despertar da própria cobiça por algo que de grandioso parecia existir no ar, na floresta, nos rios e na terra do sertão.

E foi, sem dúvida, essa cobiça, transmitida de gerações em gerações, desde a mais remota das eras, o que trouxe ao sertão do Oeste uma leva de desbravadores para, num racional processo de “colonização”, fazer brotar e desenvolver-se Toledo²¹.

As terras destacadas na epígrafe acima, localizadas no Oeste do Paraná, foram muito tempo vistas como um “sertão inóspito”. Foram adquiridas em 1945 pela Colonizadora MARIPÁ da Companhia de Maderas Del Alto Paraná, que era proprietária de uma grande área territorial, denominada “Fazenda Britânia”, também caracterizada como *obrage*²², com o objetivo fundamental de extrair madeira e erva-mate e comercializar as terras.²³

No ano seguinte à aquisição da Fazenda Britânia, deu-se efetivamente início o processo de “colonização” com migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, demarcando-se esta área em minifúndios. À Fazenda Britânia, foi dado o nome de Toledo, em virtude dos primeiros moradores estarem às margens do Arroio Toledo, fundada oficialmente em 27 de

²¹ SILVA, Oscar. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988. P. 17.

²² Segundo Wachowicz, “A obrage denominada Fazenda Britânia, teve origem em 1905, quando o chefe político da região, Jorge Schimmelpfeng, através da lei nº 610 de 06/04/1905, adquiriu 250.000 hectares de terras devolutas, a título de compra, (...). (...) Jorge Schimmelpfeng comunicou ao governo do Estado do Paraná, a organização de uma empresa para a exploração da obrage. Era a *Compañia de Maderas Del Alto Parana* e que era representada por Hilary Howard Lang. Esta companhia era na realidade apenas uma das ramificações de outra companhia inglesa: a The Alto Paraná Development Company Ltda.”. Segundo o autor *obrage* era uma propriedade e/ou exploração típica das regiões cobertas pela mata subtropical, em território argentino e paraguaio. Sua existência baseava-se no binômio: mate-madeira. Destaca-se que o interesse fundamental de um obragero não era a “colonização” em regime de pequena ou média propriedade, nem o povoamento em suas vastas terras. O objetivo principal era a extração da erva-mate e da madeira em toras, com seu transporte ocorrendo através da navegação fluvial dos rios Paraná, Paraguai e seus afluentes. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba, Gráfica Vicentina, 1988. P. 163.

²³ No Museu Histórico Willy Barth há uma cópia do estatuto de fundação da MARIPÁ - Estatuto MARIPÁ - Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 192 – Pasta 18. Segundo o artigo 2º: A Sociedade tem os seguintes objetivos: a) (...); b) Extração, produção, industrialização, beneficiamento e comércio em geral de madeiras e derivados, inclusive sua exportação para os mercados estrangeiros; c) Produção, industrialização e exportação da erva-mate. d) Compra e venda de terras e “colonização” em geral. (...).

março de 1946.²⁴

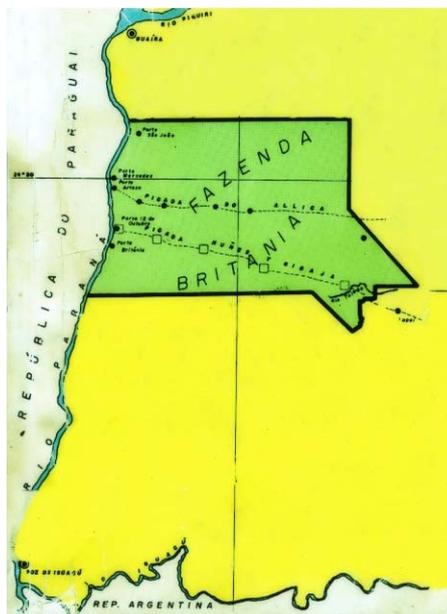


Figura 1 - Mapa Fazenda Britânia, 1946.²⁵

O processo inicial de ocupação era pautado num sistema produtivo baseado na agricultura, já desenvolvida pelos compradores de terras, provenientes em sua maioria do Rio Grande do Sul, dedicados à agricultura familiar²⁶.

²⁴ Chiba e Souza em seu trabalho de conclusão de curso de especialização relatam que: O plano pretendia dividir toda a área rural em lotes determinados colônias, cada um com aproximadamente 10 alqueires paulistas, que teriam a forma de longos retângulos de modo que nos fundos estivessem ligados para a água e na frente com a estrada. CHIBA, Ariça & Souza, Ivanor. **Práticas e Representações na Urbanização de Toledo** – PR. TCC – Especialização História do Brasil. UNIOESTE/Campus de Toledo, 1994. Acervo Biblioteca UNIOESTE – Campus de Toledo.

²⁵ Fonte: Desenho Eng^o Paulo Victor Niederauer extraído de NIEDERAUER, Ondy H. **Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua “colonização”, seu progresso.** Toledo: Grafo-Set, 1992.

²⁶ Segundo Geni Donassolo, a escolha do elemento humano foi fundamental para concretização do projeto inicial, pois: (...) do projeto de “colonização” desenvolvido pela MARIPÁ, destaca-se como consequência um processo de seleção social. Eles dividiam-se em dois grupos: grupo alemão, com 66% das ações e o grupo italiano com 33% das ações. A origem étnica dos acionistas reflete a escolha do elemento humano para colonizar as terras da Fazenda Britânia. A escolha do futuro morador e colonizador da terras era referendada por padrões étnico-raciais, dando-se preferência, a princípio, por aqueles que indicavam um ideal de trabalhador-agricultor do Rio Grande do Sul, haja visto que o foco inicial da comercialização de terras, eram os moradores do Estado-sede da colonizadora. DONASSOLO, Geni Maria. **O processo de seleção social no Município de Toledo** – PR. TCC – Especialização em História do Brasil. UNIOESTE/Campus de Toledo, 1994. p. 19. Acervo Biblioteca UNIOESTE – Campus de Toledo. Isto também pode ser visualizado no Plano de Ação, proposto pela MARIPÁ, destacando que no Oeste do Paraná efetivou-se este processo de seleção para “colonização” desta área. O Plano de Ação traz o seguinte elemento: A fim de ter êxito no empreendimento, povoar densamente a “Fazenda Britânia”, com os agricultores que mais se adaptarem à região, para dedicar-se às diversas espécies de culturas, e tendo-se em vista a fixação do homem à terra, escolheu-se o agricultor do Rio Grande do Sul (alguns também oriundos de Santa Catarina). Este agricultor, descendente de imigrantes italianos e alemães, com mais de cem anos de climatização no país, conhecedor das nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operacidade e pelo seu amor à terra em que trabalha, seria, portanto, o elemento predestinado à realizar grande parte desta tarefa. Plano de Ação – Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A. 1946. s/p.

A ideia de que Toledo seria “fruto de uma ação consciente e planejada” tem sido historicamente reproduzida por textos produzidos ou publicados com o apoio do poder público municipal, principalmente a partir do Projeto História²⁷, desenvolvido na década de 1980, discutido ao longo desta dissertação. A cidade de Toledo aparece destacada como fruto da MARIPÁ, que teria planejado a ocupação e definido critérios de quais pessoas deveriam se instalar na região. Das terras compradas inicialmente, em 1946, e que constituíram a Fazenda Britânia, apenas uma parte formará a sede administrativa e que, posteriormente, dará origem ao centro urbano de Toledo.

Diversos trabalhos evidenciam e valorizam a MARIPÁ como entidade fundadora e articuladora principal do “progresso” da região. Citamos, a título de exemplo, o trabalho de Keith Müller, geógrafo vinculado à pesquisa de uma universidade norte-americana que analisava, na década de 1970, processos de “colonização” regionais e seus desdobramentos no Sul do Brasil. Müller destaca que, no caso da Colonizadora MARIPÁ, fora realizada uma seleção social e econômica dos possíveis moradores desta área. Em sua obra se refere aos descendentes de alemães e italianos como sendo “a escolha mais lógica para construir uma economia regional forte envolvendo a produção agrícola, serviços e indústrias. A MARIPÁ poderia então esperar lucros em longo prazo assim como em curto prazo com a venda das terras”.²⁸ Esta escolha se devia ao fato da empresa colonizadora ser de origem sulista-riograndense e à necessidade de novas terras para tais produtores, em razão do processo de esgotamento das mesmas e o fracionamento em virtude das heranças e do aumento demográfico.

Müller lançava um olhar de estrangeiro sobre este processo, assim destacando em seu trabalho: “Esta companhia privada de desenvolvimento da terra, popularmente conhecida como MARIPÁ, foi formada para obter benefícios através da venda de madeira e terra, bem como partilhar do subsequente desenvolvimento econômico da região”²⁹ e que em seu trabalho a estabelece como algo singular e “necessário” para o progresso, estabelecendo-se como um diferencial no Oeste do Paraná. “Em meio a migração no Oeste do Paraná, a colônia de Toledo permanece singular nos padrões de “colonização” e condições econômicas

(Cópia). Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 192 – Pasta 18.

²⁷ O Projeto História teve início em 1983, o qual tinha como objetivo principal, “contar a história de Toledo”, estabelecido pelo decreto nº 056/83, reunindo documentação extraída dos primeiros moradores, culminando na edição de um livro, **Toledo e sua História**. O projeto teve seu encerramento em 1988. Será analisado no capítulo III.

²⁸ MULLER, Keith. **Ocupação Pioneira no Sul do Brasil: o caso de Toledo, 1973** – mimeografo. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²⁹ MULLER, Keith. Op. Cit. p. 4

diferentes das áreas vizinhas que também se desenvolvem”³⁰. O plano de “colonização”, cuidadosamente planejado e executado em Toledo, segundo Muller, contrasta enormemente com os planos de outras parte do Oeste do Paraná, “onde a colonização foi minimamente planejada e completamente espontânea”³¹. Faz assim, uma associação direta entre a MARIPÁ e a transformação da paisagem da região, personificando-a como principal “sujeito histórico”, entendido como determinante e “necessário”.³²

Caracteriza-se assim, numa área comumente destacada como “inóspita”, a formação de uma vila, gerando a possibilidade da constituição de um núcleo urbano. O objetivo primeiro de arrecadar lucros em curto prazo, com a comercialização de terras e extração de madeiras, escolhendo-se, para tanto, a mão-de-obra considerada mais laboriosa e, portanto, mais apropriada para aquele projeto capitalista de obtenção e acúmulo de capitais, permitiu a mudança rápida da paisagem local. O projeto da empresa colonizadora, como será visto, seria maior e a sua consolidação se iniciou com a seleção social dos indivíduos que iriam construir tal proposta.

Em 1955, foi organizado, a posteriori, um Plano de Colonização da MARIPÁ,³³ que dá legitimidade à ideia de uma organização e controle da área, a qual subsiste até hoje em muitos círculos. O Plano foi elaborado, entretanto, quase três anos depois da instalação do município de Toledo, ocorrido em 1952. Ou seja, o Plano é feito num momento em que a comercialização de terras já entrara em ritmo decrescente, conforme relatórios constantes do acervo no Museu Histórico Willy Barth. Ele foi elaborado como uma prestação de contas aos órgãos governamentais do Estado - já que Toledo se emancipa três anos antes -, e também como ação publicitária das atividades realizadas pela companhia.

No início da ocupação, a meta principal da MARIPÁ era concretizar a “colonização”, concomitante à extração da madeira. O Plano de Ação inicial já previa, junto ao povoamento, prover o povoado nascente de uma infra-estrutura mínima que proporcionasse o desenvolvimento da área: casa comercial, escolas, assistência médica, etc.

Concomitante à “ocupação territorial”, os representantes da MARIPÁ destacavam nas matérias publicitárias seus empreendimentos no sentido de dotar a localidade de equipamentos urbanos no sentido de fixar os compradores das terras na região. anos mais

³⁰ MULLER, Keith. Op. Cit. p. 5

³¹ MULLER, Keith. Op. Cit. p. 5

³² MULLER, Keith. Op. Cit. p. 9

³³ Em entrevista, Ondy Niederauer, destacou que um dos objetivos oficiais do Plano, fora a participação em concurso entre as colonizadoras do Paraná. Entrevista Ondy H. Niederauer. 29/10/2009. Segundo ele, o governo estadual organizava concursos entre as empresas colonizadoras como forma de averiguação e até mesmo de publicidade das ações executadas pelas mesmas no Paraná.

tarde, dentre os dados destacados nos relatórios da empresa, publicados em jornal do Rio Grande do Sul, figuravam cinema, posto de linha telefônica, clube social, fábrica de bebidas, igreja, hospital, usina elétrica, sorveteria e bomboniere, bares, pensões, hotéis, campo de aviação, entre outros³⁴.

Nesse novo sentido de mostrar a localidade, não mais se destacava somente a produtividade da terra: porcos grandes e gordos; plantas frutuosas e de exagerado tamanho. Procura-se inserir informações que visualizassem um espaço urbano e a transformação dos espaços. Procurava-se, assim, consolidar uma nova concepção destes espaços. Tenta-se forjar a ideia da existência de um espaço urbano, esquecendo-se um passado e mesmo um presente construído a partir do rural. Em pouco tempo se ressignifica este espaço com novos sentidos³⁵.

Em diversas obras sobre a história de Toledo, apresentam-se alguns marcos da história inicial da localidade, sempre linearmente: 1) 1946: conhecimento de área caracterizada no oeste do Paraná, denominada de Fazenda Britânia; fundação da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A - MARIPÁ e chegada dos primeiros moradores trazidos pela MARIPÁ à localidade; 2) 1948-1950: organização da infra-estrutura em Toledo; 3) 1951: Visita do Governador do Estado do Paraná e início do processo de emancipação; 4) 1952: Emancipação de Toledo: primeiro prefeito e primeira legislatura; 5) 1955: Plano de Colonização sistematizado pela MARIPÁ.

Creio ser pertinente observar a referência dada a Toledo pelo autor do Plano de Colonização, Ondy Niederauer. Este autor, em 1992, publica uma obra em que rememora sua passagem pela MARIPÁ, valorizando a terra em que veio morar.³⁶ Por ser integrante desta

³⁴Dados Estatísticos da Localidade de Toledo – MARIPÁ. 31/12/1950. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 123 – Pasta 12.

³⁵Segundo Zita Possamai, as cidades sempre estiveram intrinsecamente ligadas às imagens visuais. Para a autora, os elementos estruturais da cidade – edificações, monumentos, traçados, praças - que compõem o espaço urbano são parte constitutiva desta visualidade. Tanto é assim que a cidade do presente já é tradicionalmente apreendida pelos urbanistas através de imagens visuais - plantas, desenhos, mapas e fotografias. Estas imagens seriam, dessa maneira, instrumentos que permitem apreender esta visualidade maior que comporta o urbano. Sobre a cidade existente, esses profissionais constroem um discurso, projetando a cidade do futuro. Da mesma forma, a cidade do passado pode ser lida através das imagens que restaram, sejam estas fotografias, obras de arte, monumentos ou desenhos e fachadas que permaneceram no tecido urbano. **Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. (Tese de Doutorado). In: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5251?show=full>. 15.

³⁶ Ver NIEDERAUER, Ondy. Op. Cit. Comumente se diz, a partir de referenciais do poder público municipal, em destaque os representantes do museu, que a figura do Sr. Ondy, representa a “memória viva” do processo de “colonização” e formação da cidade presenciada nos dias atuais. Percebe-se uma valorização sua enquanto o “pioneiro da construção do desenvolvimento e da divulgação das potencialidades da região”, “testemunha viva da saga do homem oestino, que transformou a mata em cidades modernas (...)” – (Prefácio de Toledo no Paraná, por Luiz Alberto Araújo, prefeito municipal de Toledo em 1992). Ou seja, esta “memória viva” representaria o que realmente aconteceu. Por que valorizá-lo, 40 anos após a municipalização de Toledo? As práticas

empresa e ter escrito uma obra de caráter memorialístico, o autor destaca os sinais de progresso e as transformações da paisagem. Reproduz a ideia de uma cidade que soube como chegar ao “progresso”, isto é, por intermédio dos representantes da empresa colonizadora, tidos como sujeitos imprescindíveis deste processo. Não são feitas referências ou descrições sobre os conflitos, tensões e problemas na execução deste projeto, visualizado através de um olhar unilateral. O autor acentua, sobremaneira, o empreendedorismo dos gerentes da citada empresa. O livro faz referência notadamente às “conquistas” dos representantes de uma elite político-econômica, valorizando a ação da empresa colonizadora como sujeito que propiciou notadamente o caminho para o progresso da região.

Segundo essa interpretação, o “progresso” tão propalado pelos agentes da colonizadora só surtiria efeito se, efetivamente, a área inicialmente conhecida como Fazenda Britânia, fosse elevada a município, o que ocorreu em 1952. Evidencia-se durante a pesquisa, a necessidade que estes grupos constituídos como uma fração de classe dominante tem em emancipar a localidade e as dificuldades para tal procedimento, visto que não havia representantes diretos na administração pública ou na assembleia legislativa do Estado. Mas a partir de uma rede de relações políticas de tais representantes, articulam não só a visita do governador do Estado a Toledo, como também promovem ações no sentido de constituir o município e de forjar projetos visando sua urbanização.

1.1. O “Milagre de Toledo”: repercussões da visita do governador

“*Aqui se fez um milagre*”. Estas foram as palavras de Bento Munhoz da Rocha, então governador do Estado do Paraná, em visita realizada à região de Toledo, em 1951. A visita torna-se um momento em todo qual se organizam elementos que configuram a ideia de uma “Capital do Oeste”, relacionada a Toledo. Naquele momento se irrompem discursos na esfera pública que afirmam a necessidade de emancipação político-administrativa de Toledo.

O Governador estava em visita a Foz do Iguaçu e, em virtude do contato feito por lideranças da MARIPÁ, por conta de interesses e conjecturas, é trazido a Toledo. Este

discursivas dos agentes públicos que valorizam apenas uma memória específica sobre a cidade destacam “os pioneiros que plantaram as bases do progresso” (Prefácio de Toledo no Paraná, por Luiz Alberto Araújo, op. Cit.). Essa perspectiva da história local é constantemente repetida e ressignificada ao longo da história.

momento é de importância impar para as pessoas ligadas à MARIPÁ³⁷. Havia o interesse em desenvolver um projeto mais amplo daquele iniciado com a “ocupação territorial”. Através da sua visita, se buscou legitimar politicamente o projeto de emancipação de Toledo e, assim, a separação administrativa de Foz do Iguaçu. A empresa colonizadora, que tinha, inicialmente rentabilidade econômica tão somente com a comercialização da madeira extraída e da venda de terras, a partir do início da década de 1950 passa a buscar a emancipação político-administrativa de Toledo pois vislumbrava, com isso, a continuidade de seus projetos de obtenção e reprodução de capitais. Senão por isso, como entender a visita desta autoridade em âmbito estadual a uma região que há poucos anos não passava de uma “clareira” aberta no meio da floresta?

Uma das tarefas específicas de Egon Bercht, diretor e sócio-fundador da MARIPÁ, era justamente a articulação política junto ao governo estadual e divulgação do processo de “colonização” promovido pela empresa na imprensa de Curitiba e Porto Alegre³⁸. Na correspondência de Egon Bercht para Willy Barth, durante o processo de articulação para trazer o governador a Toledo, se salientava a importância política desta visita, no sentido de agilizar a constituição do município de Toledo e, com isso, permitir futuros investimentos.

A maior preocupação dos representantes da MARIPÁ, naquele momento, era com a geração de eletricidade, para viabilizar o crescimento econômico. A criação do município facilitaria a canalização de recursos públicos para uma obra de infra-estrutura que a MARIPÁ não tinha condições de investir. Assim comenta Egon Bercht, na citada correspondência:

Estive hoje com o governador, Munhoz da Rocha, que me atendeu muito bem. Tratei com ele diretamente o assunto do distrito e município, a usina elétrica e outros pormenores. Também convidei-o a visitar Toledo. Disse-me que já havia sido posto a par do progresso e que seria criado o município de TOLEDO. Também se mostrou interessado pela usina elétrica, que estudará³⁹.

O próprio funcionário da MARIPÁ já tinha realizado, em fins dos anos 1940, um trabalho de divulgação de dados estatísticos sobre Toledo. Entre outros itens, se divulgaram números sobre estradas, veículos, empresas, capital investido, a infra-estrutura disponível, apontando-se para possibilidades de crescimento e valorizando-se a atuação da empresa⁴⁰.

³⁷ Destacam-se as figuras de Willy Barth, Egon Bercht, Ernesto Dall’Oglio e Guerino Viccari

³⁸ Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009. Ver também,: OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Toledo. Um Município da Fronteira Oeste do Paraná. **Estudos n°03**. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960. p. 24. e NIEDERAUER, Ondy. H. Op. Cit. p. 199.

³⁹ Carta de Egon Bercht para Willy Barth. Acervo Museu Histórico Willy Barth. 16/03/1951 – Doc. 124 – Pasta 12

⁴⁰ Dados Estatísticos da Localidade – MARIPÁ – 31/12/1950. DOC. 123. Pasta 12. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

Este documento foi elaborado e veiculado em jornais de Curitiba e Porto Alegre, no sentido de divulgar seu empreendimento. Com isto, objetivava “comprovar” o desenvolvimento da região e atrair novos compradores de terras e outros investidores.

A MARIPÁ realizava constantemente a prática publicitária para evidenciar as possibilidades econômicas da região nascente. Antes de se tornar município, já destacava tais perspectivas, como pode ser observado nesta matéria publicitária veiculada no rádio:

Bôas condições de vida se apresentam, pois é dada especial atenção ao homem individualizado e por isso muitas lições se pode tirar dessa iniciativa vitoriosa, que já venceu as primeiras etapas do ciclo urbano. Basta notar que Toledo já possui em seu derredor cerca de 400 kms. de estradas de rodagem, dispendo de assistência médica e hospitalar e uma variedade e abundancia de alimentos, (...).⁴¹

Assim, os representantes da MARIPÁ, principalmente a figura de Egon Bercht, que era articulado junto a políticos na capital do Estado, conseguiram efetivar a vinda do Governador Bento Munhoz da Rocha e sua comitiva, que estavam realizando visita a Foz do Iguaçu, para conhecerem a então Fazenda Britânia. Supõe-se que o governador tenha feito uma viagem longa, pois só havia uma picada, que posteriormente tornar-se-ia a estrada que ligaria Foz do Iguaçu a Toledo⁴².

Nas veiculações publicitárias que antecedem esta visita, procura-se evidenciar a superação da primeira etapa da “colonização” e salientar constantemente o crescimento da região. O empreendimento dependia da imagem construída e veiculada fora da região. Nisto tinha papel fundamental a imprensa falada e escrita, como jornais, revistas ou rádio. Mas, se antes se focava o empreendimento colonizador, ou seja, o processo de venda de terras, agora se afirmava o processo de urbanização da localidade. Neste sentido, a emancipação era vista como o coroamento da atuação da MARIPÁ e, ao mesmo tempo, condição necessária para a sua preservação enquanto principal agente no planejamento e desenvolvimento urbano. Para os representantes da MARIPÁ, a visita do governador estreitaria os elos com o poder político estadual, podendo, assim, facilitar a emancipação de Foz do Iguaçu.

Além disto, percebe-se neste momento elementos que caracterizarão futuras práticas e representações daquele espaço. O discurso proferido pelo governador, em meio à recepção

⁴¹ Eram utilizados os meios de comunicação escrito e falado, em jornais, revistas e rádios. Comentário feito no Programa “A Voz de S. Paulo da Rádio Record, em 15 de junho de 1951, pelo correspondente B-9 em Curitiba, distribuído pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A, sob a caracterização de TOLEDO – Fazenda Britânia – Estado do Paraná. Transcrição em acervo no Museu Histórico Willy Barth. Pasta 12.

⁴² Segundo alguns relatos dos articuladores do museu, a viagem fora realizada de jipe e passível de todas as dificuldades. Não havia aeroporto ou, muito menos, uma pista de pouso que possibilitasse melhor acesso e rapidez.

festiva, trouxe à tona a ideia de um “milagre” que estaria ocorrendo no Oeste do Paraná. Segundo as palavras do governador:

Visitando Toledo pude presenciar um milagre que repete no Sudoeste do Estado aquela transformação espetacular do Norte e mostra os resultados benéficos que a “colonização”, orientada por uma grande organização particular, pode obter. São colonos que vêm do Rio Grande do Sul, descendentes de italianos e alemães, lavradores que vêm com máquinas e com grandes recursos, podendo adquirir sua terra e estabelecer sua lavoura. Visitei vários colonos chegados há poucos meses e já estabelecidos com muito boa casa e moinhos de trigo ativamente movidos a turbina elétrica, aproveitando a energia hidráulica.⁴³

O argumento de que aquilo só poderia ser um “milagre” é a alavanca que geraria novos objetivos e práticas. A tônica dos discursos dos representantes da empresa, que se apropriam de aspectos do discurso do governador, era a de que Toledo precisaria continuar a crescer. Toledo, cuja economia tinha ênfase no setor agrícola, deveria deixar de ser mera área colonial promissora para se constituir a “capital do Oeste”. Neste sentido, pode-se entender este discurso como um discurso performativo, no sentido do qual fala Pierre Bourdieu.⁴⁴ Este autor discorre sobre a eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que eles enuncia. Fica evidente, em tal caracterização de Toledo, o ofuscamento de Foz do Iguaçu ou, pelo menos, a vontade de se desvencilhar administrativamente dela e de se sobrepor a ela.

Os representantes da MARIPÁ fazem da visita do governador uma oportunidade para fazer propaganda do seu empreendimento. A empresa pagou, naquela ocasião, reportagem de teor publicitário, que foi veiculada na *Revista do Globo*, uma revista de variedades de Porto Alegre⁴⁵. Esta revista atendia aos seus anseios específicos de divulgação: tinha circulação nacional e era publicada em Porto Alegre, sede da colonizadora e capital do estado do qual emigrou a maior quantidade de pessoas para o Oeste do Paraná. Por ocasião da visita do governador, foi engajada uma equipe de reportagem que cobriu o evento e, concomitantemente, produziu material publicitário que demonstrava uma região próspera para investimentos. A referida reportagem aparece em meio a outras notícias que versam sobre atividade circense, moda, etiqueta, entre outros temas.

⁴³ Discurso do Governador Bento Munhoz da Rocha em visita à Toledo – 1951. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc 111 – Pasta 02.

⁴⁴ Sobre isso ver: A força da representação, in **A Economia das Trocas Lingüísticas**: O que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1988.

⁴⁵ *Revista do Globo*. Porto Alegre. Setembro/1951. CAMARGO, Túlio Sertório Bueno de. O Milagre de Toledo. 67-70. Acervo Museu Histórico Willy Barth.



Figura 2 - Página interna da *Revista do Globo*. Porto Alegre. 29/09/1951. P. 67. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

A ênfase no caráter urbano de Toledo tenta consolidar uma representação de cidade. Para tanto, coloca no esquecimento áreas rurais da localidade e silencia a prática da agricultura (milho, soja, feijão, arroz) e, principalmente, a produção de porcos.

A reportagem da *Revista do Globo* permite demonstrar, em esfera nacional, tal proposta: destacar o progresso pela qual passa a região, não obstante ainda não ser município. A revista dá a ver aos seus leitores o Oeste paranaense como um local que, embora desconhecido nacionalmente, estava em franco desenvolvimento e que não constituía mera área para compra de terras:

Hoje, vêem-se em Toledo magníficas realizações urbanísticas, um comércio ativo, residências confortáveis e higiênicas, uma perfeita assistência médica e hospitalar, escolas dotadas do mais moderno material pedagógico (instaladas em prédios padronizados e dirigidas por professores competentíssimos). A poderosa usina elétrica de Toledo fornece luz e energia para as residências dos colonos e para movimentar o parque fabril que ali começa a surgir com as perspectivas mais promissoras.⁴⁶

A manchete “*O Milagre de Toledo*” expõe, já em seu título, o desejo de estabelecer ao leitor que em Toledo se realizou algo extraordinário, relacionado diretamente à força dos

⁴⁶ *Revista do Globo*. Porto Alegre. 29/09/1951. P. 67. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 717 – Pasta 44

migrantes e, principalmente, ao trabalho de uma empresa colonizadora particular, a MARIPÁ, que teria estabelecido um projeto singular de constituição de uma cidade. Segundo o dicionário Michaelis, milagre (do latim *miraculum*, do verbo *mirare*, "maravilhar-se") é um fato dito extraordinário que não possui uma explicação científica. Ou seja, na reportagem, atribui-se ao processo “colonizador” uma aura divina, elogiando as transformações na região e atrelando-as à MARIPÁ. A ideia de “milagre” fazia parte de uma estratégia publicitária que, extraída do imaginário cristão, dialogava com a possível incredulidade de muitas pessoas que não acreditavam que pudesse haver uma cidade no extremo Oeste do Paraná.

Da fala do governador, portanto, se extraiu um mote publicitário para divulgar Toledo a outras regiões. A ideia de “milagre”, simultaneamente, foi usado internamente na região para legitimar as ações dos representantes da Maripá, os quais, logo depois, se constituirão os primeiros representantes do município.

Segundo os planos da empresa colonizadora, Toledo requiritava uma nova perspectiva: investidores para a organização do projeto de uma cidade. Isto é expresso na reportagem, veiculando a fala de um representante político que atestava este processo.⁴⁷



Figura 3 - Revista do Globo, Nº 544, de 29/09/1951, p. 68-69.

A legenda da primeira fotografia, à esquerda, destaca bem a propagação da ideia de progresso empreendido por uma organização não estatal: “Em sua visita a Toledo, o Gov. Bento Munhoz da Rocha constatou entusiasmado que lá, ‘o elemento humano é riquíssimo’. O Paraná o recebe diretamente do Rio G. do Sul, canalizado por uma organização particular: a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – uma organização a serviço do

⁴⁷ Discurso do Governador Bento Munhoz da Rocha em visita à Toledo – 1951. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc 111 – Pasta 12.

progresso”⁴⁸. Ao governador coube apenas constatar *in locum* aquele estado de coisas. A matéria elogia o elemento gaúcho, exatamente o maior público-leitor da revista e o principal alvo das divulgações publicitárias da MARIPÁ. A divulgação da visita do governador é desta forma, usada para legitimar o papel de atuação da empresa no Oeste do Paraná e para possibilitar novos investimentos, principalmente do Rio Grande do Sul.

Há uma produção discursiva que caracteriza Toledo não meramente como uma “colônia”, de ênfase estritamente rural e dependente de outras regiões - não se pode esquecer o fato de que fazia parte territorialmente de Foz do Iguaçu- mas como uma cidade. Sem ter-se tornado ainda distrito ou organização administrativa semelhante, naquele momento se pleiteava a emancipação. Toledo havia mostrado sinais positivos de crescimento e a matéria busca destacar isso, assim como as possibilidades de escoamento da produção. Cita sua ligação com outras áreas já colonizadas e que teriam destaque no cenário paranaense, como o caso de Londrina e Maringá e, é claro, com a capital do estado, Curitiba: “Além dos recursos de uma cidade moderna, Toledo, para o escoamento da sua produção e intercâmbio com os demais centros, construiu até agora, por iniciativa da ‘Emprêsa Colonizadora do Rio Paraná S.A.’⁴⁹, mais de quatrocentos quilômetros de estradas de rodagem”. Na reportagem, nota-se a ênfase dada à comunicação e principalmente aos meios de transporte, o que certamente era uma das maiores preocupações dos possíveis interessados em investir no local.

Ao se referir a “recursos de uma cidade moderna”, há uma aproximação de Toledo aos referenciais urbanos existentes nas regiões de circulação da revista. Entretanto, menos fundamentada em elementos reais, tais representações refletiam mais os desejos e perspectivas futuras de se estabelecer Toledo enquanto pólo econômico e político do Oeste do Paraná, ou seja, a “Capital do Oeste”.

Na fotografia que abre a reportagem “O Milagre de Toledo”, da Revista do Globo, destaca-se o espaço urbano, em foto panorâmica/vista parcial, com a rua em primeiro plano. Caracteriza-se o processo de urbanização e se dá importância às construções. Vem à tona, na leitura da reportagem e na visualização das imagens, a ideia de um local promissor, algo voltado para o futuro. Em certo momento da reportagem, faz-se um chamamento ao possível investidor: “Venha trabalhar e enriquecer conosco. Venha fazer parte deste milagre”⁵⁰.

⁴⁸ **Revista do Globo** – 29/09/1951. P. 68. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 717 – Pasta 44.

⁴⁹ **Revista do Globo** – 29/09/1951. P. 68. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 717 – Pasta 44.

⁵⁰ Talvez o leitor mais pertinente às imagens da reportagem, note a partir desta primeira, o exagero exposto, pois a propalada cidade com recursos urbanos, era de chão batido, casas de madeira, rodeada de mata virgem. Enfim, talvez denotasse mais uma vila rural, do que o cenário construído, um cenário urbano. **Revista do Globo** – 29/09/1951. P. 69. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 717 – Pasta 44.

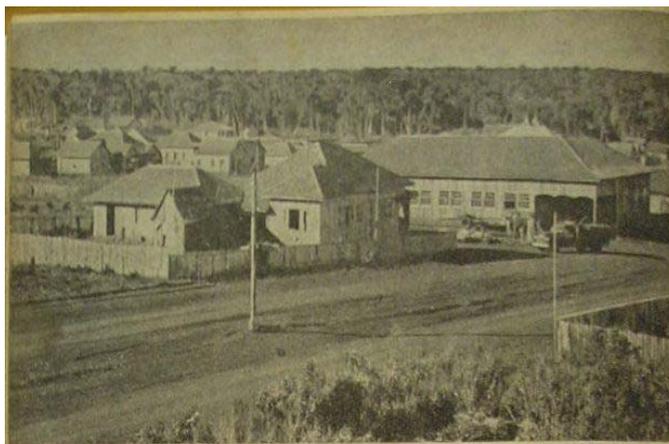


Figura 4 - *Revista do Globo*, Nº 544, de 29/09/1951, p. 68.

A recepção ao governador revela claramente as articulações políticas da MARIPÁ em torno de tal episódio. Segundo ainda a reportagem: “Evidentemente, é um milagre que se deve ao descortino e ao dinamismo da “*Emprêsa Colonizadora do Rio Paraná S.A.*”, com o apôio da esclarecida administração atual da Terra dos Pinheirais, que vem impulsionando de maneira decisiva a marcha do grande estado sulino na estrada do Progresso”⁵¹. Esta reportagem, estrategicamente formulada concomitante à visita do governador, deveria despertar o desejo de investidores que pudessem aumentar as perspectivas de lucro da empresa.

No discurso proferido por Willy Barth⁵², diretor da MARIPÁ, em recepção ao governador no Clube do Comércio, além de se exaltar sua visita, se auto-promove o projeto da empresa:

É Senhor Governador, com o coração cheio de ardor cívico e patriótico, que Toledo recebe de braços abertos tão nobre visita, sincera e bem intencionada. Vive este lugar, um de seus melhores dias, um dos dias mais felizes de sua existência, numa emoção que é representada no semblante alegre dos que o recebem, dos que aqui habitam, dos que, - lutando pelo pão de cada dia, lutam também pelo engrandecimento do Paraná. (...) É a característica dos brasileiros, traduzida na vontade real de progredir, que tem seus olhos voltados para a grandeza da Pátria comum⁵³.

Nota-se explicitamente a barganha política:

Toledo, também conta com 764 eleitores e ainda é de Toledo que foi arrecadado pelos cofres do Estado, 40% dos impostos e taxas do Município de Foz do Iguaçu. – No ano de 1951, o próprio progresso verificado indica certo, uma arrecadação muito maior.

Toledo se sente esperançoso, porque vê, na feliz administração de hoje uma era mais promissora para o Estado, cheia de dinamismo jovem, refletida num Governo

⁵¹ **Revista do Globo** – 29/09/1951. P. 69. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 717 – Pasta 44.

⁵² O discurso proferido por Willy Barth foi organizado por Dátero Alves de Oliveira, advogado e Ondy Hélio Niederauer, contador da MARIPÁ. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc 111 – Pasta 02.

⁵³ Discurso – Visitado Governador Bento Munhoz da Rocha. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc 111 – Pasta 02.

eficiente e de mãos honradas, marcando as diretrizes progressistas, dignas do atual desenvolvimento do Paraná, (...) ⁵⁴.

Ao final, destaca Willy Barth:

Senhor Governador. A simples saudação que ora lhe é tributada, parte de gente simples, mas dinâmica, que ama o progresso, que vive um passado árduo, mas dignificante, e que, espera ter a honra de comungar dos mesmos propósitos que o lançaram na luta do engrandecimento do Paraná ⁵⁵.

Toledo tinha representantes na Câmara de Vereadores em Foz do Iguaçu, Carlos Mathias Aloysio Becker e Francisco Domingos Zardo, pessoas ligadas diretamente à MARIPÁ, fato este que demonstra a hegemonia política da empresa. No entanto, se pleiteava a constituição de um município, uma *cidade* que possibilitasse que aquele grupo se consolidasse também politicamente no estado. Nas falas se insiste constantemente na ideia de progresso como argumento para se atrair recursos, tanto de investidores ⁵⁶, como também do Estado.

As práticas discursivas que assinalam o “progresso” de Toledo, em diferentes momentos de sua história, se colocam como um campo cheio de possibilidades de leitura e interpretação. Naquele momento, o discurso do progresso e da “Capital do Oeste” visava consolidar o propósito de emancipar Toledo. Os agentes sociais que aparecem na esfera pública, ligados à MARIPÁ, acentuam sobremaneira a necessidade e urgência em investir numa infra-estrutura urbana com o apoio de recursos do Estado, com a perspectiva de reprodução de seus capitais. Nos anos 1950 já havia decaído a extração madeireira, como também a comercialização de terras, com a diminuição gradativa de novos compradores ⁵⁷. O foco econômico não deveria e não poderia ser apenas através da venda de terras e de madeira. O objetivo era expandir a rede de serviços urbanos, o que demandava uma mudança em sua configuração político-administrativa.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem, *ibidem*.

⁵⁶ Em entrevista com Ondy H. Niederauer, 29/10/2009, o mesmo destaca que os recursos privados dos sócios da MARIPÁ haviam diminuído sistematicamente, pois investiam na localidade e não tinham o retorno em curto prazo. Faziam-se balancetes patrimoniais e dos recursos aplicados, publicando-os em jornal de circulação de Porto Alegre. Ondy relata que foi Willy Barth que evidenciava para os acionistas este novo projeto, de forma a incentivá-los a continuar com os investimentos, mesmo em baixa escala. Por isto que se observa com veemência e até mesmo agressividade publicitária, para atrair recursos estatais, bem como a instalação de um aparato burocrático-administrativo público-estatal. A esfera pública daria legitimidade ao projeto privado.

⁵⁷ Ver Relatório Oficial – Venda de Terras – MARIPÁ. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 121 e 122 – Pasta 12.

1.1.1. A constituição da esfera pública e as narrativas da cidade do futuro

Um dos objetivos propostos, a partir da visita do governador, ou seja, a constituição do município de Toledo, foi concretizado naquele mesmo ano. Através da Lei nº 790, sancionada pelo governador Bento Munhoz da Rocha, no dia 14 de novembro de 1951, criava-se o município de Toledo, desmembrando-o de Foz do Iguaçu. Deste momento em diante, estava instituída legalmente a esfera burocrático-administrativa local, a qual permitiria dar legitimidade aos desejos das elites locais em pleitear com mais facilidade recursos públicos. Efetivamente, após todos os trâmites legais, o primeiro prefeito e a primeira legislatura tomaram posse em 14 de dezembro de 1952. Esta data, entretanto, não representa uma cisão na história da localidade, uma vez que o poder público municipal constituído e o primeiro órgão de imprensa, logo depois criado, mantêm relações extremamente próximas à empresa colonizadora.

No tocante aos meios de comunicação, notadamente o jornal criado em 1953, *O Oeste*, observa-se claramente que os mesmos sofrem uma relação direta de monopolização e direcionamento político de representantes da Maripá. Alguns setores hegemônicos⁵⁸ do município, frações de classes que detêm capital material e simbólico, verbalizam, através do discurso textual, a caracterização da cidade que desejam, através de um imaginário social e visual a ser constituído. Porém, detecta-se um paradoxo: se por um lado, o sonho de uma cidade moderna se coloca em primeiro plano e, por isso, se privilegia a aparência urbana de Toledo, por outro, a mesma depende exclusivamente do desenvolvimento das atividades rurais.

Baczko nos fala do imaginário como objeto de poder. Ou seja, a sociedade seria um campo de lutas para definição do que pode ser legitimamente dado como real. Desta forma, o imaginário se caracteriza como um sistema de ideias e imagens que formam uma representação coletiva, essencial para qualquer exercício de autoridade e dominação social. Os discursos assim constituídos fundamentam uma estruturação e sua prática de legitimação sobre esta comunidade em particular. São práticas que se fazem em determinados contextos, buscando objetivos evidenciados na prática social e, concomitantemente, nos resultados daí advindos. O imaginário de cidade, transpassado por uma utopia do progresso, veiculado em

⁵⁸ Edmundo Dias, caracteriza o processo hegemônico como sendo a relação racional da classe que efetivamente se faz história e obriga assim, as demais classes a pensarem nesta história que justamente não lhes pertence. “Representa a conquista do consenso da parte da sociedade civil para a implementação do projeto de governo daquele que está no poder. (...) Um determinado projeto é hegemônico, quando desfruta de consenso e consentimento geral. In: **CADERNO DE TEORIA POLÍTICA**, Alair Silveira, Maio/2000. Disponível em: sintep.org.br/download/TeoriaPolitica.doc..

Toledo por sujeitos reais e com objetivos concretos e intencionados, é constituído pela atuação dos agentes históricos de caráter hegemônico, na prerrogativa de se constituírem lideranças da esfera pública política recém-criada.

Tais práticas e representações deste imaginário de cidade moderna são fundamentadas nas páginas do jornal local como mecanismo de delimitação dos parâmetros a serem constituídos e retirada de possíveis arestas que estivessem surgindo.

Ao visualizar o papel da imprensa, Marialva Barbosa destaca sua relação com as práticas de poder, ao afirmar que:

Essa construção dos acontecimentos obedece a parâmetros de natureza ideológica e que remete a questão do poder. Ser senhor da memória e do esquecimento é ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro próximo ou distante. Essa infinita capacidade geradora é ainda mais emblemática quando se possui o poder de nomeação na sociedade.

Legitimando o acontecimento, divulgando-o, caracterizando-o através da linguagem e tornando-o oficial, a mídia tira das zonas de sombra o que precisa ser destacado e impõe uma visão de mundo, que atua outorgando poder. Constituindo os acontecimentos os meios de comunicação tornam-se, portanto, senhores da memória da sociedade. Transpondo fatos para a categoria de acontecimento (definido como descontinuidade constatada a partir de um modelo de normalidade considerado a priori), privilegiam determinadas informações em detrimento de outras. Para isso, é dado ao produtor do discurso o direito de falar de fatos, eventos, ocorrências que não foram registrados em sua presença. É dado, portanto, aos jornalistas o estatuto de produção de um discurso considerado como crível, ou melhor, de um discurso acreditado como verídico.⁵⁹

Nesta direção compreendemos o papel do jornal *O Oeste*, o primeiro periódico de Toledo⁶⁰. O jornal se constitui em 1953 como uma instituição da “esfera pública literária”⁶¹, na qual os interesses privados da MARIPÁ, através de seus representantes, procuram se efetivar. Perceberemos isso tanto nas matérias cotidianas do jornal *O Oeste*, como nos

⁵⁹ BARBOSA, M. C. **Senhores da Memória**. As Relações Significativas Entre Imprensa e História. *INTERCOM* (São Paulo), São Paulo, 1994. p. 46. A autora também destaca que “As representações sociais, como aquelas presentes no discurso da imprensa e da mídia, ou no discurso oral dos moradores mais antigos e de personalidades locais ou mesmo em fontes documentais, museus, institutos históricos, entre outros, são discursos memorialísticos produzidos na região e em cada um a memória faz lembrar e esquecer fragmentos da história. (...) No entanto, a história foi partilhando seu papel como construtora da memória oficial a partir da inserção das tecnologias da comunicação no tecido das sociedades industriais. A mídia se transformou no principal lugar de memória das sociedades contemporâneas e passou a ser a principal testemunha da história”. Op. cit., p. 61

⁶⁰ Sobre a imprensa e o primeiro jornal em Toledo, Ondy Niederauer relata que: Em fins de 1950, já se fazia sentir a ausência de uma gráfica para abastecer o incipiente comércio de talões de notas, notas fiscais, faturas, duplicatas e toda sorte de impressos indispensáveis ao comércio. A dianteira, no setor coube a Clécio Zenni, funcionário da MARIPÁ, que recebeu apoio de seus colegas de profissão, de Willy Barth e Egon Bercht, fundando a Impressora Toledo Ltda. Mas foi quase três anos depois que resolveram editar o primeiro jornal toledano: “O Oeste. Sua primeira edição circulou como semanário com o n.º. 001, no dia 06 de setembro de 1953. Tinha como Diretor-Presidente: Clécio Zenni; Redator-Chefe: Willy Carlos Trentini e como colaboradores o engenheiro agrônomo Rubens Stresser e este autor, contador Ondy H. Niederauer. (...). Op. Cit. p. 150.

⁶¹ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. P. 44-45

anúncios publicitários. Através do jornal, há a constituição de práticas discursivas que concebem o que se entende por cidade.

A partir de alguns referenciais de análise de discurso propostos por Eni Orlandi⁶², destaca-se que tais objetos simbólicos na imprensa local, produzem sentidos, dando significado para os sujeitos a serem atingidos, bem como dos sujeitos gestores de tal prática. Estes sentidos, resultantes das relações sociais que envolvem os discursos e os sujeitos, provocam em Toledo o estabelecimento de um imaginário social de cidade, baseada em ideais de modernização, determinando a tentativa de uma formação hegemônica em como concebê-la e visualizá-la.

A clara ligação entre uma empresa privada, a MARIPÁ, e um órgão da esfera pública como o jornal, permite visualizar interesses mútuos, sejam eles políticos ou econômicos, e tentar produzir consenso. Segundo Jürgen Habermas, “as pessoas privadas não se entendem entre si apenas enquanto seres humanos no plano de sua subjetividade, mas gostariam de determinar, enquanto proprietários, o poder público em interesse comum.” A esfera pública, neste sentido, se apresenta “como instância mediadora à efetividade da esfera política”.⁶³

O diretor-presidente do jornal, Clécio Zenni, era funcionário da MARIPÁ e fez parte da primeira e segunda legislatura de Toledo, foi eleito pelo PL – Partido Libertador. O PL não tinha representatividade nacional, mas revela uma grande força na primeira eleição municipal. Tal partido não tinha diretório ou organização no Estado do Paraná, tanto que sua criação e estabelecimento, se baseou na estrutura de um antigo partido do Rio Grande do Sul, através de Willy Barth. Desta forma, estabeleceu-se a possibilidade para que pudesse ser realizada a primeira eleição municipal, legitimando assim a disputa partidária. A relação próxima que os representantes da MARIPÁ gozavam com o governo estadual percorreu um caminho de distanciamento, após o período da constituição do município, deixando para os munícipes a tarefa de organização da nova municipalidade. Porém, a relação próxima e tênue entre o poder político e a MARIPÁ se manteve e determinou as ações tomadas no espaço urbano.

Para a primeira eleição, também fora criado um diretório do PR - Partido Republicano, que era o mesmo do então governador Bento Munhoz da Rocha, e um diretório do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, partido do então presidente da República, Getúlio Vargas, e de forma menos expressiva, um do PSD – Partido Social Democrata e outro da UDN – União Democrática Nacional. Alguns livros sobre o período mostram que os primeiros articuladores

⁶² Ver ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

⁶³HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 73.

da eleição municipal olhavam com estranhamento o afastamento em relação ao governador. Como forma estratégica e política, as frações de classe, no interesse de não romper os laços políticos e de reciprocidade com o governo estadual de forma unilateral, organizaram o pleito eleitoral, destacando todos os partidos que tinham representantes considerados importantes tanto na esfera estadual e federal. Tanto que o primeiro Prefeito foi candidato pelo PTB, sendo apoiado pelo PR e PL. Dos nove vereadores, houve a vitória de oito (8) do PL e um (1) do PR. O PL tinha como liderança, os diretores da MARIPÁ, Willy Barth e Egon Bercht, que não participaram como efetivos representantes, nem do executivo, nem do legislativo, em virtude de suas funções-chave na empresa e dela não ter consolidado toda sua proposta organizacional. No entanto, a tênue fusão entre ambos se permitia visível, como constatado no “acordo tácito entre Prefeitura e Colonizadora para que o uso das máquinas desta empresa executassem trabalhos que a municipalidade precisasse”⁶⁴. Isso revela como o aparato público se confundia com o da própria MARIPÁ.

Quase a totalidade dos vereadores, como no caso do Prefeito, tinha uma ligação direta com a MARIPÁ: Guerino Antonio Viccari era construtor de estradas da MARIPÁ, Clécio Zenni, sub-gerente da Agroindustrial do Prata Ltda⁶⁵, Ondy H. Niederauer, contador/procurador da MARIPÁ, Leopoldo João Schmidt, motorista da MARIPÁ, Alcebiades Formiguieri, funcionário da MARIPÁ, Waldi Winter, corretor de terras em General Rondon para a MARIPÁ. O prefeito eleito Ernesto Dall’Oglio foi o primeiro médico a residir em Toledo, vindo pela e para a MARIPÁ.⁶⁶ Um dos primeiros secretários municipais empossado em 1953, Francisco Safanoff, exerceria a função de editor-chefe do jornal, já no primeiro ano de sua circulação, por causa de transferência do então editor-chefe, Willy C. Trentini, para General Rondon, passando a ser correspondente deste distrito.

O jornal *O Oeste* surge neste contexto, como forma de divulgação, propaganda e representação dos discursos orientados pela sua mantenedora.⁶⁷ O jornal era um dos

⁶⁴ Ondy H. Niederauer. Op. Cit. P. 220.

⁶⁵ Empresa criada a partir de desmembramento da MARIPÁ, mas que tinha como sócios-fundadores, acionistas da MARIPÁ.

⁶⁶ Em uma entrevista, o Sr. Ernesto Dall’Oglio comenta que foi indicado para se candidatar a prefeito por Willy Barth, visto que o mesmo, por tantos afazeres, não poderia se dedicar a tal atividade. “O Willy, que era quem mandava na cidade, deve ter pensado “vamos mandar o doutor se candidatar porque ele não faz nada mesmo”. In: **Toledo 50 anos - CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIAS**. Jornal do Oeste. Coordenação: Luiz Alberto Martins da Costa; Reportagens: Luiz Alberto Martins da Costa, Rosângela Cristine Gris, Marcio Pimentel. Toledo: sul Gráfica, 2002. P. 15

⁶⁷ O jornal tem sua primeira edição no dia 06/09/1953. sob a direção de Clécio Zenni e como Redator-Chefe Willy C. Trentini Inicialmente, o jornal, editado em quatro páginas em preto-e-branco. Sua veiculação foi semanal, com uma tiragem de 100 exemplares, sendo comercializados no município através de assinaturas semestrais e venda avulsa, bem como a disponibilização de alguns exemplares para a cidade de Cascavel e

primeiros suportes de práticas discursivas que fundamentariam a concepção e o desejo de uma cidade “moderna”. Representantes da MARIPÁ destacam tal relação, pois, nas palavras de Ondy Niederauer, o jornal, “não obstante ter a iniciativa partido de particulares, especialmente de Clécio Zenni, serviu [...] como mais um dos apoios para a estrutura do progresso da Fazenda Britânia”⁶⁸. Ou seja, o jornal surgiu justamente para servir aos anseios do recém-criado aparato administrativo-político, possibilitando assim, legitimar e propagar suas ações.

Ao se articular discursos, representações e imagens que remetem diretamente ao urbano, observa-se inicialmente que estas são práticas indispensáveis para a atuação dos agentes históricos que pleiteavam uma primordialidade neste processo. Estes agentes em Toledo, entre embates e disputas pela homogeneidade e controle político-econômico, estabelecem práticas que fundamentarão a organização político-econômica que os beneficiem. Os ideais de cidade são perpassados por tais interesses e relações. O jornal investe na necessidade de modernização de comportamentos no espaço público, no sentido de educar os sentidos dos moradores e de adequá-los ao seu projeto de cidade. Duas reportagens que chamam a atenção: 1) O uso de correntes no carros em dias de chuva/formação de barro, que implicaria em custos na conservação das ruas, sendo passível de multa, a partir da execução do Código de Posturas; 2) Normas de Conduta para as pessoas que fizessem uso das agências bancárias: como se portar, roupas, calçados, etc.⁶⁹

O jornal veicula em seus artigos, colunas e crônicas, os anseios, perspectivas e modelos para a concretização efetiva dos projetos das elites do novo município. O jornal se apropria da ideia do “Milagre do Oeste”, destacada durante a visita do então governador do Estado, e a destaca como manchete principal da primeira edição. Esta ideia se torna a base discursiva da propagação das ações da nova municipalidade. Esta recorrência será latente na prerrogativa de estabelecer significados para os projetos de cidade, naquele momento inicial de constituição do município. As primeiras linhas do semanário já evocam o desejo de estabelecer uma relação próxima com a comunidade, no sentido de exaltar os meios de se alcançar o progresso para a cidade recém emancipada.

Na quadra dos dias que passam, cada vez mais se robustece a ideia qual a que, sem cultura e sem meios de veiculá-la, o povo será sempre um mero expectador dos fenômenos que dizem de perto com o progresso e a ciência. De igual modo não se

Guaira. Em sua primeira edição teve a seguinte formatação: 1ª página, com matérias específicas de Toledo e seu processo de desenvolvimento; 2ª página, destaque para a Coluna Agrônômica e Coluna Veterinária, Noticiário Católico e publicidade de algumas empresas locais; 3ª página toda destinada à publicidade (está página continha quadros de quatro empresas: Agro Industrial do Prata, Empório Toledo, Cerâmica São Francisco e Departamento de Eletricidade – Oficina/Vendas; 4ª página, destacando as atividades sociais: viagens, agradecimentos, festas paroquiais, entre outros. Todas as edições seguiram praticamente esta formatação inicial.

⁶⁸ Ondy H. Niederauer. Op. Cit. P. 152.

⁶⁹ Jornal *O Oeste*. 06/09/1953. Ano I. nº 1, p. 3.

admitirá possibilidade de progresso sem as luzes do algo que diga com a ilustração.⁷⁰”

E desta forma, mais do que ser meramente um meio de informação, representava os interesses de frações das elites locais: divulgar as ações do recém-instalado governo municipal e da Câmara de Vereadores:

A relação entre os articuladores do jornal semanário, a MARIPÁ e o poder público constituído é muito próxima, visto que o jornal foi estabelecido a partir da presença de funcionários da MARIPÁ, como visto, e que eram representantes eleitos da primeira legislatura municipal. O dirigente do jornal estava momentaneamente em exercício como presidente da Câmara Municipal, em 1953, devido ao fato do primeiro prefeito eleito estar em processo de cassação. Todas as divulgações das ações que envolviam esta relação entre público e privado, articulavam a ideia de desenvolvimento de elementos urbanos da cidade. Toledo é representada como localidade que deveria deixar para trás as características de “colônia”, de aspectos rurais e agrícolas.

Conforme Alain Touraine destaca, “o modelo capitalista de modernização se define, (...) por um tipo de ator dirigente, o capitalista”⁷¹ e temos em Toledo, uma referência a uma fração de classe que tenta articulações voltadas para o futuro, que permitiriam estabelecer o progresso, correlato ao desenvolvimento de aparelhos que identificassem a cidade como modernizante. Assim, os anseios de modernização para a cidade, perpassariam possibilidades de concretização e reprodução de seu capital.

As atividades da Prefeitura e da Câmara Municipal eram, em geral, assim destacadas no jornal: “Trata-se de mais um empreendimento do Presidente da Câmara em exercício da Prefeitura, trazendo PROGRESSO constante ao nosso município”⁷². Estas ações discursivas nos remetem às considerações de Roger Chartier, quando afirma que todas as práticas “visam, de fato, fazer com que a coisa não tenha existência a não ser na imagem que exhibe, que a representação mascare ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente”⁷³. Pensando a partir desta definição de Chartier, observa-se que as representações do urbano em Toledo

⁷⁰ Jornal *O Oeste* – 06/09/1953. Ano I. nº 1, p. 1.

⁷¹ TOURAINE, Alan. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1994. P. 32.

⁷² Jornal *O Oeste* – 06/09/1953. Ano I. nº 1, p. 1. A ideia de progresso será constantemente destacada nas páginas do noticiário local Sobre a questão do progresso, Alan Touraine comenta que “não se trata mais simplesmente de dar passagem à razão afastando os obstáculos do seu caminho; é preciso querer e amar a modernidade; é preciso organizar uma sociedade criadora da modernidade, automotriz”. Op. Cit. p.70. Assim, tais representantes de classe, de forma específica, utilizavam-se do jornal para tentar imprimir o desejo de progresso e desenvolvimento para Toledo. Os referenciais que antes, eram destacados amplamente nas propagandas de comercialização de terras, demonstraria uma cidade em transformação.

⁷³ CHARTIER, Roger. 1990. P. 185.

designam “o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais”⁷⁴, dando ênfase a este processo de imaginário. Ou seja, não se constitui uma produção social abstrata, mas com vinculação direta com a materialidade, atestada pelas representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear, por exemplo, sua veiculação, e a definição submetida ou resistente, que produz de si mesma. A noção de representação é formulada pelo mesmo autor como um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é”⁷⁵, através da viabilização de sujeitos reais, sujeitos concretos, que objetivam algo concreto: a constituição de uma possível cidade que referendasse seus anseios.

A maioria das notícias do jornal estava carregada do teor, ora de grandiosidade, ora de euforia, contrastando com momentos de dúvidas e preocupações quanto aos rumos da cidade. Junto às referências à infra-estrutura de caráter urbano, como, por exemplo, mecânica de automóveis, hospital, agência bancária, constantemente há o alardeamento da conquista de novas instalações, sempre representadas como uma prova do “progresso”: “O Oeste” cumprimenta a população por mais este passo gigante em prol do progresso de Toledo”⁷⁶. Outro exemplo: “(...) e por fim, a majestade que no Oeste cresce e se denomina Toledo. Toledo é uma cidade com apenas quatro anos de idade e tudo ali existe e tudo ali é perfeito e completo”⁷⁷. Percebe-se no discurso do jornal que, em alguns momentos afirmam-se referenciais de modernidade e, em outras, o desejo de instaurá-las. Ou seja, nestas práticas envoltas nas páginas do jornal, há uma fissura nesse discurso do progresso quando há a menção à falta, à necessidade de outros investimentos, pois, ao invés de afirmar a modernidade, visa instituí-la. Entretanto, o progresso é sempre o referencial dos discursos sobre o município.

Segundo o jornal, progresso não seria apenas a incorporação de instituições públicas estaduais e federais de cunho administrativo e econômico. Ele também deveria se concretizar no campo da cultura, com a criação de grupos escolares, cinema, biblioteca. Esta é a constatação feita quando o jornal noticia a inauguração da primeira biblioteca: “E desta forma, a Capital do Oeste dá mais uma prova de progresso no sertão paranaense”⁷⁸. Ou seja, o jornal se concretiza também como um órgão de prestação de contas do governo municipal.

⁷⁴ CHARTIER, Roger.,1990. Op. cit. p.17.

⁷⁵ CHARTIER, Roger. 1990. Op. Cit. P. 184.

⁷⁶ Jornal *O Oeste* – 13/09/1953. Ano I. n° 2, p. 1.

⁷⁷ Jornal *O Oeste* – 13/09/1953. Ano I. n° 2, p. 1

⁷⁸ Jornal *O Oeste* – 25/10/1953. Ano I. n°7, p. 1

No ritmo acelerado de progresso que segue Toledo, rara tem sido a semana que não nos tenha trazido novas surpresas, novas realizações ou pelo menos, estudos para novos empreendimentos. Se fizermos mentalmente um breve retrospecto do que tem surgido em Toledo nestes últimos meses, quedaremos simplesmente admirados ante o inegável DESENVOLVIMENTO que aqui se verifica⁷⁹.

O município de Toledo é destacado nas páginas do jornal através de representações mediadas pela utopia do progresso. Em virtude da dificuldade de comunicação com outras regiões, tenta-se criar em Toledo um meio mais prático, rápido e, para o momento, viável: um campo de pouso. Em fevereiro de 1953, utilizando-se do maquinário da MARIPÁ, foi aberta a pista e feita a terraplanagem, em menos de 3 dias, permitindo assim uma ligação direta e rápida com outras localidades, principalmente a capital do Estado. A tal ação é dado grande destaque no jornal: “AÉREO-PORTO DE TOLEDO – Parece ser demasiadamente pomposo o título acima, para o nosso campo de pouso. Entretanto é necessário que nos habituemos a realidade do progresso em nossa cidade”⁸⁰. A redação da notícia apresenta tons literários, ao se referir ao campo de pouso: “como se fosse uma criança, à qual damos o que há de melhor em nós, e que a vemos crescer, linda, majestosa e promissora”⁸¹.

Insistentemente o jornal se refere à ideia de progresso. Esta insistência se percebe tanto no jornal, bem como em documentos produzidos pela Câmara Municipal. Ao legitimar este “progresso” com a demonstração de ações e práticas geradas pela estrutura política municipal, as atividades da Câmara também serviriam concomitantemente como propaganda para a MARIPÁ, na perspectiva de estabelecer um grande empreendimento capitalista e destacar o progresso pelo qual a cidade supostamente estaria passando. Neste sentido, cada novo aparato urbano é anunciado como produto a ser destacado e propagandeado, estabelecendo uma confirmação do sucesso do empreendimento como um todo. A própria constituição da cidade é vista como um empreendimento, resultado de uma obra da MARIPÁ, personificada como a geradora da cidade.

Mesmo noticiando que as coisas estavam correndo muito bem, de tal forma a declarar constantemente que o progresso de Toledo andava a passos largos, o jornal indicava alguns investimentos que se faziam necessários, principalmente no sentido de se atrair novos investidores para a cidade. Um dos elementos que prejudicaria o desenvolvimento era a falta de maior capacidade de geração de energia elétrica e de novas estradas. Sobre isso, a manchete do dia 15/11/1953 adverte, em letras garrafais: “Um

⁷⁹ Jornal *O Oeste* – 01/11/1953. Ano I. n°8, p. 1

⁸⁰ Jornal *O Oeste* – 08/11/1953. Ano I. n° 9, p. 1

⁸¹ Jornal *O Oeste* – 08/11/1953. Ano I. n° 9, p. 1

problema a resolver”. O jornal assim se estabelece como mecanismo de representação dos interesses destas elites constituídas também para fora do município. Para que fossem estabelecidas novas fontes de energia elétrica, com a criação de novas usinas, e a construção de uma rede de estradas com asfaltamento, havia a necessidade de suporte financeiro do governo estadual e federal. O jornal tenta demonstrar isto ao público leitor local, numa tentativa de justificar que o governo municipal sozinho não conseguiria concretizar tais obras, fundamentais para o desenvolvimento comercial-industrial da cidade.

Não há dúvida nenhuma, o Toledo, a nossa bela e futura “Capital do Oeste” está progredindo, está se projetando para o posto de vanguarda na batalha pelo desbravamento, progresso e civilização do extremo oeste paranaense.

(...).

Mas, perguntamos nós, é possível ao Toledo manter a sua ascensão no caminho do progresso no mesmo ritmo que seguiu até hoje.

Não tropeçaremos em obstáculos que impedirão a nossa marcha para o futuro?⁸².

Os noticiários do jornal tentam estabelecer um histórico sobre as habitações, atividades comerciais e industriais na iniciante e propalada modernização constituída no município. Assim, repetidas vezes se destaca o pouco tempo de existência do município, bem como a valorização do capital humano e econômico para esta concretização, apropriando-se constantemente do discursivo proferido pelo governador em sua visita.

Mas, para que essas indústrias possam funcionar com pleno rendimento, para que possam ser ampliadas, para que novos empreendimentos industriais possam ser realizados, precisamos de força motriz, precisamos de energia elétrica que movimentem os motores que acionam as fábricas e oficinas.

(...) de erguermos aqui, neste “Milagre de Toledo” um grande e próspero parque industrial. E para isto, precisamos de energia elétrica, de energia elétrica, e mais energia elétrica.⁸³”

Nesta edição, em meio a estas preocupações, é reportada a necessidade emergente também do escoamento da produção agrícola e de porcos: “para onde iremos exportar esta promissora safra de cereais em perspectiva?”⁸⁴. As demandas criadas pelo crescimento econômico lançam ao governo municipal e à MARIPÁ, a necessidade de apoio financeiro dos governos estadual e federal, estabelecendo infra-estrutura para a comercialização e industrialização.

Além de ser um órgão que caracteriza, em suas páginas, as ações do governo municipal, o jornal *O Oeste* destaca, como já nos referimos, as atividades da MARIPÁ. Em alusão à visita de conselheiros fiscais e da diretoria da MARIPÁ de Porto Alegre, os quais

⁸² Jornal *O Oeste* – 15/11/1953. Ano I. nº10, p. 2.

⁸³ Jornal *O Oeste* – 15/11/1953. Ano I. nº10, p. 2.

⁸⁴ Jornal *O Oeste* – 15/11/1953. Ano I. nº 2, p. 1

teriam participado das festividades do primeiro ano de emancipação e de fim de ano, o jornal destaca o que chama de “a grande luta” dos envolvidos em constituir a tão propalada “Capital do Oeste”, na tentativa de exclusão de qualquer pessimismo que atrapalhasse tal intento. A visita e recepção da diretoria da MARIPÁ era tida como um evento oficial do governo municipal e, portanto, foi realizada no principal clube da cidade, o Clube do Comércio. Como em todas as recepções aos mais variados visitantes, era a pessoa de Willy Barth chamada a discursar. Mais do que uma cidade, Willy Barth representaria Toledo como um empreendimento, representando a cidade como possibilidade de obtenção de lucros. O discurso do progresso, portanto, é estabelecido a partir deste fato: a cidade como possibilidade de ganho. Esta empresa privada, que investiu num projeto de “ocupação territorial”, agora prometia possibilidades de ganho a outros investidores. O jornal relata tal evento, destacando o discurso proferido:

(...) em nome da diretoria externou os seus agradecimentos aos três fatores de PROGRESSO de Toledo: agradeceu aos funcionários a incansável colaboração; agradeceu ao Conselho Fiscal, (...) região que depois de colonizada trará grandes lucros à todos aqueles que se meteram nesta arriscada empreza. Ao se despedirem, manifestaram mais uma vez a sua alegria e o seu reconhecimento ao povo de Toledo, por terem encontrado aqui, um PROGRESSO muito superior ao que era expectativa.⁸⁵

Há a produção, por parte destes representantes da elite constituída, de um aparato discursivo sobre os rumos da cidade. Mas qual cidade desejariam? Desta forma é constituída, regulamentando-a, e não menos importante, repensando constantemente práticas que “moldam” uma concepção, desejosos de uma cidade moderna. Os problemas relativos à energia elétrica e transportes representam, neste sentido, uma ameaça à continuidade do projeto de cidade destes grupos. O jornal provoca os leitores não sintonizados com tais anseios: “Aqui não há lugar para o pessimismo⁸⁶”.

O que significaria a menção a pessimismo? Poderia justamente ser uma tentativa de anular vozes dissonantes, ou seja, quem não compactuasse ou pelo menos estivesse de acordo com os ideais capitaneados para a cidade por este grupo. E que tanto os representantes do poder público municipal, bem como da MARIPÁ, seriam as únicas pessoas que teriam condições de enxergar o futuro e, assim sendo, tinham como meta a transformação de sua cidade, representando a realidade local como algo dinâmico e próspero. Ou seja, tentava-se articular um discurso que agregasse a todos, mas que efetivamente deixava claro quem eram os agentes deste desenvolvimento. Toledo não se constituiria simplesmente como obra do

⁸⁵ Jornal *O Oeste* – 10/01/1954. Ano I. nº 15, p. 1

⁸⁶ Jornal *O Oeste* – 10/01/1954. Ano I. nº 15, p. 1

acaso. O fato do primeiro prefeito eleito do município se constituir justamente do mesmo partido do governo federal, apesar de seu partido não possuir representatividade local, em comparação ao recém constituído Partido Libertador, demonstra que os articuladores políticos não deixavam quebrar possíveis ligações políticas, mesmo que fossem ínfimas. Há uma relação de necessidades e interesses, destes representantes da municipalidade que surge.

O aumento da capacidade energética (energia elétrica), tida pelos agentes político-econômicos como crucial para maiores empreendimentos é vista como uma ameaça ao projeto de cidade moderna. E estes problemas não ficam à deriva dos embates do Governo Municipal e Câmara Legislativa Municipal, sendo justamente reforçados nas páginas do jornal. Com o título “Energia Elétrica”, um texto traz a seguinte mensagem:

Já é axiomático – mundo moderno sente cada vez mais, a fome de força motriz para movimentar as sempre maiores indústrias e satisfazer as sempre crescentes necessidades da humanidade de hoje (vêm seu desenvolvimento paralisado). (...) Porque vemos cidades tão esperançosas no início, estagnarem ou mesmo morrerem, por falta de energia elétrica⁸⁷.

Nesta década de 1950, o Brasil vivia muitas transformações, sendo marcado especialmente por grandes avanços científicos, tecnológicos e principalmente mudanças culturais e comportamentais. Os políticos e representantes da Maripá estavam em sintonia com os processos e expectativas alimentadas noutros lugares, fundamentalmente em virtude de atividades realizadas em centros urbanos maiores, como Porto Alegre e Curitiba. Nas páginas do jornal, tais cidades aparecem como referenciais desejados para a cidade. Faz-se referência também, não de forma direta, aos projetos de desenvolvimento do governo federal, de Getúlio Vargas, que os estabelece fundamentados no capitalismo de Estado. Para que o desenvolvimento da cidade continuasse, segundo o jornal, haveria a necessidade de investimentos e isto não estaria ocorrendo por causa da infra-estrutura energética deficiente.

O governo municipal tentou contrair empréstimos para a construção de mais duas usinas hidrelétricas, não obtendo êxito. Por isto, se percebe o anseio em destacar tal problemática, e estabelecer o papel da população em comungar das ações do governo, legitimando suas ações. Nesta mesma edição, o jornal faz referência a isto: “Certos de que o povo de Toledo cooperará com o entusiasmo que lhe é peculiar para o maior êxito dos festejos comemorativos deste mais um fator do *PROGRESSO* (grifo meu) da “Capital do Oeste”⁸⁸. Estas estratégias se dirigiam a um grande público local, não deixando de frisar que também se dirigia à população regional. De qualquer forma, o jornal insiste neste assunto em suas

⁸⁷ Jornal *O Oeste* – 24/01/1954. Ano I. nº 16, p. 4.

⁸⁸ Jornal *O Oeste* – 24/01/1954. Ano I. nº 16, p. 4.

matérias, sejam editoriais ou colunas específicas, trazendo sugestões e procurando dirigir a opinião pública.

Acreditava-se no futuro. O futuro fazia parte das expectativas da “colonização” e, depois, também da constituição da cidade. Segundo pensamento de Benjamin, “os homens de uma sociedade não apenas vivem o seu presente, mas também sonham com a época seguinte”.⁸⁹ Este sonho fazia parte das ações presentes de muitos dos moradores que vieram para Toledo. Nas falas dos articuladores políticos, caracterizadas no jornal, o futuro é constantemente presentificado. Para a construção da usina hidrelétrica, houve extrema dificuldade em obter o aporte financeiro necessário, 3 milhões de cruzeiros, à época, através de empréstimos bancários. Para efetivar a conclusão desta usina, representantes da MARIPÁ, comerciantes e outros investidores locais se articularam, dispostos a investir em sua construção. Em contrapartida, a Prefeitura emitiria títulos do empréstimo público, a serem resgatados posteriormente. E qualquer nova atividade comercial, industrial ou instituição político-econômica, era considerado marco conquistado pelos gestores, e destacado como sendo, “cada uma delas contribuição cada vez mais para o progresso deste “Pouso Frio” de a cinco anos, deste Toledo de hoje que, na sua trajetória luminosa, projeta-se incessantemente para o lugar de destaque que lhe é reservado no cenário paranaense⁹⁰”. Na mesma reportagem, aparecem as supostas conquistas fundamentadas até aquele momento, resultado, segundo o jornal, da “admirável batalha pelo progresso de Toledo, pelo título de Capital do Oeste. Estamos escalando o píncaro do destino glorioso que nos é reservado e vamos atingi-lo⁹¹”.

Observa-se no jornal a menção a outro problema geral para toda a região do Oeste Paranaense e principalmente para a constituição do sonho de cidade moderna: as estradas. Reivindicava-se do governo estadual e federal uma ligação com os principais centros econômicos do estado: Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Curitiba. Entendia-se que o crescimento da cidade dependia da conclusão e asfaltamento da rodovia federal que liga Ponta Grossa à Foz da Iguaçu. Além disso, havia a necessidade de que a população se apropriasse da ideia de construção de uma estrada federal que passasse por Toledo, fazendo-se assim um desvio em parábola. Nestas narrativas sobre a cidade destaca-se um discurso ufanista, valorizando por excelência todos os procedimentos realizados: “Toledo, é mais que uma

⁸⁹ KOTHE, Flávio R. (Org.). **Walter Benjamin**: sociologia. São Paulo, Ática, 1991. P. 43

⁹⁰ Jornal *O Oeste* – 31/01/1954. Ano I. nº 17, p. 1.

⁹¹ Jornal *O Oeste* – 31/01/1954. Ano I. nº 17, p. 1

cidade, é um exemplo”⁹²

Mas, afinal, por que nos anos 1950 a imprensa local caracteriza Toledo como cidade, entendida como espaço urbano moderno, rumo ao progresso? Quais os interesses e direcionados a quem, pois a sede inicial da empresa colonizadora é Porto Alegre-RS, e de forma simplista, bastaria efetivar uma campanha publicitária nesta localidade (abrangendo todo o Estado do Rio Grande do Sul) para que houvesse a venda de terras. Percebe-se, nesta concepção de cidade, a imposição de certa maneira de concebê-la por parte de representantes da MARIPÁ e, para isso, a necessidade de se constituir em município. São modificados os rumos do projeto inicial de “colonização” e fundamentalmente, estabelecidas práticas que possibilitassem determinar que ali estivesse surgindo uma cidade do futuro.

Interessante perceber que, em algumas edições, o poder público municipal tenta ser visto distante das práticas executadas pela MARIPÁ e caracterizar uma atuação autônoma na e para a cidade. Tenta-se demonstrar que são duas instituições separadas, cada qual com seus objetivos específicos: Prefeitura – organizar e estruturar a cidade que surge; MARIPÁ – empresa privada estabelecida inicialmente para colonizar esta região específica, e que posteriormente teria seu desenvolvimento juntamente à modernização da cidade, propiciando uma rede de serviços necessária àquele momento. Um exemplo é quando ocorre a aquisição de uma Moto Niveladora pela Prefeitura⁹³. Em relação aos referenciais de modernidade, infere-se que os representantes da MARIPÁ tenham como foco a cidade de Porto Alegre, pois era local de origem dos representantes desta empresa e sede inicial da mesma. No que se refere a Porto Alegre, nas décadas de 1920 e 1930 os ideais de modernidade investiram no esquecimento de uma cidade de traços coloniais que ainda se mantinham no espaço urbano⁹⁴. Guardadas as diferenças, um movimento parecido se percebe em Toledo nos anos 1950. Apesar de se constituir uma área de “colonização”, baseada na produção agrícola e pecuária, tais características tendem a se desfazer no plano discursivo.

Zita Possamai, destaca em seu trabalho que:

a modernidade, por estar associada à mobilidade, ao transitório e ao efêmero, é também pensada como um ambiente de ruptura com o passado, tornando-se a própria referência da transição do tradicional para o moderno. No contexto da cidade, assim, se expressam de forma contundente as dialéticas da destruição, que substituem velho pelo novo. Por outro lado, o antigo ganha espaço ao lado do moderno na configuração de quarteirões ou na permanência de centros históricos ou cidades inteiras conservadas. (...)

⁹² Jornal *O Oeste* – 08/08/1954. Ano I. n° 34, p. 1. A partir desta data, algumas edições foram organizadas em 6 páginas, onde as páginas 4 e 5, eram exclusivamente publicitárias. Escrita em caixa alta no original.

⁹³ Jornal *O Oeste* – 08/08/1954. Ano I. n° 34. P. 4.

⁹⁴ POSSAMAI, Zita. Op. Cit.

Nesse novo desenho urbano, no entanto, monumentos são conservados e valorizados, recebendo lugar especial na cidade. Paradoxalmente, a cidade moderna, assim, imbrica no seu espaço urbano o velho e o novo, tornando o passado parte essencial do seu presente.⁹⁵

A ênfase em tentar representar uma nova cidade, com características modernas, torna-se referencial fundamental no novo olhar sobre Porto Alegre. Segundo Possamai,

as vistas urbanas ao adquirirem grande disseminação entre os porto-alegrenses através das revistas ilustradas contribuíram para a construção de representações da cidade moderna. Fizeram isso através da valorização de aspectos e lugares da cidade que reforçavam as características consideradas referenciais de modernidade, como a arquitetura dos altos edifícios, os novos espaços de sociabilidade, as novas vias de circulação, os melhoramentos urbanos, os novos serviços” (...) Estas imagens potencializaram a sua capacidade de difundir representações sobre cidade moderna, tornando-se veiculadoras e propagadoras do imaginário de modernidade urbana.⁹⁶

Há também a tentativa, por parte do poder público, de regulamentar os usos dos espaços do município de Toledo. A partir do Decreto nº 04, de 15/12/1953, se estabelece a proibição do uso de correntes no revestimento dos pneumáticos dos veículos em trânsito nas estradas municipais. Tais práticas destoavam dos então ideais de cidade do poder público municipal. O uso de correntes nos pneus foi assim associado a práticas dos primeiros anos de desmatamento, as quais deveriam ser banidas das ruas. Além disso, o custo operacional em ajustar as ruas que não tivessem cascalho, pedriscos ou pedras irregulares, sujeitas ao transporte automotivo que as danificariam constantemente, era considerado alto pelos mandatários políticos. Lama, atolamentos, frisos nas ruas em razão dos pneus com correntes não seriam imagens desejáveis.

Estas tentativas de regulamentação das práticas e comportamentos serão mais bem desenvolvidas no primeiro Código de Posturas⁹⁷, a ser promulgado no ano posterior, em 1954. O Código de Posturas destaca a organização estrutural pela qual deve passar o município, preconizando como devem ser as ruas, praças e estabelecimentos, enfim, como as pessoas devem se portar nos espaços do município.

Vejamos alguns artigos:

ART 3º. As ruas e praças da cidade, vilas e povoações. ART 4º. As vias públicas do município são assim classificadas; 1- na cidade; a- Avenidas, com largura mínima de 30 metros; b; Ruas principais, com largura mínima de 20 metros; b- Ruas secundárias, com largura mínima de 15 metros; ART 15º - As plantas do loteamento de povoados novos a serem urbanizados, deverão ser submetidos à aprovação da

⁹⁵ POSSAMAI, Zita. Op. Cit. p. 14.

⁹⁶ POSSAMAI, Zita. Op. Cit. p. 98-99.

⁹⁷ Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 101 – Pasta 13.

Prefeitura, devendo as mesmas obedecer, quanto ao traçado e situação, aos preceitos de urbanismo moderno, observadas as condições de estética e higiene (caracterizando o controle sobre as ações a serem executadas no núcleo urbano). ART 38°. É proibido o uso de correntes revestindo pneumáticos de veículos auto motores, com capacidade de carga superior a 500 (quinhentos) quilos. ART 40°. Nos dias de chuva não será permitido o tráfego de veículos de carga de capacidade superior a 700 (setecentos) quilos excetuando-se ônibus de transporte coletivo de linhas regulares. ART. 64°. Dentro das zonas urbanas da cidade e das vilas e povoados onde existir forte núcleo de população, não é permitido a instalação de estábulos, cocheiras e chiqueiros nem a conservação de animais presos ou soltos. ART. 65°. Não será permitido manter ou atar animais sobre passeios ou logradouros públicos, nem às portas janelas de habitações. ART. 66°. É, igualmente, proibido deixar vagar pelas vias públicas da cidade, vilas ou povoações, qualquer espécie de animais domésticos, inclusive aves. ART. 156°. Nas ruas principais da cidade, dentro dos limites fixados por lei especial, não será permitida construção de prédios de madeira, qualquer que seja a sua finalidade. § Único. As construções de madeira, existentes atualmente nestas ruas, não serão mais reformadas e deverão ser demolidas a medida que se tornarem inabitáveis ou impróprias para o uso a que eram destinadas. ART. 167°. Não serão permitidos, na zona urbana da cidade, vilas ou povoações urbanizadas, cercas de arame farpado. ART. 209°. É proibido: Abandonar, nas vias públicas, animais atrelados a carroças ou outros veículos de tração animal, sem que os mesmos estejam devidamente manietados. Amarrar animais de qualquer espécie às arvores de ornamentação ou ajardinamento público, postes de luz elétrica ou de telefone, ou deixá-los subir às calçadas. Deixar animais soltos nas vias públicas ou qualquer propriedade ou bem de uso público”⁹⁸.

Ou seja, a ideia seria a de que uma cidade propensa à modernização deveria estar calcada em procedimentos modernos: casas de alvenaria, diminuição de qualquer resquício rural no setor urbano, coibição de animais soltos nas ruas, para que se pudesse visualizar uma cidade. Tanto o poder público municipal, como a MARIPÁ, se colocavam enquanto agentes da modernização em Toledo.

Sobre a modernidade, afirma Alain Touraine:

A modernidade, portanto, não está separada da modernização, (...) mas ela se reveste de muito mais importância num século (tratando especificamente do século XX), em que o progresso não é mais unicamente o das idéias, mas torna-se o das formas de produção e de trabalho, onde a industrialização, a urbanização e a extensão da administração pública transformam a vida da maioria.⁹⁹

Na reorganização dos espaços em Toledo, um dos elementos fundamentais no início do processo “colonizador”, a madeira, estava sendo desvalorizada enquanto material de construção de prédios no município. O controle e legitimação dos rumos da cidade desejada se constituiriam motivo de debate e constituição de leis na primeira legislatura municipal.¹⁰⁰ E o jornal *O Oeste* irá transcrever na íntegra o referido Código de Posturas.

Em 1955 este meio de comunicação escrita, já não se faz tão necessário. Surge a Rádio Colméia, que além de ser um meio de comunicação mais abrangente e rápido,

⁹⁸ Código de Posturas. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 101 – Pasta 13.

⁹⁹ TOURAINE, A. Op. Cit. P. 71

¹⁰⁰ Atas da Câmara Municipal de Toledo. Livro I (Primeira Legislatura). Acervo Câmara Legislativa de Toledo.

possibilitaria a informação de forma mais incisiva em toda a cidade, e também região em que fizesse parte a rede. A circulação do jornal escrito, já não se faz necessária para a veiculação dos anseios e desejos da elite local.

Neste capítulo, foram utilizadas, como fontes fundamentais, a imprensa, as atas da Câmara Municipal e fotografias publicadas em matéria propagandística, na análise de práticas que permitiram abstrair um imaginário social de Toledo concebida enquanto CIDADE do futuro. Estas representações sociais são construídas a partir dos projetos de “colonização” e de intervenção e dos agentes que articulavam o poder político e econômico.¹⁰¹

Entendemos que o próprio discurso estabelecido seja uma prática¹⁰². A força da retórica discursiva destas representações se constitui fundamentalmente numa práxis. A linguagem expressa só faz sentido porque se inscreve na história. Através do jornal local, infere-se um processo de construção de um imaginário urbano. Pode-se reconhecer a imprensa escrita local como meio importante na atribuição de sentidos às ações e aos embates existentes. Toledo era um local com traços fundamentalmente rurais, mas frações da sociedade buscavam legitimá-la enquanto cidade.

E o progresso seria o elemento norteador dos discursos sobre Toledo. Este discurso do progresso era conectado aos desejos de modernização urbana, num futuro não muito distante. O passo necessário para este estágio era, na visão dos representantes da empresa colonizadora, a constituição do município de Toledo. Afinal, como Gilmar Arruda formula, “o ato da fundação do urbano é, por excelência, o ato primordial que cria a sociedade local. Esse ato possui, nestas cidades, a capacidade de outorgar poder.”¹⁰³ A criação de feições urbanas era objetivo fundamental de muitos projetos de “colonização” no interior do Paraná em meados do século XX.

Esta configuração começou a ser moldada em Toledo no início da década de 1950, justamente por estabelecer o surgimento de ações e investimentos com relações diretas com o que se entendia por modernização desta localidade: o ideal de uma cidade com possibilidade

¹⁰¹ Segundo Roncayolo, “a cidade, ou a aglomeração urbana, apresenta dois aspectos complementares: é simultaneamente pólo de diferenças que se exprimem na ordenação interna e separam de forma mais ou menos visível os grupos sociais, as funções, a utilização do solo: e é também centro do convívio, de convergência que domina e atenua, tanto quanto possível, os efeitos da distância.” RONCAYOLO, M. **Enciclopédia Einaudi**. P. 441. Caso haja conflitos no olhar que representa a cidade, seriam atenuadas no processo de veicular, abstrair e referenciar o mesmo, tendendo a determinar um olhar único, uma identidade única para a cidade.

¹⁰² Eni Orlandi destaca que a análise de discurso se propõe a construir escritas que permitam levar em conta estes efeitos que o discurso estabelece, e explicitar a relação com um saber que não se apreende, não se ensina, mas que produz efeitos. A prática de leitura discursiva consiste assim, em considerar o que é dito em discurso e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Ver ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

¹⁰³ ARRUDA, Gilmar. **Natureza, fronteiras e territórios**. Londrina: EDUEL, 2005. P. 10.

de industrialização; a construção de ruas asfaltadas; edificações em alvenaria, de um ou mais pisos, tendo o cimento/tijolo como material, e o projeto de ampliação e melhorias quanto à produção de energia elétrica, força motriz necessária para o desenvolvimento urbano.

Parafrazeando Marshall Berman, “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promove aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor”¹⁰⁴. Toledo se configura sob este espírito, constituindo-se em local no qual os agentes que representavam a empresa colonizadora e a recém-instituída municipalidade procuravam intervir no espaço sob o sonho de transformá-lo em cidade moderna.

Mas este processo não se organizaria de forma pautada em uma linearidade que possa ser descrita tão somente através dos planejamentos que os sujeitos envolvidos com o projeto “colonizador” executaram. Ainda hoje persistem contradições e algumas práticas na cidade ainda arraigadas em elementos e noções tradicionais vinculadas ao rural e que se contrapõem a características consideradas urbanas.¹⁰⁵

A percepção de um desejo de modernização urbana começa a se efetivar na década de 1950, durante o processo de municipalização. Como veremos posteriormente, o discurso afirmador do progresso do município, é atualizado em diferentes momentos de sua história. Citamos, como exemplo, a interpretação dada por um dos memorialistas da cidade, ligado no início do processo de ocupação de Toledo diretamente à MARIPÁ, Ondy Niederauer, por ocasião da constituição do museu histórico municipal, nos anos 1980:

O progresso no oeste paranaense data de quando a MARIPÁ iniciou sua

¹⁰⁴BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. 15ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Ao se visualizar as fotografias trabalhadas no capítulo II, um item apresentado em destaque são as ruas largas e asfaltadas, ou em vias de, que demonstra as possibilidades de mudanças na vida urbana da cidade. Ou seja, como Berman afirma, “a perspectiva do novo homem no carro gerará os paradigmas do planejamento e design urbanos do século XX. O novo homem, (...) precisa de “outro tipo de rua”, que será “uma máquina para o tráfego. Uma rua verdadeiramente moderna precisa ser “bem equipada como uma fábrica”. Nessa rua, como na fábrica moderna, o modelo mais bem equipado é o mais altamente automatizado: nada de pessoas, exceto as que operam as máquinas; nada de pedestres desprotegidos e desmotorizados para retardar o fluxo. (...). P. 161.

¹⁰⁵Anthony Giddens caracteriza o processo de modernidade como portador de descontinuidades, pois argumenta que “a história humana é marcada por certas ‘descontinuidades’ e não tem uma forma homogênea de desenvolvimento”. p. 13-16. Destaca ainda que neste processo há um desvencilhamento em relação ao que se apresenta como sendo novo, bem como as relações com a tradição, ou seja, o que ainda reside como antigo, sem no entanto, excluir que há continuidades na ordem social. Segundo Giddens: Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. p. 14. GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991

“colonização”. Antes disso, com exceção dos Saltos de Guaira e de Iguazu, por serem centros de turismo, tudo era mata virgem. No Norte os vastos cafezais prometiam riquezas rápidas, no Oeste a densa mata virgem, escura e úmida, inspiravam medo, prometia aventuras. Na FAZENDA BRITANIA, tudo estava por ser feito ... Tudo que era feito, era uma experiência. (...) Houve também muito progresso na parte social e esportiva. Pois à 25 de janeiro de 1953 foi fundado o “CLUBE DO COMÉRCIO”. REDE ELÉTRICA: Formou-se a Mesa Redonda em Toledo pró construção da Usina Elétrica do Salto Rio São Francisco. Reuniram-se os poderes Legislativo e Executivo, o comércio e a indústria, com debates livres. O AEROPORTO, construído em apenas 52 horas de serviço contínuo e após de incansável trabalho pousou na pista o primeiro avião DC-3 da Cruzeiro do Sul. Eis, portanto, digo, aqui o termino deste pequeno relatório, referente, homenageando Toledo em seus 15 anos de aniversário. Pois Toledo foi progresso, está em progresso e será progresso¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Texto em forma de rascunho realizado por Ondy Hélio Niederauer em dezembro de 1967. Acervo do Museu Histórico Willy Barth. Pasta 12.

2 O FUTURO EM FOCO: IMAGENS DA DÉCADA DE 1950 EM DESTAQUE

A análise das narrativas visuais sobre a cidade de Toledo, proposta neste capítulo, é baseada a partir de um conjunto de fotografias da década de 1950 disponibilizadas pelo Museu Histórico Willy Barth. No acervo, as fotografias estão organizadas a partir de um arranjo que levou em conta alguns detalhes visuais que permitissem enquadrá-las por temas.¹⁰⁷ O conjunto de fotografias a ser analisado, entretanto, não se refere propriamente a coleções temáticas arranjadas pelo museu. Trata-se de um conjunto de imagens da década de 1950 retiradas de diferentes pastas e que correspondem às noções de “cidade” dos próprios funcionários daquela instituição.

Foi solicitado acesso a todas as fotografias referentes às décadas de 1950 para análise. Contudo, não foi dado acesso a todas as imagens, pois não é permitido que os consulentes manuseiem as fotografias dos arquivos. Os funcionários selecionaram e deram acesso a cerca de setenta (70) fotografias, aéreas ou pontuais, gerais/panorâmicas ou parciais, que denotam o processo de urbanização.¹⁰⁸ A justificativa dada para a seleção foi a de que grande parte das fotografias do acervo faz referência ao processo anterior, ou seja, ao processo de “colonização” (1946-1950).

As fotografias cedidas para consulta expressam, assim, não apenas imagens do município enquadradas pelas lentes dos fotógrafos, mas também pelos interesses e concepções dos integrantes daquela instituição. Este trabalho de seleção de imagens do passado do município pelo museu também é feito para projetos sobre história local que se utilizam, preponderantemente, do acervo de fotografias do museu e que têm sido desenvolvidos nas três últimas décadas, desde sua fundação, como a organização de

¹⁰⁷ Por exemplo: Aberturas de Vilas, Acampamento, Agrimensor, Festas, Animais, Artesanato, Aero-Clube, Bancos, Bandas, Esportes, Cinemas, Clubes, Desfiles, Desmatamento, Diocese, Educação, Energia Elétrica, Lazer (Caçada), Meios de Transportes, Caravanas, Casamentos: festas, Escolas, Estradas, Exposições Agro-Pecuárias, Famílias, Festa Porco no Rolete, Hospitais, Hotel, Indústrias, Motes, Pedras Fundamentais, Praças, Pré-colonização, Prédios/Edificações, Prefeitura, Procissões, Reuniões, Rios, Transportes/Máquinas, Vistas de Toledo, entre outros.

¹⁰⁸ Várias fotografias possuíam o mesmo ponto de referência, gerando quase uma duplicidade de imagens (fotografia retirada pelo lado oeste e outra pelo lado leste) e, finalmente, outras estabelecem situações específicas, como fotos de família, e, por conta disto, não foram entregues pelo museu para análise, pois foram consideradas inapropriadas para este trabalho.

exposições, cartilhas, álbuns, banners, tema do próximo capítulo. Neste sentido, cabe problematizar os enquadramentos da memória visual da cidade feitos pelas próprias instituições responsáveis pela guarda e preservação do patrimônio documental no município. A seleção de imagens do passado ocorre a partir de concepções e projetos de cidade no presente.

Tanto a prefeitura municipal como o museu histórico local¹⁰⁹ têm investido, nos últimos anos, numa concepção de cidade que já estaria, desde o princípio, predestinada ao “progresso”. A seleção de fotografias opera com uma lógica que, além de salientar o processo de constituição e desenvolvimento do espaço urbano, exclui do passado alguns lugares e elementos da “ocupação territorial”.

A seleção e arranjo das imagens que compõem exposição fotográfica “Toledo: Um Olhar no Passado”, exposta em espaços públicos do município em 2010, corrobora tal perspectiva. A exposição tematiza a história do município, da “colonização” até a atualidade. Para a exposição, o museu selecionou, primeiramente, 300 fotografias, das quais foram utilizadas 60 imagens. As fotografias foram acondicionadas em molduras e expostas, inicialmente, no museu, no hall do shopping Center, em restaurantes, entre outros locais.¹¹⁰ Através deste trabalho de seleção e organização das imagens, o museu intervém socialmente e atua de maneira direta na configuração de uma memória urbana.

Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos, “o acervo museológico é sempre produto da atividade humana, da história, de relações de poder.”¹¹¹ Em nosso caso específico, percebe-se como as fotografias do museu são constantemente objeto dos trabalhos da memória realizados pelos sujeitos ligados ao museu local.

As fotografias selecionadas para a pesquisa e para estes diversos projetos de divulgação de uma memória pública do município demonstram não apenas recortes da realidade efetuados pelos seus autores, ao estabelecerem o ângulo da imagem, mas também pelos que as utilizam no presente, seja na edição de material para publicação e na seleção para a montagem de exposições, seja na própria escolha de fotografias do acervo para dar acesso aos seus receptores.

Neste sentido, a seleção de fotografias, seja a feita no momento da doação, ou no momento da disponibilização, constitui um conjunto de imagens possível de análise. Ana

¹⁰⁹ Os temas museu, memória e seus enquadramentos, na constituição de uma “cultura de memória”, serão abordados posteriormente no capítulo III.

¹¹⁰ Ver reportagem veiculada em jornal local da RPCTV em: http://www.rpctv.com.br/oeste/video.phtml?Servic_ID=&Video_ID=83294

¹¹¹ SANTOS, Myrian S. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC / Iphan, Demu, 2006. P. 126.

Maria Mauad nos chama a atenção ao apontar a necessidade de escolher o conjunto fotográfico a ser analisado. A autora afirma que “a fotografia – para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias do conjunto de imagens que se escolheu analisar”¹¹². A autora alerta para se obedecer a um único padrão, ao se selecionar as fotografias, optando assim, caso seja possível, pela utilização de álbuns fotográficos, seleções definidas por fotógrafos ou instituições. Enfim, recomenda que se estabeleça um *corpus visual* através da composição em séries formais, em meio à variedade encontrada entre as fotografias, sejam elas de revistas ilustradas, de relatórios, de cartões postais, de álbuns, de coleções de instituições, não podendo ser misturados tais conjuntos na análise.

A partir das imagens disponibilizadas pelo museu e das constantes no Plano de Colonização, organizado pela MARIPÁ, pode-se perceber novos enquadramentos fotográficos e a configuração de outra visualidade nos anos 1950. As fotografias disponibilizadas pelo museu destacam o município a partir de seu centro urbano e encobrem as áreas rurais. Nelas se percebem novos enquadramentos, divulgados na atualidade como forma de se mostrar um desenvolvimento linear do espaço urbano. Estas imagens serão sistematicamente utilizadas em materiais produzidos pelo governo municipal a partir da década de 1980, com a constituição do museu histórico local.

Este capítulo trata de fotografias dos anos 1950 selecionadas pelo museu e também de fotografias constantes do Plano de Colonização,¹¹³ redigido a posteriori, em 1955. A análise tem o objetivo principal de perceber quais narrativas visuais da cidade elas apresentam e de identificar alguns padrões existentes. A partir deste conjunto de fotografias pretende-se mostrar quais as relações entre seu conteúdo e o papel do Museu Histórico Willy Barth na fixação de uma memória visual para a cidade.

2.1. Fotografia, memória e cidade

¹¹² MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. p. 89

¹¹³ As fotografias do Plano de Colonização não serão disponibilizadas nos anexos para comparação, pois o mesmo não será analisado em sua totalidade. As imagens que forem utilizadas serão referenciadas no texto. O original do Plano de Colonização encontra-se disponível no acervo do Museu Histórico Willy Barth. Suas fotografias também estão disponíveis no trabalho de Solange Portz. **As paisagens da memória: um estudo sobre as fotografias do plano de colonização da empresa Maripá – 1946-1955.** Dissertação de Mestrado em História – UFF, 2002.

Mas, afinal, como definir a fotografia e que funções ela pode assumir nos estudos sobre cidade? Seria uma reconstituição do real¹¹⁴? Com o advento da máquina fotográfica, no século XIX,¹¹⁵ supunha-se apreender o conhecimento “verdadeiro” da “realidade”, através de suas lentes. A câmera, nas mãos do fotógrafo, visualizaria o mundo e exprimiria, através de uma nova linguagem, o que é despertado, e ao mesmo tempo, desperta no ser humano. A fotografia propiciaria, acreditava-se, perpetuar o acontecimento retratado, como se a realidade pudesse ser congelada e transmitida para outros. Ela também produziria uma cultura visual que determinava o que deveria ser visto e como deveria ser visto. Sobre este momento da criação da fotografia, destaca Maria Elisa Borges:

a invenção da fotografia muito tem a ver com uma sociedade cada vez mais laica, veloz, tecnológica e globalizada onde as pessoas convivem, a um só tempo, com o medo do anonimato, a necessidade de preservar o presente, a incerteza sobre o futuro e a esperança de construção de um mundo bem sucedido¹¹⁶.

Não cabe aqui escrever sobre a história da fotografia ou nos direcionarmos ao campo semiótico, mas, conforme Kossoy, construir uma “história através da fotografia”¹¹⁷. Tanto que as fotografias, ao serem analisadas, não serão enquadradas numa teoria da imagem ou lidas através de especificidades que sejam da alçada da história da arte, semiótica ou de outra área afim. Antes de tudo, usaremos a fotografia como documento histórico. Para Ana Maria Mauad, que parafraseia Le Goff¹¹⁸, a fotografia pode ser vista, “simultaneamente, como imagem/documento e como imagem/monumento”¹¹⁹. Le Goff argumenta que “o *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (...) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”¹²⁰. Desta forma, trabalhar com fotografia, utilizando-a como documento histórico, requer necessariamente um aprendizado. Le Goff, citando a *Revista de Annales*, comenta:

¹¹⁴ Ver KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3A edição. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

¹¹⁵ Ver DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito**. Discurso sobre o método e Meditações Cartesianas.

¹¹⁶ BORGES, Maria Elisa Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Apresentação.

¹¹⁷ Ver KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

¹¹⁸ Segundo Le Goff, “Hoje o método seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos de coleção (...), os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis (...) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (...). Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso (...), trata-se de pôr à luz as condições de produção (...) e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (...). LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 470.

¹¹⁹ MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 22.

¹²⁰ LE GOFF, Jacques. Op. cit p. 526.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta de flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninha. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser homem¹²¹.

Entretanto, a fotografia, como fonte documental, proporciona uma nova forma de se trabalhar o objeto histórico. Como aponta William Meirelles:

É preciso, portanto, romper as barreiras do documento escrito, dogmatizado pelo pensamento positivista, é necessário incorporar todo este vasto acervo de material visual que os homens produziram e nos legaram, um campo aberto à exploração pela história, como experiência vivida integral e socialmente, redefinindo nossos sistemas de conceitos agregando a esses nossos objetos.¹²²

Já Ivan Gaskell expõe que “embora os historiadores utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficarem mais à vontade com documentos escritos”¹²³. Desta forma, a opção por trabalhar com fotografias implica em tratá-la como documento histórico e, não obstante, em analisá-la como suporte visual dos acontecimentos passados, o que traz em si uma relação material e causal com os sujeitos envolvidos numa prática social. Como dito, isto requer um aprendizado no sentido de estabelecer, através do uso das fotografias, uma articulação entre o passado e o presente. São questões dadas no presente e que estabelecem, a partir do diálogo com o passado vivido, um olhar sobre as fotografias na constituição de uma representação social de Toledo¹²⁴. Pensando o ato de fotografar sempre como prática social, Mauad nos lembra:

Nessa perspectiva, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida em que veicula um significado organizado, segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação

¹²¹ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 530.

¹²² MEIRELLES, Willian Reis. História das Imagens: Uma abordagem, múltiplas facetas. **Pós-História**, Assis, 1995, P. 93-103. p. 96. Disponível em: <http://reismeirelles.sites.uol.com.br/>

¹²³ GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. P. 237.

¹²⁴ Segundo Marcel Roncayolo, “a noção de cidade implica a aglomeração de toda uma população, ou seja, a concentração do *habitat* e das atividades. Atividades que se distingam da exploração direta do solo, uma vez que conduzem à especialização de tarefas, e contribuem sobretudo para as trocas e a organização da sociedade; teremos assim um tipo de vida ou formas especiais de sociabilidade; uma arrumação dos espaços e dos serviços urbanos que implica em uma organização coletiva”. In: Cidade. **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p. 397.

paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis¹²⁵.

No mundo contemporâneo, as fotografias tomam parte na construção de identidades, neste caso, identidades urbanas. Segundo Sandra Pesavento, “a identidade é uma construção imaginária que se apóia sobre os dados concretos do real e os representa por imagens e discursos onde se realiza uma atribuição de sentido”.¹²⁶ As fotografias adquirem uma função importante neste processo, pois através delas podem ser registradas ações que expressam o imaginário de uma cidade. As fotografias podem ser estratégias de referendar discursos sobre o espaço urbano presentes em outras formas de expressão. Através das lentes de uma máquina fotográfica e a partir de projetos e meios de divulgação, os agentes possuidores de capital material e simbólico de uma cidade podem estabelecer quais imagens são interessantes veicular na esfera pública. Neste sentido, nos parece relevante verificar quais os sentidos e significados da disponibilização e, sobretudo, da veiculação de determinadas fotografias pelo e/ou a partir do museu local.

É comum que famílias guardem, repassem, arquivem, manuseiem imagens que representem um determinado tempo específico de suas vidas - no sentido de estarem guardando para si e em si, a “verdade” estabelecida naquele período - uma “realidade” para visualização futura, para “relembrar” o passado. As famílias guardam fotografias, tanto as referentes a situações privadas, no espaço familiar, como de situações de seu cotidiano no espaço público, nas delimitações e circunferências de uma cidade. As representações visuais das cidades se constroem tanto a partir de imagens guardadas em seus arquivos pessoais, como da memória visual sob a guarda de instituições públicas. Fotografias em posse de famílias podem coincidir com imagens que outros vivenciaram no mesmo momento, em um passado não muito distante. As famílias também podem construir outras memórias visuais que não coincidem com as memórias coletivas produzidas por personagens diversos ou grupos que venham a constituir o referencial imagético determinante numa cidade. Uma cidade pode abrigar diversos passados, se considerarmos diversas coleções fotográficas, privadas ou públicas e, principalmente, se analisarmos suas articulações com os interesses em sua veiculação.

As imagens de Toledo da década de 1950, selecionadas pelo Museu Histórico Willy

¹²⁵ MAUAD, Ana. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, jan.-jun; ano/vol. 13, número 001 São Paulo: Universidade de São Paulo. 2005. pp. 133-174. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/273/27313105/27313105.html>. p. 139.

¹²⁶ PESAVENTO, Sandra J. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, nº 4, dezembro de 1995. P. 115-116.

Barth, denotam as transformações pelas quais o município passou e contêm representações espaciais que acentuam os aspectos urbanos. De tão divulgadas, atualmente, elas tendem a ser tomadas como um retrato da realidade passada, mas devem ser analisadas como narrativas visuais da cidade, ou seja, como se deseja que a cidade fosse vista. Procuramos, nesta análise, menos observar as transformações da cidade, neste curto período de tempo, e mais os significados atribuídos aos elementos urbanos, através dos enquadramentos das fotografias, e os padrões nelas presentes.

As imagens selecionadas tendem a reproduzir a ideia do “desenvolvimento” urbano conquistado e a ser conquistado e a idéia de uma cidade voltada para o futuro. São imagens produzidas e/ou apropriadas pela memória pública e que são reproduzidas pela empresa que deu início ao processo de “ocupação territorial” e, posteriormente, pelo poder público municipal, tomadas como ícones da memória visual do município.

Parte deste conjunto de fotografias doadas ao Museu Histórico Willy Barth circula na cidade e região através de diferentes formas, contribuindo na constituição de um imaginário social dos “primeiros tempos” e do período após a emancipação do município, ocorrida em 1952¹²⁷. Algumas delas são veiculadas em “lugares da memória” do município, como o museu e o monumento ao cinquentenário, em impressos de diferentes tipos, tais como livro didático, folders de divulgação da cidade e jornais locais. Esta produção e difusão de uma determinada memória visual, que tenciona ser hegemônica, organiza um olhar determinado sobre como a cidade se constituiu¹²⁸. Isto pode ser verificado a partir dos usos e significados que tomaram os enquadramentos propostos nas fotografias e também a partir do seu posterior arquivamento no museu e de suas estratégias de veiculação.

Esta discussão sobre narrativas urbanas nos leva a relacionar fotografia, cidade e representação. Dialogamos com o trabalho de Zita Possamai, sobre Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930, na qual a autora destaca o papel significativo das fotografias como suporte para a imagem urbana que se pretendia:

A presença da fotografia na cidade (...) o desejo de estar em sintonia com o que era então concebido como moderno, com as inovações tecnológicas, com o *demier cri* escutado na Europa. A cidade, assim, se preparava para alçar vôos mais altos, seja resolvendo problemas infra-estruturais, seja cuidando de sua imagem urbana. As

¹²⁷ Inicialmente, a MARIPÁ se utilizou destes procedimentos com propósitos específicos de propaganda, especialmente para a comercialização de terras. Posteriormente, na década de 1980, tais objetivos, agora dos representantes da municipalidade, são em construir uma “cultura da memória”, que ao valorizar os “pioneiros” e principalmente a MARIPÁ, acaba excluindo outros sujeitos e constituindo uma “identidade única” para a cidade e não obstante, a consolidação econômica e política dos representantes da MARIPÁ.

¹²⁸ Atualmente, o acervo do Museu Histórico Willy Barth, vinculado à administração pública municipal, conta com mais de três mil fotografias, catalogadas por temática, sendo divididas em décadas, como já citado.

lentes (...) acompanhavam par e passu esses movimentos, ao mesmo tempo em que inseriam a fotografia como um elemento fundamental na criação dessa nova imagem visual, alimentando o imaginário urbano moderno.¹²⁹

De forma análoga, quando da referência imagética ao município de Toledo, seja na imprensa da década de 1950 (local, regional e nacional), seja em fotografias deste período, vislumbra-se o desejo de representação do “desenvolvimento” pelo qual passava a localidade. Procurava-se propagar os resultados do projeto “colonizador”, ou seja, a constituição de uma cidade em meio ao “sertão”. A produção de narrativas visuais dialogava com questões presentes em outras narrativas de suporte textual. Ambas estavam permeadas por discursos que davam determinados sentidos à constituição de uma cidade.

Tanto as pessoas que cederam imagens (a partir das entrevistas conjuntas com a cessão das fotografias¹³⁰), bem como os funcionários do museu, reproduzem um discurso que procura, através das fotografias, certificar o “desenvolvimento” da cidade. É o que se nota através das expressões muito comuns como: “olha como era a Avenida Maripá, em 1964”; “a cidade era assim”; “o lago era um banhado, onde se caçava paca e capivara. Olha agora”. Elas são utilizadas como forma de atestar e demonstrar o avanço, de afirmar o caminho do “progresso”.

A partir da investigação dos usos e sentidos atribuídos às fotografias - tais imagens foram e são utilizadas tanto pela MARIPÁ, como pelo governo municipal, em diversos momentos da história local, e até alguns moradores que as utilizam como uma espécie de “cartão postal” da cidade – pode-se perceber suas funções na constituição de uma memória da cidade.

A ideia do “milagre” e da “capital do Oeste”, exaltadas a partir de 1951, principalmente no jornal local, *O Oeste*, como visto, foi expressa também, naquela época, em imagens em que se destacava a construção de moradias e edificações de alvenaria, órgãos públicos, ruas asfaltadas. Eram fotografias com a função de cartão-postal, produzidas pela empresa Maripá. Isto nos lembra novamente o trabalho de Zita Possamai sobre cartões-postais de Porto Alegre, onde “a fotografia colocou-se como instrumento capaz de construir uma representação visual do urbano, tornando a cidade colossal redutível a uma imagem bidimensional inteligível e ao alcance das mãos”.¹³¹ Em Toledo, as fotografias cumpriram

¹²⁹ POSSAMAI, Zita. Op. Cit. P. 48.

¹³⁰ As entrevistas, originalmente gravadas em fitas K7, sendo que algumas foram digitalizadas em formato MP3, estão arquivadas no Acervo do Museu Histórico Willy Barth. Foram-me cedidas 6 (seis) entrevistas para audição e análise, tentando observar também como realizam-se, suas falas, sua organização e possibilidades de inserção de algum conteúdo para a pesquisa.

¹³¹ POSSAMAI, Zita. Op. cit. 24

uma função de mostrar um município em que o “progresso” almejado já poderia ser visualizado.

“A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas”¹³². Retomamos novamente este argumento de Ana Maria Mauad, o qual nos impele à discussão acerca das memórias, silêncios e esquecimentos sobre a cidade presentes neste conjunto de fotografias. No caso de Toledo, as fotografias dos anos 1950 selecionadas do acervo do museu, em sua maioria, mostram tão somente o espaço urbano e um espaço específico, aquele “acima do rio”. Grosso modo, muitos habitantes fazem uma divisão sócio-econômica da cidade, a partir de sua constituição, tendo como limite o Rio Toledo. O início da cidade corresponde a uma margem do rio, com a delimitação de venda de terras pela MARIPÁ. Na outra margem, há o “Pouso Frio”, área não pertencente à Colonizadora, e por isto sujeita a invasões e apropriações, não sendo assim, considerada de moradores de Toledo. Não há registro de fotografias desta área, do período trabalhado, neste conjunto de fotografias. Alguns antigos moradores, a partir de conversas informais, contam sobre a existência de uma cancela que dividiria a cidade, fato este rechaçado pela historiografia publicada com apoio do poder público municipal, que a considera mais uma lenda urbana.

Observa-se que quando são utilizadas/publicadas as fotografias dos anos 1950, se promovem outras representações do que meramente as que figuram no contexto do exposto visualmente. As imagens são elaboradas e carregadas de perspectivas, interesses, tensões, acomodações, entre outros elementos presentes nas relações sociais. Na imagem a seguir, por exemplo, utilizada em várias atividades, sejam banners, livro didático público municipal, calendário, duas exposições sobre a história de Toledo, nota-se que a mesma foi retirada sete meses após o processo oficial de municipalização, ocorrido em dezembro de 1952. A ideia de uma cidade constituída em meio ao sertão, “planejada”, é realçada. Não são destacadas a área rural, a produção de porcos, a agricultura, entre outros elementos, mas, em contrapartida, a sede urbana do município que parece tender ao crescimento.

¹³²MAUAD, Ana Maria. 2004. Op. Cit. P. 26.



Figura 5 - Vista aérea Toledo – Julho de 1953 – Acervo Museu Histórico Willy Barth.

Ao se analisar de modo crítico as imagens, tentando perceber o comunicado imagético, deve-se relacioná-las com as intenções de sua produção e veiculação. Martine Joly destaca a complexidade em se definir o que é imagem e nos leva a compreendê-la como indicação de algo que, “embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece”¹³³.

O fato de se limitar o acesso a imagens do passado, a se escolher as imagens a serem mostradas, faz parte de um processo de construção de uma representação visual da cidade, do urbano. Ainda segundo Ana Maria Mauad, ao concebermos a fotografia, a estamos considerando como um produto cultural, fruto de trabalho social de uma produção sócio-cultural¹³⁴. Sendo assim, tal estudo das imagens reflete uma dimensão histórica destas fotografias e efetiva possibilidades de recompor interpretações de um conhecimento sobre o passado, através de um conjunto possível para estas reflexões, buscando, para além de outros aspectos, também o “ausente” da imagem.

¹³³JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996. p 13

¹³⁴MAUAD, Ana Maria. Através da imagem I: possibilidades teórico-metodológicas para o uso da fotografia como recurso didático, uma experiência acadêmica. **Primeiros Escritos**, UFF-LABHOI: Rio de Janeiro. n° 1 – julho-agosto de 1994.. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www.historia.uff.br/primeirosescritos/files/pe01-2.pdf>

2.2. “Eu fotografava imaginando o futuro”

Esta frase, de um dos primeiros sujeitos a possuir câmera fotográfica e a estabelecer enquadramentos sobre a cidade de Toledo, é de fundamental importância para tentar perceber alguns usos e sentidos estabelecidos na produção e veiculação de fotografias. Ela remete a duas questões: por que fotografar e como ler fotografias da cidade neste período?

Na nascente região que iria tornar-se o município de Toledo, poucas pessoas possuíam câmeras fotográficas devido às dificuldades de aquisição de filmes e ao custo elevado das máquinas. Segundo o entrevistado Ondy H. Niederauer, as máquinas eram todas importadas. E algo que dificultava mais ainda a prática da fotografia era o processo de revelação, que ocorria somente nos grandes centros ou capitais. Os possuidores de máquina fotográfica eram amadores, amantes da fotografia, ou tinham uma relação direta com a empresa colonizadora. Estes últimos utilizavam as fotografias tanto para fins particulares, para seu acervo pessoal, como também para fazer propaganda da região que começara a ser destacada em jornais de Porto Alegre e de outros municípios do Sul do país. A prática fotográfica foi tão importante para a divulgação da cidade naquele momento, que seu proprietário, contador da MARIPÁ, decidiu doá-la para o acervo do museu, ficando exposta para todos os visitantes, juntamente à outras câmeras fotográficas.



Figura 6 - Câmera Fotográfica cedida por Ondy Niederauer, para o acervo do Museu Histórico Willy Barth – Fotografia retirada pelo autor em abril/2010

As pessoas que migravam para a região, quando da visita de fotógrafos profissionais e quando podiam pagá-los, reuniam toda a família, quase sempre defronte à residência, para

“congelar aquele momento no papel”¹³⁵, como nos respondeu um^a entrevistada. Estas fotografias eram guardadas como “prova” do “sucesso” nas novas terras. Quando possível, adquiriam mais de uma cópia da mesma fotografia para mandar a algum parente que tinha ficado em sua região de origem. A fotografia tornava-se suporte da vontade de lembrar ou esquecer, carregada de afetividades, intenções e expectativas. A partir de sua revelação, tornavam-se materialização de muitas memórias: memórias de tentativas de fixação e, para alguns, de consolidação econômica na região¹³⁶.

Neste período inicial de constituição do município, constam como fotógrafos as seguintes pessoas: Bolivar Ruaro, Júlio Bastian, Egon W. Bercht, Henrique Isernhagem, Ondy Hélio Niederauer¹³⁷, Lúcio Liehl e João Zanolla. Este último era fotógrafo profissional na cidade de Pato Branco, porém deixou a profissão para se dedicar à agricultura em Toledo. Os demais não eram fotógrafos profissionais, exercendo outras atividades profissionais. Para estes, a arte de fotografar era uma prática de lazer, relaxamento, diversão e hobby. Mas quase todos os citados tinham uma ligação direta com a Colonizadora MARIPÁ, o que muitas vezes acabava direcionando seu olhar, pois fotografavam a cidade com o referencial e perspectiva desta. Em Toledo também houve algumas incursões do fotógrafo do Foto Louveira, de Guaíra, o que foi possível após a abertura de estrada ligando as duas localidades. A instalação de um fotógrafo profissional em Toledo ocorreu somente em 1953, com a vinda de Augusto Clivatti. Os fotógrafos profissionais se instalavam nestas nascentes vilas com a prerrogativa de serem os produtores exclusivos de fotografias para comercialização.

As primeiras imagens referentes a Toledo datam da década de 1940. Após a aquisição das terras da Fazenda Britânia, diretores da MARIPÁ fotografavam a região e as mandavam para o escritório-sede da empresa, em Porto Alegre. Entre eles, destacam-se Julio Bastian e Egon Bercht, que retratavam o início do processo “colonizador” através de fotografias que demonstravam principalmente a possibilidade de crescimento desta área. Foi justamente a partir da visualização de tais fotografias, no escritório da MARIPÁ, em Porto Alegre, que Ondy Hélio Niederauer decidiu trabalhar para esta empresa e, posteriormente, veio conhecer e morar em Toledo.

Conforme Solange Portz destaca,

¹³⁵Entrevista, Ana de Fátima Iaschombeck. Outubro/2009.

¹³⁶Essa ideia é recorrente em duas entrevistas que versavam sobre o consumo das fotografias por suas famílias nas décadas de 1950 e 1960 em Toledo (Ana de Fátima Iaschombeck e Maria Aparecida Romero). Estas duas famílias foram entrevistadas pelo autor, por se constituírem moradores desde fins da década de 1940. Outubro/2009.

¹³⁷Pessoas ligadas diretamente à MARIPÁ.

desde criança, quando Ondy Hélio Niederauer ganhou do seu pai uma pequena câmera fotográfica, que produzia fotografias 4x4, descobriu o gosto de registrar através da objetiva. Quando adulto adquiriu, junto a um Sebo, Bricabraque, em Porto Alegre, uma câmera, pelo preço de 400 cruzeiros, para retratar cenas familiares, pois sua filha Lory havia nascido. Foi com essa máquina fotográfica que também registrou parte da história da colonização do Oeste do Paraná¹³⁸.

O ato de fotografar representaria, além de momentos familiares, seu entendimento e olhar sobre a cidade que escolhera para morar. Seu primeiro contato com a cidade foi através das fotografias, como ele expressa:

Aí, a sede da MARIPÁ era em Porto Alegre, não podia ser em outro lugar, pois aqui era tudo mato. Aí, mas eles tinham no escritório fotografias, quadros com fotografias, de diversas posições assim, da vila, chamada de sede Toledo. Eles estavam fazendo esta vila como sede da colonizadora que eles tinham e essas terras eles queriam lotear em colônias, ia dar mais ou menos 12 mil colônias, e mais umas vilas que tinham que ser construídas e eles queriam vender isto para colonos do Rio do Grande do Sul, porque eles vendiam muito para o colono do Rio Grande do Sul, e nos interior do Rio Grande do Sul não tinha mais terra. Os filhos iam nascendo e iam geralmente servir na capital e depois não voltavam mais para o interior. A capital tava enchendo, como até hoje tá enchendo. E, então resolveram comprar isto daqui para vender para agricultores. Achavam a terra muito boa e começaram então esta vila. E dessa vila, começada com árvores, troncos de árvores caídas, diversos quadros no escritório deles. (...) E eu me interessei por aquilo. (...) Interessei muito por aquilo, aquelas fotografias que tinham sido feitas por dois diretores de lá, Egon Bercht e Dr. Júlio Bastian (...) e ai eles me convidaram pra mim vir conhecer a fazenda deles¹³⁹.

Por mais que o fotógrafo procure fotografar pensando no futuro, algo mais se pode abstrair de sua prática. Neste sentido, nos apropriamos das reflexões de Kevin Lynch, que ao analisar as cidades norte-americanas em seu livro *A imagem da cidade*, desenvolve a noção de imaginabilidade. Segundo ele, a imaginabilidade confere ao objeto físico

(...) uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente. Também poderíamos chamá-la de legibilidade, ou talvez, de visibilidade num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos¹⁴⁰.

Assim, o fotógrafo, ao pensar realizar suas fotografias, leva em conta o receptor de seu trabalho, ou seja, lida com padrões de visibilidade que tenham legibilidade ao seu público. Em nosso caso, as fotografias, por serem entendidas como retratos da realidade, não só buscavam mostrar a localidade, mas convencer pessoas a sair de seus locais e se mudar para terras

¹³⁸ PORTZ, Solange. **As paisagens da memória**: um estudo sobre as fotografias do Plano de Colonização da Empresa MARIPÁ – 1946-1955, Niterói, 2002 (Dissertação de Mestrado). p. 29. Acervo Biblioteca UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon.

¹³⁹ Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009.

¹⁴⁰ LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 11

anteriormente não exploradas. A produção das fotografias tinha relações com as expectativas dos seus possíveis leitores. As fotografias visavam promover impressões positivas da localidade, ao se destacar a fertilidade do solo, a organização do espaço urbano e suas expectativas de crescimento. Alguns compradores de terras conheciam a localidade apenas através das fotografias¹⁴¹.

Na primeira viagem que fez para conhecer a sede da Fazenda Britânia, em 1949, Ondy Hélio Niederauer fez o trajeto de avião, de Porto Alegre – Foz do Iguaçu, com escala em Erechim. Nesta viagem ele já trouxe consigo uma máquina fotográfica para fotografar o local que iria conhecer por uma semana. No entanto, como conta, maravilhado pelas belezas de Foz do Iguaçu, gastou um filme de 12 poses lá mesmo. Foi difícil adquirir outro, também pelo seu preço elevado:

Aí, quando cheguei, aqui também tirei fotografias de uma porção de coisas. (...). Não tínhamos fabricação de máquinas. Eu tive duas naquela época: uma Balda, Balda eu comprei aqui depois do Clivatti. Era uma... [não lembra a marca] de fole. (...) Eu já gostava de fotografias. Mas aí, aquelas fotografias que eu vi lá, me impressionavam muito, sabe, aquelas, eram poucas fotografias, (...). Bem eu vim pra cá, gostando daquilo¹⁴².

O autor das fotografias fala sobre o porquê e o que representava para ele fotografar a cidade naquele momento:

Eu fiquei fotografando. Fotografava tudo que achava de interessante. Eu na época fotografava porque eu tava pensando no futuro. No futuro isto aqui tudo vai progredir. Mas nunca se pensava num progresso assim. Era um absurdo imaginar uma coisa assim. A gente sabia pela quantidade de gente que vinha, que isto daqui ia crescer muito. Fotografava imaginando o futuro¹⁴³.

Normalmente, as fotografias têm como objetivo registrar o presente, “congelar aquele momento”. Neste caso, entretanto, ao fotografar esta região, Ondy Niederauer estava também apontando para as possibilidades de crescimento da cidade no futuro, diante da grande expectativa de crescimento. As fotografias serviriam como visões de uma realidade em rápida transformação, pois estariam permitindo detectar a transformação da paisagem em processo. Era como se, mesmo transcorrendo o tempo, tais fotografias pudessem também registrar as possibilidades para o futuro. As fotografias, muitas vezes, podiam não representar o resultado

¹⁴¹ Segundo A. Clivatti, algumas pessoas efetuaram a compra de terras apenas visualizando as fotografias, que eram expostas ali mesmo, no hall de entrada do hotel em que estavam hospedados, dirigindo-se ao Escritório da MARIPÁ. Também comercializava fotografias para que os mesmos pudessem levar para o seu local de origem, como possível certificação sobre a localidade. Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009.

¹⁴² Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009.

¹⁴³ Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009

desse progresso, mas a expectativa do progresso. Eram narrativas visuais do desejo de modernidade. A própria fotografia era uma forma de demonstrar a modernidade adentrando o “sertão”, pois a técnica fotográfica possibilitaria que outras regiões do país vissem o interior sendo transformado por uma empresa capitalista. Ela também representava um sinal da modernidade no Oeste do Paraná, pois a câmera fotográfica era de difícil aquisição pela população em geral, em que pese o avanço da tecnologia à época.

Para as pessoas que iriam ser receptoras e consumidoras destas imagens, a aquisição de fotografias da cidade possibilitava a percepção de uma localidade em rápido processo de transformação da paisagem. A câmera fotográfica permitiria reproduzir em larga escala a representação de uma localidade com possibilidades de investimentos.

Zita Possamai, ao se referir aos álbuns de fotografias de Porto Alegre, infere que “o imaginário social interfere tanto na criação das imagens fotográficas, como na concepção da coleção que resultou no álbum fotográfico”¹⁴⁴. A produção do imaginário ocorre no processo de recepção das fotografias: “as imagens nele contidas contribuem para a construção e veiculação de um determinado imaginário, neste caso, lançando mão da visualidade como elemento central”¹⁴⁵.

Conforme Ondy H. Niederauer relata, “(eu) não esperava que o progresso fosse tão grande como ocorreu”¹⁴⁶, pois, a localidade estava se modificando rapidamente. Niederauer destaca, em seu depoimento, que quando estava chegando a Toledo com sua família e sua mudança, a rua que dava acesso a Toledo estava iluminada. Assim, a imagem do sertão, esperada pela esposa, se desfaz, em razão da visão de um lugar já transformado, com estradas, luzes, moradias, enfim, uma cidade nascente. Suas fotografias permitem registrar essa perspectiva e as transformações da localidade.

Já o Plano de Colonização, o qual apresenta 67 fotografias do período inicial da década de 1950, retrata a transformação dos espaços na região. É a primeira obra escrita que traz fotografias de Toledo. Seu autor, Ondy Niederauer, considera-o a primeira publicação que retrataria a história de Toledo. Niederauer foi o autor do texto e também das fotografias. Em sua entrevista, reivindica para si a qualidade de primeiro escritor da história local. Sobre isso, fala o entrevistado:

Inclusive, eu tenho, a primeira coisa que escrevi foi um livro sobre Toledo, e tem fotografias do passado e atual. Do passado quando tirei aqui três, quatro anos antes.

¹⁴⁴POSSAMAI, Zita, Op. Cit. , p. 138

¹⁴⁵ POSSAMAI, Zita, Op. Cit. , p. 138

¹⁴⁶Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009

Eu tirei quando cheguei aqui. E depois quando fiz este livro, foi em 55, eu cheguei em 50, né. Em 55 eu fiz isso aí, um livro propriamente, pois fazia as fotografias e fazia os textos para um concurso, do município que mais progredia nos últimos anos.¹⁴⁷

Suas fotografias eram reveladas inicialmente em Porto Alegre, pois ainda não havia atividades de revelação de fotografia em Toledo, até a vinda de Augusto Clivatti. Quase todas as fotografias foram pagas pela MARIPÁ. Isto vem corroborar o interesse da colonizadora nessas imagens e principalmente a sua função de produtora e reprodutora d imagens da região.

A produção e a revelação fotográfica em Toledo iniciam-se praticamente em 1953, com a vinda de Augusto Clivatti. Em Toledo já residia seu irmão, caminhoneiro e funcionário de Domingos Zardo, então Gerente da Agro Industrial da Prata. Sobre isto, lembra Augusto Clivatti:

Vim aqui pra Toledo, tirar umas fotos. Ele falou, “você vindo pra cá, a gente aluga uma sala e você trabalha, começa a trabalhar” e foi o que fiz. Ai eu vim. Fui até Erechim e peguei um avião da Varig. Vim até Foz do Iguaçu. No mesmo dia eu consegui um caminhoneiro que vinha pegar madeira na Madeireira Central, só tinha uma malinha mesmo. Ai ele falou assim, “eu vou só até ... Não vou até Cascavel”. Me levando até a Serraria Central tá bom. “Então vamos”. Cheguei em Cascavel seis horas da tarde, quase escuro já. “Tenho que ir até Cascavel mesmo. Dez quilômetros. Pode ir junto, pode”. E dali, uma meia hora que tava lá, chegou o Domingos Zardo, esse que meu irmão trabalhava com ele. “E daí Clivatti. Tenho que ir até Toledo. Vai comigo. Daqui a pouco tenho que ir pra lá”. Era dez horas da noite, a gente tava aqui em Toledo. Ai, no outro dia no hotel onde eu parei, consegui uma salinha, uma sala. E desta sala eu fiz um quarto escuro pra trabalhar. O .. que vinha trazendo a minha mudança, também chegaram no mesmo dia. Fazer um quarto escuro bem rapidinho e tal e ai fiz fotografia a primeira 3x4 no mesmo dia, no mesmo dia e ai fui devagarinho conhecido por causa do meu irmão. Tinha pouca gente, pouca coisa. Ai comecei a trabalhar devagarinho¹⁴⁸.

A falta de um laboratório de revelação das fotografias na cidade favoreceu sua rápida instalação e organização. Augusto Clivatti fotografava a cidade, vendendo suas fotos para a população e, principalmente, neste momento inicial, para possíveis compradores de terras. Também fotografava situações familiares, como casamentos, batizados e outros eventos. Assim relata seus primeiros momentos em Toledo:

¹⁴⁷ Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009. O depoente cita que algumas fotografias suas eram cedidas de forma voluntária à jornais que solicitavam informações e imagens sobre Toledo. Muitas dessas eram cedidas e não devolvidas pelos mesmo, ficando algumas vezes em posse somente os negativos. Solange Portz realizou em 2002, dissertação analisando as fotografias do Plano de Colonização sob o título **As paisagens da memória**: um estudo sobre as fotografias do Plano de Colonização da Empresa MARIPÁ – 1946-1955, Rio de Janeiro: UFF. Há um grande acervo de fotografias do período anterior ao destacado, principalmente versando sobre o período inicial de colonização, que, no entanto não serão relacionadas ou comparadas nesta atividade de pesquisa, permitindo assim novos contextos e articulações possíveis, como os apresentados no trabalho de Portz.

¹⁴⁸ Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009

Fui me mantendo, fui me mantendo. Até, dali quinze dias que tava aqui em Toledo família Le Duque, a família Le Duque tinha um bom hotel aqui e o noivo era funcionário da MARIPÁ – AgroIndustrial, melhor falar da Maripá. Ele me pediu se queria fotografar este casamento ele. Foi o primeiro casamento que fiz. Fui trabalhando, trabalhando, com aquela vontade de trabalhar. Procurando serviço¹⁴⁹.

Desta forma, com sua instalação em Toledo, a produção fotográfica na cidade deixou de ser apenas restrita aos fins da colonizadora, para se tornar atividade também voltada para o registro de momentos singulares da vida familiar de muitos moradores. Não obstante, uma das atividades mais importantes que executava era sob encomenda da MARIPÁ. Comercializava algumas fotografias de Toledo para possíveis compradores que se hospedavam nos hotéis e que vinham conhecer a área de “colonização”. Também era solicitado para cobrir as inaugurações dos distritos e vilas, pois, como se percebe, não bastava inaugurar, mesmo que o ato de inaugurar já estivesse imbuído de forte sentido simbólico. Tinha-se que registrar este momento e, com isso, possibilitar a formação de uma memória visual das transformações do espaço e da instalação de unidades político-administrativas:

[Eu] Fotografava as ruas. A igreja que tinha aqui, Pra vender foto pros compradores de terra que vinham para cá. Quando chegava os comprador por ai. Tinha três hotel aqui. Ou vinha . O escritório da Prata, da MARIPÁ era fácil. Era aqui no centro.. esse pessoa. Já me comprava algumas fotos e o Sr Willy Barth que era o gerente da MARIPÁ sempre me convidava pra fotografar inauguração de vilas. A primeira foto. A primeira foto que fiz com eles é, hoje é município, MARIPÁ, Vila MARIPÁ. Vila Margarida fiz com eles. Fiz é, Dez de Maio. Novo Sarandi e assim foi. Tudo que era de fotografia. Revelava filme, né. Tudo preto e branco. Só no escuro, lógico. Naquela época a revelação era tudo no escuro. Fui trabalhando, fui trabalhando¹⁵⁰.

Clivatti fotografava elementos urbanos existentes, a infra-estrutura consolidada, como hotéis, igreja, escola, instituições públicas e privadas. Ele destaca, na entrevista, o hábito de fotografar ruas, provavelmente incentivado pelas ações da colonizadora que potencializavam esta perspectiva. As ruas constituíam elemento urbano importante para o projeto “colonizador”, pois serviriam como vias de acesso e base para a continuidade do processo “civilizador” proposto.

Ao falar do “progresso” da cidade, narra seu próprio progresso enquanto fotógrafo profissional. Narra sua inserção na cidade através de sua trajetória, “fui trabalhando, fui trabalhando”. Como fotógrafo logo se insere na esfera pública do município. O crescimento urbano implicava também na ampliação de suas atividades e na demanda por fotografias.

As atividades de fotógrafo começaram a variar com o crescimento econômico e

¹⁴⁹ Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009

¹⁵⁰ Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009

demográfico da cidade e a necessidade principalmente de documentos com fotografias, principalmente a carteira de trabalho. É a partir desse momento que passa a fazer fotos 3x4 e 6x9. Com o tempo, Toledo se constitui num mercado de trabalho para os fotógrafos:

Depois eu consegui com meu irmão construir, compramos um terreno e tal. Ele construiu casa e daí ele logo foi morar em Palotina, fui junto com o Sr. Domingos Zardo abrir Palotina e eu fiquei trabalhando aqui. Aí consegui um funcionário pra me ajudar. Foi o primeiro funcionário que começou a trabalhar comigo. Depois aí, eu casei. E naquela casa, nós, a gente vendeu. Eles montaram um escritório aqui em Toledo para . Aí então eu, eu me mudei Era na rua Maripá. Aí eu vim aqui na Rua Sete de Setembro o escritório da MARIPÁ e foi indo, casamento, o que tinha batizado , primeira eucaristia, tudo eu fazia. Todas as atividades eram variadas, eu fazia. Também dali dois anos comecei a fazer fotos 3x4. Não eu peguei uma autorização do ministério em Curitiba pra mim fazer. Eu peguei uma autorização por escrito do Ministério pra mim fazer as carteiras de trabalho aqui, aqui em Toledo¹⁵¹.

Mesmo concentrando suas atividades na área urbana, Augusto Clivatti continuava acompanhando o processo “colonizador” na área rural da região, pois relata que acompanhava a abertura de novas localidades e vilas com os representantes da Colonizadora, sendo o responsável por fotografar tais eventos, como um fotógrafo da MARIPÁ.

Após este processo inicial, não sendo possível precisar a data, Clivatti começou a realizar serviços de revelação para terceiros, ou seja, para alguns possuidores de máquina fotográfica, principalmente os padres, que tentavam registrar visualmente a vida paroquial:

Era só pouca coisa, profissional que eu tinha, tenho ainda ai e um ampliador e uma copiadeira pra fazer foto 3x4 e fotos que a gente fazia antigamente, 6x9 o pessoal trazia aí pra mim fazer então era tudo, mas não foi difícil. No início tinha sim, nos primeiros cinco anos, as paróquias, os padres sempre traziam os filmes para revelar. De Sarandi, tinha os de Dez de Maio, os padres né, os vigários, de Quatro Pontes. De Rondon. Depois em Rondon se instalou um fotógrafo também lá, depois de uns cinco anos que estava aqui . E assim foi¹⁵².

Quando questionado sobre o significado da fotografia, Augusto Clivatti assim expressa:

Pra mim significa uma grande coisa. Porque eu consegui sobreviver a partir das fotografias. Não foi por causa do Ministério do Trabalho. Fazia lá em Cascavel com o sindicato até emprestei uma máquina pra ele. Eu fazia carteira de trabalho. A fotografia pra mim foi o que me salvou. Por isso que eu trabalho até hoje. Depois eu consegui trazer um filho meu de Curitiba em 1984, ele tava fazendo faculdade de administração. Consegui trazer ele pra cá. Ele casou. Ficava difícil porque só tinha um apartamento pra estudar né e aí ele veio pra cá. Devo muito a ele. Paulo, meu filho Paulo. De 84 pra cá o que tem de progresso é por causa dele. Aí eu entreguei a administração pra ele. Até 84 eu consegui tocar

¹⁵¹ Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009

¹⁵² Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009

sozinho. Tinha 4 funcionários. Arno Ber... foi o primeiro empregado. Até posou na minha casa. Até que eu era solteiro. Ai quando eu casei ele se arrumou em outra pensão ali. Arno tinha outro. Dos Santos, o Delmar, o João, o Alexandre e a minha esposa, minha ex-esposa que sempre tá me ajudando. Até o foto tá em nome dela. Quando fui nomeado pelo ministério em 1962 como funcionário do ministério do trabalho ai fiz o curso, só os exames e o curso em Curitiba pra ser considerado funcionário do Ministério do Trabalho. Só deixei pois precisava ter curso superior¹⁵³.

Augusto Clivatti referencia o significado de seu sucesso como fotógrafo e o orgulho de poder, com o fruto de seu trabalho, ter constituído uma empresa específica no ramo da fotografia, e com isso, ter trazido o filho da capital do Estado para Toledo.

O processo de conquista individual é narrado por Niederauer e Clivatti juntamente com a referência ao aumento do consumo de fotografias e ao “desenvolvimento” da cidade. Em suas entrevistas se expressa um processo que transita entre o que era a localidade e o que ela se tornou. Destacam as ruas, a energia elétrica, as construções, as empresas, o Plano de Ação e o Plano de Colonização e, assim, as perspectivas de desenvolvimento urbano de Toledo à época.



Figura 7 - Vista parcial da Av. MARIPÁ, em 1950. - Acervo Museu Histórico Willy Barth

¹⁵³Entrevista Augusto Clivatti – 30/10/2009. A questão tecnológica foi citada, a partir da utilização na atualidade de máquinas fotográficas digitais, pois segundo sua interpretação, imaginava-se que as pessoas revelariam mais fotografias, pois não necessitariam de filmes como antigamente. No entanto, não contava com a prática das pessoas guardarem fotografias no computador ou em cds.



Figura 8 - Vista aérea de Toledo, 1952 - Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 9 - Vista Parcial da rua Sete de Setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo 1955-56¹⁵⁴ - Acervo Museu Histórico Willy Barth

Estas três imagens permitem abstrair a ideia de futuro que permeava o imaginário dos articuladores deste momento: a primeira de Ondy Niederauer; a segunda encomendada pela MARIPÁ, sem autor definido, e a terceira por Augusto Clivatti. As imagens representam uma localidade em constante transformação, através das referências a aberturas de ruas, construções, veículos automotores, entre outros. O desejo de conceber uma cidade voltada ao futuro deveria ser estabelecido nas imagens, concretizando assim também os anseios a fração das elites.

Desta forma, muitas imagens fotografadas na década de 1950 por estes e outros fotógrafos não caracterizavam somente retratos de pessoas e famílias, mas propiciariam uma representação de Toledo a partir de suas tomadas e enquadramentos: a constituição de uma localidade voltada ao desenvolvimento urbano. As fotografias destacavam aspectos necessários e positivos para uma modernização, voltados à sociedade como um todo, numa perspectiva que objetivava algo a mais do que simplesmente visualizar o “progresso” pelo

¹⁵⁴ Esta fotografia: Vista parcial da Rua Barão do Rio Branco esquina Sete de Setembro onde aparece um ônibus que fazia a Linha Toledo-Porto Britânia- via Rondon e construções da época, foi utilizada pelo seu autor, Augusto Clivatti, como Cartão Postal.

progresso. Permitiriam a constituição e possível consolidação de poderes e de ganhos para os envolvidos com o projeto “colonizador” e seus desdobramentos, afinal, as fotografias poderiam certificar este “desenvolvimento”.

Claudia Oliveira, ao relacionar a construção da narrativa histórica com a utilização de fontes visuais, destaca o seguinte:

As representações iconográficas, as imagens, construídas historicamente e associadas a outros registros, informações, usos e interpretações se transformaram, para nós, em vivência de outras eras, representações do visto e, também, do sentido, do sonhado, do projetado, ou seja, mais uma das inúmeras representações do universo da cultura. Como sabemos, a imagem não é simulacro da realidade, nesse sentido não é realidade histórica em si, mas símbolo, representação, dimensão oculta, perspectiva, código etc. Cabe a nós, historiadores, identificarmos e tecermos a nossa própria leitura sobre a sua função no passado - tendo sempre claro que o passado se foi e dele o que temos são apenas vestígios.¹⁵⁵”

Nossa análise procura construir uma leitura sobre a função destas fotografias naquele momento e o conjunto de fotografias disponibilizado pelo museu não se resume meramente a uma tentativa de interpretação isolada das fotografias, sem relações com outros elementos, ou apenas a apresentar dados técnicos. Entende-se a produção e circulação de fotografias como fruto de práticas e representações sociais.

2.3. Representações de Toledo nos anos 1950 através das fotografias

A prerrogativa de tentar compreender o processo sócio-histórico de constituição das fotografias e sua relação com a produção de discursos que afirmavam ideais de modernização urbana, provocou a necessidade de se usar uma grade temática para sua análise. Para a análise das fotografias foi realizada uma mescla de grades instrumentais propostas pelas historiadoras Ana Maria Mauad, Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho¹⁵⁶. Tal metodologia permite destacar elementos da forma, do conteúdo e da expressão, como destaca Ana Maria Mauad e, de forma similar, descritores icônicos, grade utilizada por Solange F. de Lima e Vânia C. de Carvalho¹⁵⁷, resultando assim, em padrões temáticos visuais, possibilitando

¹⁵⁵ OLIVEIRA, Claudia. P.4. Disponível em: http://br.groups.yahoo.com/group/imago_pesquisa/files/palestraClaudiaOliveira.doc.

¹⁵⁶ LIMA, Solange Ferraz & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954**. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.

¹⁵⁷ Local retratado, tema retratado, pessoas retratadas, objetos retratados, atributos das pessoas e paisagens, bem como seus enquadramentos (Mauad); Níveis de abrangência espacial, tipologia do espaço, tipologia urbana, estruturas e funções arquiteturais, localização geográfica e temporal, infra-estrutura, entre outros e o mapeamento das atividades urbanas representadas (Solange e Vânia).

melhor organização das fotografias analisadas.

Segundo Lima e Carvalho, “o estabelecimento de padrões revela-se fundamental, na medida em que indica a eficácia de uma determinada maneira de veiculação da informação visual no seu contexto social”¹⁵⁸. Ou seja, o estabelecimento de padrões visuais permite analisar a documentação, através de certos atributos que permitem articular os temas entre si, através de sua identificação, quantificação e, principalmente, de sua ocorrência. No entanto, como as autoras mesmo caracterizam, “os padrões estabelecidos não pretendem figurar como uma taxonomia absoluta, aplicável a qualquer conjunto iconográfico, (...), mas como um meio estritamente operacional”¹⁵⁹.

As fotografias selecionadas pelo museu fazem parte de coleções constituintes do seu acervo e se referem à década de 1950. Fazem parte principalmente da coleção “Vistas da Cidade”, bem como de outras coleções: Inaugurações, Desfiles, Bancos, Ruas/Avenidas, entre outros. São fotos aéreas ou pontuais, gerais/panorâmicas ou parciais, e denotam, de antemão, um destaque ao processo de urbanização.

Todas as fotografias possuem ficha de entrada no estabelecimento, destacando: a) histórico sobre a produção da imagem (quem era o fotógrafo – a maioria das fotografias não tem essa referência); b) todas as informações possíveis sobre o doador. Às vezes ocorriam várias doações da mesma fotografia, ocasionando informações distintas sobre o momento fotografado.

MUSEU HISTÓRICO “WILLY BARTH” - TOLEDO - PR	
	CÓD.
	REG.
	DATA:
PROCEDÊNCIA (ORIGEM):	
FORMA DE INCORPORAÇÃO:	
DATA:	
OBSERVAÇÕES:	

Figura 10 - Ficha de Catalogação – Museu Histórico Willy Barth

Neste caso, recorria-se à pesquisa junto aos entrevistados. Também havia doação de

¹⁵⁸ LIMA & CARVALHO. Op. Cit. p. 57.

¹⁵⁹ LIMA & CARVALHO. Op. Cit. P. 57.

fotografias sem informações, passíveis de pesquisa e averiguação de dados. Segundo relato dos funcionários do Museu, após a aquisição das fotografias, realizava-se uma limpeza superficial na fotografia de forma rústica. Somente após curso específico em Curitiba, no período inicial de atividades do museu, iniciou-se um processo mais técnico de conservação e de guarda das fotografias. Todas elas foram arranjadas em arquivo, contendo numeração sequencial de tombo (geral).

Na hora de determinar o enquadramento, o olhar do fotógrafo focaliza lugares específicos, os quais permitirão constituir uma prática específica de rememorar. Nas fotografias selecionadas pelo museu para esta análise, verifica-se a recorrência de um olhar para a cidade que tem como foco ruas e avenidas, construções surgidas a partir de uma nova concepção de como organizar a centralidade urbana. Elas expressam os desejos de instalação do município e de constituição de um espaço urbanizado. Este conjunto de fotografias se diferencia das fotografias do Plano de Colonização¹⁶⁰, ao fixar outro padrão visual para a localidade, mesmo que o referido plano apresente também algumas imagens que caracterizassem esta cidade que surge. Nas fotografias realizadas no período inicial de “colonização”, para o referido Plano, destacava-se fundamentalmente o nascer de um novo território, a transformação do sertão. Uma primazia era dada a elementos naturais, mostrando as possíveis qualidades da terra para a agricultura e pecuária, com destaque à suinocultura. Solange Portz, em seu trabalho sobre as fotografias do Plano de Colonização da MARIPÁ, de 1955, versa justamente sobre isto. Algumas fotografias utilizadas no Plano de Colonização foram feitas também no início da década de 1950, porém, por conta de um objetivo específico: participação em concurso que envolvia as empresas colonizadoras do Paraná¹⁶¹. Ele destaca os tempos da “colonização”, pois foi elaborado a posteriori, num período em que o município de Toledo já havia, inclusive, se instalado, quatro anos antes. Ou seja, o Plano de Colonização foi uma exigência feita para se materializar no papel o que, na prática, já havia sido planejado ano antes.

¹⁶⁰ Sendo destacado posteriormente o motivo da não utilização das fotografias do Plano de Colonização em sua totalidade, tendo em vista já ter sido analisado em trabalho de pesquisa de Solange Portz.

¹⁶¹ Na entrevista, Ondy Niederauer relata que este concurso fora realizado pelo governo estadual para que houvesse destaque e ao mesmo tempo, informações sobre os projetos colonizadores no Estado. Porém, de antemão já imaginava que a colonizadora do norte do Paraná fosse ganhar tal concurso: “Acho que foi da região de Londrina ou Maringá que ganhou”. Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009



Figura 11 - Fotografia 06 – Ondy H. Niederauer – Menino na Plantação de Fumo – Plano de Colonização – 1955 (Fotografia de Fotocópia)



Figura 12 - Fotografia 44 – Ondy H. Niederauer – Mamoeiro – Plano de Colonização – 1955 (Fotografia de Fotocópia)



Figura 13 - Fotografia 05 – Ondy H. Niederauer – Meninos com um pé de mandioca – Plano de Colonização – 1955 (Fotografia de Fotocópia).



Figura 14 - Fotografia 42 – Ondy H. Niederauer – Criação de porcos para serem exportados para Frigorífico em Ponta Grossa – Plano de Colonização (Fotografia de Fotocópia).

Não seria mais necessário mostrar ao público receptor a pujança econômica possibilitada a partir da agropecuária. Agora se retrataria outra visão: a cidade se constituindo, a “Capital do Oeste”. A partir da década de 1950, se vislumbra a constituição de uma nova visualidade. Abre-se um caminho para uma visão mais urbana de Toledo. No início do processo de “colonização” as relações estavam vinculadas à exploração e ao trabalho na terra e à agropecuária. Posteriormente, passa-se a se dar mais destaque ao espaço central do município. Novas práticas passam a também caracterizar Toledo enquanto cidade nascente, a qual não poderia ser representada apenas a partir da área dedicada à agricultura e à suinocultura. O “milagre” anunciado, vinculado ao “progresso” da “colonização”, demandava a visualização de uma localidade com caracterização urbana e não tão somente rural. As fotografias passariam a salientar outros aspectos.

Em sua tese de doutorado, Zita Possamai utiliza-se de elementos que constituem sua

grade temática de análise, destacando-os como “atributos icônicos” – aspectos figurativos contidos na imagem¹⁶² e elementos formais (tratamento formal da imagem: tamanho, posição, luminosidade, entre outros), constituindo-se assim, pré-requisitos metodológicos para com o objeto de investigação, no caso específico, tais fotografias. Na tentativa de aplicação da grade temática que a autora utiliza, não foi possível abstrair todos os elementos que são encontrados em seu trabalho, tendo em vista a diversidade dos objetos trabalhados e período cronológico. No entanto, destacam-se assim, os seguintes elementos caracterizados de forma genérica:

LOCALIZAÇÃO
Toledo – centro: 39
Toledo – bairro/distrito/margem: 05
Toledo – indefinido: 06
TIPOLOGIA URBANA
Avenida/rua: 25
Praça/parque: --
Limite urbano: 20
ABRANGÊNCIA ESPACIAL
Vista aérea: 09
Vista panorâmica: 09
Vista parcial: 24
Vista interna: 03
TEMPORALIDADE
Diurna: 50
Noturna: --
Indefinida: --
INFRA-ESTRUTURA/PROCESSOS-SERVIÇOS
Chão batido: 17
Construção/obras em geral: 12
Iluminação/postes: 15
Pavimentação: 03
Ruas/avenidas: 25
ELEMENTOS MÓVEIS/TRANSPORTE
Automóvel: 06
Avião: 01
Barco: --

¹⁶² POSSAMAI, Zita. Op. Cit. p209-216.

Trator/Maquinários: 03
Ônibus: 02
Transporte animal: --

A partir da organização dos elementos estabelecidos nesta tabela, abstraem-se três padrões temáticos visuais: circulação urbana, retrato e infra-estrutura urbana. O que mais aparece nas fotografias são referências a ruas, avenidas e pontos de esquina, tendo como foco preponderante a área central da cidade que estava se organizando. Isso permite inferir uma necessidade de tentar corroborar o ideário de modernização urbana e, conseqüentemente, a necessidade de investimentos, sejam eles públicos ou privados.

Dentre as várias imagens, destacamos três fotografias que melhor permitem visualizar este novo enquadramento da cidade que tende a surgir. Nestas imagens do início da década de 1950, temos a noção do horizonte de possibilidades de crescimento. Um destes elementos caracterizados é o de infra-estrutura urbana, expressa principalmente pela referência à energia elétrica, destacada fundamentalmente através dos postes de luz, em relação direta com as ruas largas.



Figura 15 - Avenida MARIPÁ, entrada da cidade – 1950
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 16 - Fins de 1950 – vista parcial da Av. Maripá, entre as Ruas Rui Barbosa e São João.
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 17 - Vista da 1ª igreja de Toledo e do Colégio das Irmãs em 1950
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Ao mesmo tempo em que se tentava gerar novas concepções da localidade, estava presente um elemento que ainda evidenciava o processo de “colonização” em curso: a madeira, objeto do desmatamento, principal matéria-prima para as construções de casas e instituições sociais e fonte de lucratividade inicial da empresa colonizadora. A madeira iria, com o tempo, tornar-se não mais valorizada pelo poder público como material principal das construções. Como visto em capítulo anterior, novas diretrizes são dadas, nos anos 1950, para as construções no município que valorizam o tijolo e o cimento.



Figura 18 - Vista parcial da Av. MARIPÁ, em 1950.
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 19 - Escritórios da MARIPÁ, localizado na rua Sete de Setembro, esquina com a Barão do Rio Branco – 1950
Acervo Museu Histórico Willy Barth

As fotografias procuram enquadrar o desejado e excluir o que destoava deste projeto de cidade. Até se percebe, em algumas fotografias analisadas, elementos como madeira, trator de esteira, entre outros, mas estes aparecem no enquadramento para caracterizar a transformação, ou seja, a mudança na paisagem. Quando se enquadravam tais elementos havia um fim muito específico: a ideia de organização do urbano.



Figura 20 - Vista Parcial do Largo São Vicente de Paulo, esquina Rua Barão do Rio Branco. Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 21 - Empório Toledo Ltda, 1955 - Acervo Museu Histórico Willy Barth

As leis de controle e normatização dos espaços da cidade, após a emancipação do município, a partir de 1955, somente permitiam edificações em alvenaria na região central. Isso foi estabelecido pelo Código de Posturas e Código de Loteamentos¹⁶³ que veio regulamentar a Lei nº 009, de 03 de junho de 1953, a qual criava e delimitava as zonas urbana e suburbana da cidade. Tal regulamentação, mesmo não tendo sido cumprida, à época,¹⁶⁴

¹⁶³ Código de Posturas – Lei nº 062 de 15 de dezembro de 1954. O código destaca que as ruas centrais devem ter no mínimo 20 metros de largura e as avenidas 30 metros, possibilitando potencializar um planejamento para o futuro. Permite referenciar como serão as plantas do loteamento existente, bem como dos novos a serem urbanizados. Urbano e centralidade com características distintas da zona rural. No artigo 64 destaca que “dentro das zonas urbanas da cidade e das vilas e povoados onde existir forte núcleo de população, não é permitido a instalação de estábulos, cocheiras, chiqueiros, nem a conservação de animais presos ou soltos”.

¹⁶⁴ No entanto, pelas dificuldades materiais e pela falta de fiscalização desta lei, muitas casas da área central continuaram a ser construídas com esse material. Questionando um dos mentores da lei à época, Ondy

revela as concepções de cidade e os referenciais estéticos das elites do município recém-criado. A desvalorização da madeira enquanto material para construções na área central pode ser interpretada como uma forma de se querer apagar do recém-criado município os resquícios da época da ocupação, quando as matas cobriam toda a área. Justamente a madeira, que fora objeto importante de exploração e geradora de capitais aos sócio-acionistas da empresa colonizadora, agora já não mais serviria para os planos que se tinham para cidade. A legislação visa o controle da urb¹⁶⁵ que surge. Os projetos de normatização evidenciavam os anseios das elites, que organizavam a estrutura política, econômica e urbana, procurando criar um novo sentido para a localidade, pautado num olhar para o futuro.

O conjunto das 70 fotografias¹⁶⁶ arranjadas, selecionadas e cedidas, referentes à década de 1950, das quais 50 foram utilizadas nesta análise,¹⁶⁷ chama a atenção pelo fato da área central ser preponderantemente o foco. As fotografias, em quase sua totalidade, focalizam o centro do município e não visualizam regiões à margem do núcleo urbano, como distritos e a área rural. Isto permite estabelecer que a partir do olhar do fotógrafo e da seleção feita pelo museu, se estabelece uma possibilidade de visualização da cidade, contribuindo-se para a produção de uma memória visual. São colocadas na invisibilidade imagens de áreas voltadas unicamente para produção agropecuária. Ao privilegiar justamente as ruas centrais, estabelecimentos comerciais e industriais, escolas, igreja, sede da colonizadora e vistas parciais deste núcleo urbano, denota-se o objetivo em estabelecer parâmetros que justificassem a ideia de uma cidade que havia superado a fase da “colonização”.

Sobre a valorização das áreas centrais das cidades, escreve Sandra Pesavento. A autora destaca que “o centro de uma cidade foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma

Niederauer dá a entender que isto aconteceu em decorrência da falta de materiais específicos (tijolos, cimento, ferro, entre outros), bem como pela relação com a construção e o poder aquisitivo dos mesmos, excetuando atividades de construção ligadas à MARIPÁ.

¹⁶⁵ “O conceito urbs refere-se ao componente material da cidade ou a parte propriamente física, ou seja, edifícios, pontes, igrejas, hospitais, casas, ruas, aonde não são consideradas a extensão e a hierarquia entre estes elementos. O termo urbanização decorre da palavra urbs e indica o conjunto de atos que tendem a criar um agrupamento de construções e pretende regular o seu funcionamento” In: SOUZA, Emanuel Silva de. PIP – **Itinerâncias Urbanas**. Brasília: UNB, 2002. Disponível: <http://vsites.unb.br/ics/sol/itinerancias/bsb/urbanistico/concepcao.pdf>

¹⁶⁶ Disponíveis no anexo, com a descrição expressa nas fichas de catalogação do Acervo do Museu Histórico Willy Barth.

¹⁶⁷ Muitas das fotografias cedidas eram duplas, em razão da qual foram utilizadas só estas 50 fotografias.

cidade”¹⁶⁸, e que a cidade cria significados simbólicos e constitui espaços específicos para este simbolismo, no caso o centro urbano. O centro urbano seria

parte de uma referência espacial, ou seja, geográfica e de dimensão física: o centro é o núcleo original, o ponto de partida nodal e uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo. Parafrazeando a frase bíblica, podemos dizer que *no princípio era o centro. Foi o centro*. E hoje, o que é o centro? Ser o núcleo mais antigo de um assentamento urbano implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original da urbe. Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e potencialmente referenciais para o passado da urbe; neste espaço central teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem são, via de regra, centros políticos, culturais, religiosos e, sobretudo, locais de intensa sociabilidade¹⁶⁹

Sobre os significados da área central nas cidades, ainda comenta Pedro de Almeida Vasconcelos:

Toda cidade, desde suas origens, tem um “centro”, que não corresponde, necessariamente, ao centro geométrico, mas que se diferencia funcionalmente, das suas demais partes, sobretudo como espaço público, ou como local de atividades não residenciais. Entre suas características, o centro se destaca como o lugar mais protegido, do ponto de vista defensivo, ou ainda como lugar de concentração de poder, seja político, seja religioso, refletindo, neste sentido, um simbolismo através das características construtivas dos seus prédios principais¹⁷⁰.

Desta forma, fotografar e visualizar o centro, constituiria condição necessária para a organização de um novo olhar para a localidade, desarticulando-a do contexto agrário. Na fotografia a seguir, datada de 1952, e nas posteriores, podemos abstrair o que Pesavento nos referencia: a formação de um centro político, cultural e religioso. Assim, foram disponibilizadas imagens para a análise que destacam a constituição do Clube do Comércio, ponto central das atividades culturais do município, como bailes, formaturas, festas em geral e recepções a autoridades diversas; da igreja matriz, futura sede da diocese, das instalações comerciais, fundamentalmente do Empório Toledo (de propriedade da MARIPÁ) e hotéis.

¹⁶⁸ PESAVENTO, Sandra. História, memória e centralidade urbana. **Revista Eletrônica Novo Mundo**. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>. p. 2

¹⁶⁹ Idem, p. 3.

¹⁷⁰ VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade alta de Salvador: de cidade colonial a “centro histórico pós-moderno” in: CARLOS, Ana Fani Alessandri & LEMOS, Amália Inês G. (orgs). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2005. P. 110

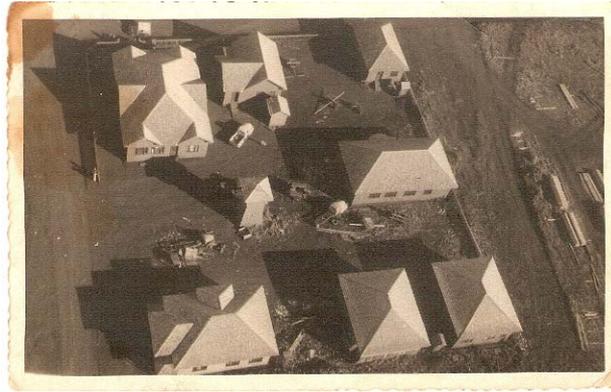


Figura 22 - Vista aérea de Toledo – Centro, 1952.
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 23 - Vista da frente do Clube do Comércio e equipe de Trabalho – 1953
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 24 - Vista parcial do centro de Toledo (1955)
Acervo Museu Histórico Willy Barth

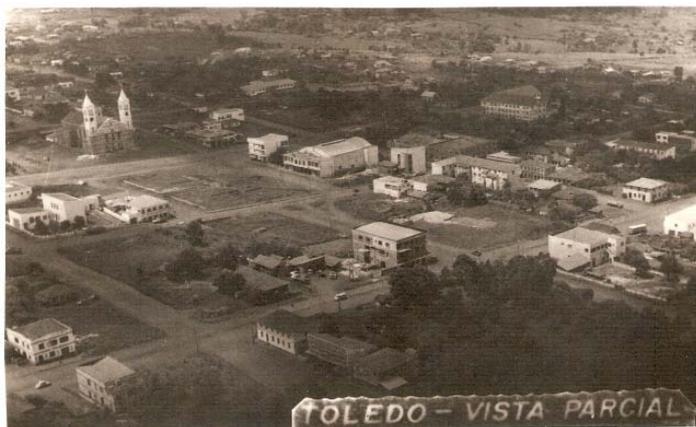


Figura 25 - Toledo, vista parcial – 1957
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Do montante total, somente cinco fotografias não focalizam elementos do núcleo urbano: a que destaca a construção de um frigorífico. Mesmo assim, este frigorífico não deixa de ser um dos ícones do então propalado “desenvolvimento”. Até mesmo por questões de logística e pelo próprio Código de Posturas, o prédio do frigorífico não poderia ser construído na área central. Outra fotografia de área não central é a da construção do aeroporto local, mas que, por si só, visa demonstrar a ligação do recém-criado município com outras regiões e, assim, destacar as possibilidades de comunicação. Outra versa sobre a construção de uma usina hidrelétrica em Toledo.

A constituição do Frigorífico Pioneiro, na década de 1950, será o elemento necessário para a consolidação do empreendimento empresarial que permite amplo desenvolvimento da área urbana. Sobre isso aponta Sabrina Campos:

a intensificação da urbanização de Toledo pode ser associada, em grande parte, ao deslocamento da população rural para a cidade em busca de trabalho e renda. A instalação do Frigorífico Pioneiro S/A, em 1964, resultou da fusão de interesses de um pequeno grupo de empresários locais com o grupo do Frigorífico Maringá, experiência embrionária do que representa atualmente o maior complexo agroindustrial frigorífico da América Latina, a SADIA S.A.¹⁷¹.

¹⁷¹ CAMPOS, Sabrina M. **O processo de industrialização numa fronteira agrícola: o caso de Toledo, PR.** Toledo, 2007. Dissertação de Mestrado – Desenvolvimento Regional, p. 22. Este frigorífico se constituirá numa forte referência empresarial de Toledo na década de 1980.



Figura 26 - Primitivo Frigorífico Pioneiro em 1959, Toledo.
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 27 - Estação de passageiros do Campo de Aviação – 1954
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 28 - Vista parcial da turbina e da casa de máquinas da Usina “Hidroelétrica” Carlos Mathias Becker, em 1956. Acervo Museu Histórico Willy Barth

A ideia de uma “Capital do Oeste”, tão destacada nas páginas do jornal nos anos iniciais da década de 1950, se materializaria visualmente através de vistas aéreas e parciais da cidade, com destaque para o planejamento das quadras, abertura de ruas, construção de casas, algumas de alvenaria e com cercas, estabelecimentos comerciais e prédios de órgãos públicos. As fotografias parecem lembrar que tais estabelecimentos serviriam aos usuários e ao público consumidor – e que poderiam servir também aos futuros moradores - como forma de referência ao ideal de modernização estabelecido.

Destas fotografias, 29 (vinte e nove) trazem como referência ruas/estradas, contemplando vistas aéreas, panorâmicas e construções. Outras, porém, não mostram as vias públicas, mas deixam em relevância o espaço territorial que circunferencia a construção dos estabelecimentos a serem destacados. São tiradas de forma diagonal, visualizando que a sua margem está a respectiva rua. Ou seja, se faz referência ao conceito visual de cidade que se almeja constituir, seguindo um pressuposto de planejamento. Viver na cidade exige novas posturas dos cidadãos, impulsionando-os a novos conceitos e a novas possibilidades.

Como já dito anteriormente, não há a constituição, neste momento, de diretrizes que permitissem a criação de um Plano Diretor, mas o poder público municipal se utilizou de outros recursos para regulamentar o uso do solo urbano. Através da Lei Municipal nº 009, de 03/06/1953, e da Lei Municipal nº 021, de 25/09/1953, criam-se e delimitam-se as zonas urbanas e suburbanas de Toledo, na intenção de estabelecer aos munícipes os limites do centro, dos bairros e da zona rural. Em meio a estas novas leis, implanta-se o primeiro Código de Posturas, através da Lei nº 062, de 15/12/1954, o qual será divulgado em todos os meios possíveis - o jornal *O Oeste* o publica na íntegra - e levado à pauta insistentemente nos anos de 1953, 1954 e 1955 na Câmara Municipal.

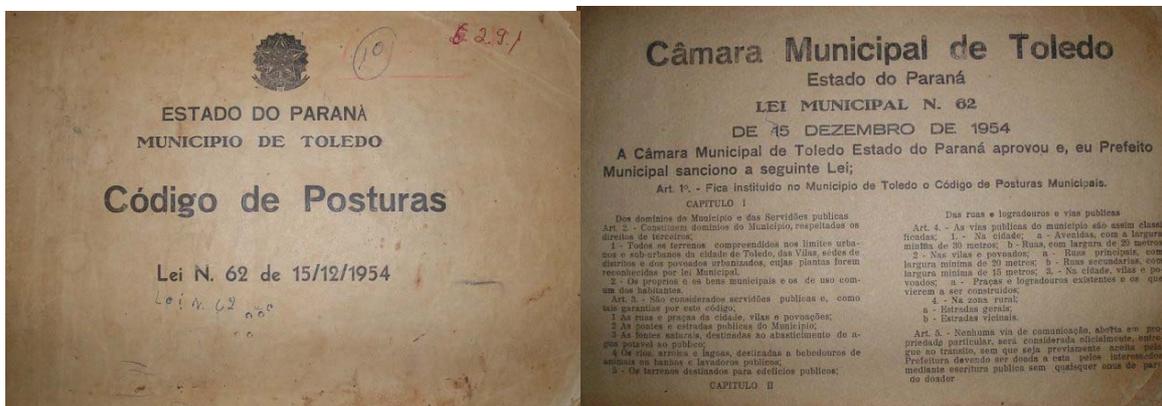


Figura 29 - Capa Código de Posturas – 15/12/1954 – Fotografia do original
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Num estudo sobre São Paulo, Raquel Rolnik afirma que o “sistema de legislação urbana correspondia a esse modelo de gestão, com o objetivo de garantir os padrões de qualidade e adequação aos padrões estabelecidos pelas companhias que forneciam serviços públicos, na construção e utilização da terra na zona central”¹⁷². Faz-se referência a isto, em razão da vontade de, através do Código de Posturas, se enquadrar pessoas e veículos nos espaços da cidade. As fotografias parecem mostrar uma visualidade cidadina que se coaduna com o Código e demonstram a ideia de um planejamento urbano. Percebe-se nas fotos parciais um sentido de ordenamento dos espaços, através da visualização das quadras e das ruas largas e retas do núcleo urbano de Toledo.

As fotografias do espaço urbano, sejam aéreo-panorâmicas ou parciais do centro, formalizam uma imagem representativa, permitindo estabelecer um imaginário visual que, através de seus articuladores, destaca os caminhos do “progresso” na cidade. A reprodução de capital dos representantes da colonizadora, bem como dos representantes da municipalidade, os quais, como observado, se confundem, passaria pela divulgação e representação de seu sucesso enquanto “empreendedores”. A cidade seria o produto destes investimentos. O espaço urbano é visualizado como algo dinâmico e o centro da cidade como o reflexo deste “progresso” (ruas, construções, espaços públicos/privados e comerciais)¹⁷³.



Figura 30 - Vista aérea de Toledo, 1952 - Acervo Museu Histórico Willy Barth

¹⁷²Raquel Rolnik. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP. 2003. p. 149.

¹⁷³ Ver noções de habitus, campos e discurso em Pierre Bourdieu, como noções que permitam perceber a ideia de reprodução de capitais.

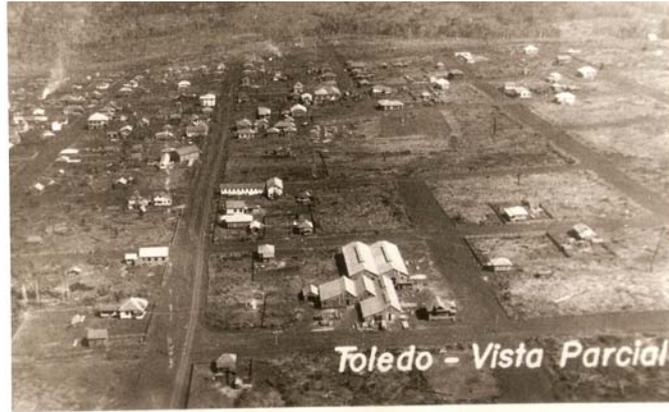


Figura 31 - Vista parcial de Toledo – Déc. 50
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 32 - Vista parcial de Toledo – 1953
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 33 - Toledo, vista parcial – 1957 - Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 34 - Vista aérea – 1958
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Desta forma, ao se observar as vistas parciais e aéreas da cidade, percebe-se a recorrência às ruas e avenidas. Em primeiro plano, vêem-se ruas que se abrem para o horizonte e, assim, que visualizam as possibilidades de crescimento. O enquadramento demonstra uma cidade com calçadas e ruas, com pedras irregulares ou asfaltadas.

Nesta atividade de fotografar a cidade, e posteriormente de selecionar tais imagens, percebe-se uma preocupação demasiada com a abrangência espacial. Entre as fotografias analisadas, preponderam as vistas da cidade, as quais procuram permitir ao receptor da fotografia uma noção do todo, uma visão seja ela parcial ou geral da cidade. As que destacam a centralidade urbana contemplam 39 fotografias, sendo que 24 abrangem espacialmente uma vista parcial, 9 fotografias vistas panorâmicas e 9 fotografias vistas aéreas. As vistas aéreas gerais ou parciais totalizam somente 9 fotografias, devido ao alto custo e as dificuldades operacionais na realização de tais fotografias. Elas são realizadas neste momento, como destacado em entrevista pelo principal fotógrafo que as fazia na década de 1950, para publicidade da nascente cidade. Dava-se destaque para as ruas, não deixando de focalizar investimentos e planejamentos para o futuro.



Figura 35 - Vista Parcial da rua Sete de Setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo 1955-56 - Acervo Museu Histórico Willy Barth

A evidência de um “planejamento” do município se materializa na visualização de ruas largas, mesmo que o trânsito não fosse acentuado. A ideia de um planejamento da cidade é frequente em conversas com alguns moradores que versam sobre o passado local. Alguns fazem referência ao Padre Antonio Patuí, pessoa considerada culta e que, por já ter morado na Europa, teria outros referenciais de cidade. Ele é lembrado como pessoa importante para o processo “colonizador” desta área, pois juntamente com os representantes da MARIPÁ, fazia a medição das ruas centrais - as quais não poderiam ter menos de 20 metros - com cordas¹⁷⁴.

¹⁷⁴ E através das fotografias é possível perceber estas ruas e avenidas largas. Esta noção de planejamento é tida, muitas vezes como uma lenda urbana, com destaque a figura do Pe. Patuí, pois a constituição de avenidas e ruas largas, prevendo o futuro, tendo o desejo e crença de que haveria grande circulação de pessoas e automóveis,

O padre, desta forma, é visto como um homem que tinha “visão de futuro”, sendo considerado um agente da modernização¹⁷⁵. Nas memórias destes habitantes, portanto, é dado destaque ao papel do representante da igreja católica na constituição do espaço urbano, perpetuando uma memória que positiva o papel da Igreja Católica na constituição de uma cidade com referenciais modernos. Seus olhos, como dizem, estavam olhando para o futuro.



Figura 36 - Vista parcial de Toledo – Déc. 50
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Temos assim, como elemento de fundamental importância nestas fotografias, as ruas/avenidas. Parafrazeando Munford, “a rua ou avenida larga era estimada como um símbolo do progresso: a tal ponto que era traçada com uma amplitude que não tinha relação funcional com o seu uso presente ou potencial”¹⁷⁶ e tal percepção também é extraída destas fotografias: a rua, seu alargamento, como símbolo constante de um progresso e um olhar para o futuro.

Ao se fotografar as ruas, avenidas e cruzamentos, explorando a posição diagonal da câmera, é possível perceber uma variedade de elementos que perfazem um conjunto arquitetônico desenhado e planejado. Isto permite extrair outros elementos da fotografia, tais como: edificações adjacentes a ela, possíveis cruzamentos com outras ruas, transeuntes que porventura estejam passando pelas ruas ou no espaço destinado ao calçamento, veículos parados ou em movimento nestas vias, rede de eletrificação, entre outros. Os postes e outros elementos relativos à infra-estrutura urbana, instituições públicas e comerciais/empresariais, realçam o “progresso” ora verbalizado na imprensa e em discursos de políticos: uma representação do “milagre” que teria transformado a selva em cidade. Por isto, a associação

principalmente tendo como referência a cidade de Porto Alegre e concepções de cidades européias, já era estabelecido por este em conversas e sermões. Acervo Museu Histórico Willy Barth. Doc. 101 – Pasta 13.

¹⁷⁵ Frank A. Mezzomo, quando trata do Padre Patuy, destaca entre várias características, o seu papel de destaque e sua importância na memória e na história desta comunidade recém-surgida. Sobre isso, ver **Religião, nomos e eu-topia**: práxis do catolicismo no oeste do Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002. p. 95-110.

¹⁷⁶ MUNFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 4ª Ed. P. 462-463.

constante nestas imagens de construções de estabelecimentos privados e públicos e a energia elétrica. Estes quesitos são fundamentais na organização e estruturação de uma cidade.

Reinaldo Lohn, em seu trabalho sobre a cidade de Florianópolis-SC, analisa o futuro como perspectiva para a compreensão de expectativas dos grupos sociais que atuaram naquela cidade entre os anos 1950 e 1970. Segundo ele:

O futuro, enquanto discurso e experiência, transformava-se num tipo de *habitus* de classe, ou seja, num conjunto de disposições e estratégias práticas e simbólicas, através das quais as condições sócio-econômicas e culturais das camadas médias exprimiam-se em determinados gostos, estilos de vida e estruturas de consumo¹⁷⁷.

A perspectiva de um imaginário da cidade do futuro, em Toledo, se conjuga com as representações urbanas presentes nas fotografias. As fotografias permitiriam reproduzir não apenas recortes da realidade, mas ações e expectativas. Também em Toledo se sentiam os reflexos do “desenvolvimentismo”¹⁷⁸, que certamente permeou os projetos de cidade e a configuração urbana e se fez visível em ações do poder público municipal. Um dos elementos mais destacados nos debates da Câmara Municipal e que também é muito focalizado nas fotografias é a questão da energia elétrica. Ela seria salutar para o “desenvolvimento” urbano. De 24 fotografias (estabelecidas como vistas parciais), 15 permitem visualizar os postes de eletrificação urbana no enquadramento. Os mesmos poderiam, sem maiores dificuldades, ser retirados do enquadramento, mas assim, certamente, não demonstrariam, numa cidade recém-criada, uma infra-estrutura necessária ao funcionamento de uma cidade digna desta denominação. A energia elétrica, necessária para a concretização dos anseios de parte dos representantes político-econômicos locais, um dos assuntos de muitas discussões no jornal *O Oeste* e na Câmara, era um serviço necessário para a execução dos projetos da própria colonizadora. Na imprensa, verbaliza-se constantemente a necessidade de se romper com as dificuldades relativas à infra-estrutura, especialmente o problema da insuficiência na produção de energia elétrica. A visualização deste elemento nas fotografias permite inferir a preocupação em mostrar como o município estava sendo constituído de forma a ter a infra-

¹⁷⁷ LOHN, Reinaldo. **Pontes para o futuro**: relações de poder e cultura urbana Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre, 2002. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. P. 30.

¹⁷⁸ Trabalhamos com a noção de desenvolvimentismo, permeando a constituição de mudanças estruturais significativas no país, principalmente as que evidenciam o êxodo rural, mecanização da agricultura e crescente urbanização das cidades com destaque no cenário nacional, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. No caso de Toledo, não relacionamos tal noção diretamente à de industrialização, visto Toledo estar numa das últimas regiões a se estabelecer como fronteira agrícola e urbana no contexto paranaense. Segundo Sabrina Campos, “a região Oeste manteve certas peculiaridades a partir de seu processo de “colonização”, responsáveis por um processo de crescimento e de desenvolvimento pouco atrelada à dinâmica econômica do contexto do Estado do Paraná.” Op. Cit. p. 20.

estrutura necessária aos moradores, com a possibilidade do uso de equipamentos elétricos, trazendo elementos caracterizados como modernidade para os seus lares. Neste sentido, a modernização dos modos de vida e de trabalho dependia da modernização urbana.

Na foto a seguir, percebe-se que o fotógrafo, ao fazer o enquadramento da imagem, distancia-se da cena, posicionando-se de forma a enquadrar alguns elementos físicos e a deixar o poste de luz como elemento central da mesma.



Figura 37 - Toledo, vista parcial da Rua Almirante Barroso, em 1956/57
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Nesta imagem, o tema energia elétrica está no centro da fotografia. Naquele momento, o debate girava em torno do aumento do potencial de produção de energia elétrica no município ou, até mesmo, da possibilidade da concessionária estadual se instalar e prestar seus serviços. O jornal *O Oeste* deu suporte a esta discussão: “Mas, perguntamos nós, é possível a Toledo manter a sua ascensão no caminho do “progresso” no mesmo ritmo que seguiu até hoje? Não tropeçaremos em obstáculos que impedirão a nossa marcha para o futuro?”¹⁷⁹

Os anseios das elites em reproduzir seus capitais através da transformação dos espaços passam pela necessidade de investimentos externos, sejam eles privados ou públicos. E a energia elétrica, simbolizada nas imagens, era elemento primordial neste projeto de cidade, pois, “para que essas indústrias possam funcionar com pleno rendimento, para que possam ser ampliadas, para que novos investimentos industriais possam ser realizados, precisamos de força motriz”¹⁸⁰.

Ao mostrar, no conjunto do espaço a ser fotografado, o elemento humano, se dá maior dinamicidade ao ambiente, seja através da possibilidade de locomoção, circulação e organização do espaço. No entanto, em algumas delas, as pessoas estão em posição estática, fazendo pose para a tomada das fotografias. Observa-se, assim, que o elemento humano fica

¹⁷⁹ Jornal *O Oeste* – 15/11/1953. Ano I. nº 10. P. 1.

¹⁸⁰ Jornal *O Oeste* – 15/11/1953. Ano I. nº 10. P. 1.

relegado a um plano secundário ao que se objetiva destacar na fotografia: o espaço urbano em sua materialidade, ou seja, os equipamentos urbanos. Em apenas duas fotografias se percebe a primazia das pessoas em primeiro plano. Não obstante, isto acontece porque os temas são as instalações da Comarca de Toledo e da Diocese, instituições significativas para a consolidação do município na região, dando-se destaque para a presença do governador do Estado. O espaço físico não é destacado nestas imagens, mas sim as pessoas e processos que darão dinamicidade ao local ora retratado.¹⁸¹

Na ata de instalação da Comarca de Toledo, representada na fotografia a seguir, destaca-se a referência ao representante legal da MARIPÁ, Willy Barth, o único civil que não representava instituições públicas presente na mesa diretora da sessão. O mesmo fez uso da palavra, para agradecer, em nome da população de Toledo, a elevação do município a comarca. A ata e a fotografia documentam, assim, o papel significativo da empresa colonizadora na vida pública do recém-criado município.



Figura 38 - Instalação da Comarca de Toledo – 1954
Acervo Museu Histórico Willy Barth

¹⁸¹“ATA DE INSTALAÇÃO DA COMARCA DE TOLEDO: Aos nove dias do mês de junho de ano de mil novecentos e cinquenta e quatro, nesta cidade de Toledo, sede da Comarca de segunda instância e município do mesmo nome, deste Estado do Paraná, às quatorze horas, numa das salas do edifício do Clube do Comércio. Formada a mesa diretora da reunião, sob a presidência do Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da Comarca, ficou assim constituída: Dr. Murilo Roncaglio, M.D. Juiz de Direito da Comarca de Foz do Iguaçu; Dr. Ernesto Dall’Óglio, prefeito municipal, Sr. Guerino Vicari, presidente da Câmara de Vereadores, Rev. Padre Antonio Patui, Pastor Karl Merck, Sr. Ari Branco, delegado de Polícia, Sr. Willy Barth, Sr. Ernesto B. Fortes, coletor estadual”. In: ATA DE INSTALAÇÃO DA COMARCA DE TOLEDO – 09/06/1954 (Manuscrito – Museu Histórico Willy Barth). Pasta 14.



Figura 39 - Instalação da Diocese de Toledo, em 20.06.59
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Algumas fotografias (16) destacam a presença de automóveis (carros e máquinas) e uma (1) mostra um avião. Estes elementos permitem reconhecer justamente algo pertinente ao período temporal fotografado: a concepção de que o espaço urbano passa pelo uso de meios de transporte motorizados e pelo uso de novas tecnologias¹⁸². As fotografias são, neste sentido, narrativas do desejo, desejo de uma cidade que acompanhasse o “progresso” tecnológico vivido em outras cidades, principalmente as destacadas em algumas capitais brasileiras. São representações do real vivido, no cotidiano, mas também imagens do desejo de modernidade¹⁸³.



Figura 40 Solenidade de Instalação da Agência do Banco do Estado do Paraná – 15/08/1953
Acervo Museu Histórico Willy Barth

¹⁸² Nas matérias publicitárias do Jornal O Oeste que foram trabalhadas no primeiro capítulo, fora observado continuamente chamadas sobre a venda de veículos (jipes) e de oficinas mecânicas. Em momento algum, fora destacada o transporte animal, tanto que tal atividade, seja de circulação ou acomodações, fora proibida pelo Código de Posturas.

¹⁸³ Zita Possamai destaca que em Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930, as fotografias criaram esta representação do urbano e do moderno, pois “a fotografia como engenho moderno (...) era signo que marchava de braços dados com o advento das metrópoles. Nessa Porto Alegre com seu centro remodelado e com parte de sua população ensaiando hábitos mundanos, (...) ao mesmo tempo em que compunham a visualidade urbana ao lado dos cafés, dos cinemas, das vitrines e das confeitarias”. In: Circuito Social da Fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, 2006. P. 272.



Figura 41 - Parte interna do Correio de Toledo em 1953
Acervo Museu Histórico Willy Barth



Figura 42 - Aeroporto de Toledo – Dec. 50
Acervo Museu Histórico Willy Barth

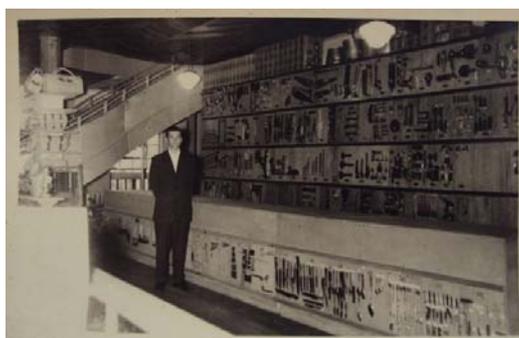


Figura 43 - Foto interna Empório Toledo – 18/06/1955
Acervo Museu Histórico Willy Barth

Tendo como referência novamente a tese de Reinaldo Lohn, referente a Florianópolis do mesmo período, pode-se dizer que “o futuro portanto, não era algo a ser deixado para depois. Estava sendo debatido e construído ao longo dos conflitos, anseios, projeções e disputas que aquela sociedade vivenciava”¹⁸⁴. Em Florianópolis, os grupos políticos e a emergente classe média estavam imersos numa disputa simbólica sobre o futuro da cidade. Ali

¹⁸⁴ LOHN, Reinaldo Lindolfo. Op. Cit. P. 37

não houve a mínima ruptura, no plano político-partidário local e estadual, da dominação oligárquica, e quando se falava, projetava ou discutia sobre o futuro, não se deixava de projetar também o futuro destes grupos detentores do poder. Em Florianópolis, “o futuro e as conquistas que poderiam surgir para a cidade deveriam, portanto, continuar atreladas aos antigos “benfeitores”, aqueles que se diziam portadores da capacidade de dotá-la de condição de “desenvolvimento”, sem romper com as relações de poder”¹⁸⁵. Tais práticas podem ser observadas também em Toledo, nos anos 1950, na configuração da cidade desejada e nos seus possíveis desdobramentos. A MARIPÁ e seus representantes, assim como o poder público municipal, conceberam a localidade e projetavam uma cidade a partir de seus interesses. Mais do que isso, instituíram uma visualidade urbana destacando as possibilidades de crescimento da cidade.

No jornal e na Câmara Municipal, a veiculação e destaque destes discursos e possibilidades eram comumente referenciados. Relembramos o que Ondy Niederauer disse sobre o objetivo em fotografar as ruas: registrar para o futuro, futuro imaginado como moderno e diferente do entorno, diferente do passado. Ao afirmar “imaginar o futuro”, tinha-se o desejo de ruptura em relação ao presente e ao passado. O horizonte era a cidade desejada. Com estas imagens, seria plausível imaginar uma cidade que não se caracterizasse apenas como agrícola, dependente da terra, mas dotada de comércio, indústria, serviços, correlata aos grandes centros urbanos do país.

Como forma de sintetizar a discussão, utilizando-se do referencial proposto por Solange Ferraz Lima e Vânia Carneiro de Carvalho sobre os padrões temáticos, as fotografias da década de 1950 analisadas mostram continuidades e rupturas em relação a enquadramentos anteriores e compõem uma cultura visual da cidade que destaca uma cidade que estaria predestinada ao “desenvolvimento”. A análise destas fotografias nos permite perceber os seguintes padrões visuais:

1- PADRÃO DE CIRCULAÇÃO URBANA: destaque preponderante às imagens da região central, todas do período diurno, combinando principalmente elementos como ruas, construções e automóveis, caminhões, tratores, motoniveladoras, ônibus, entre outros.

Têm-se como padrão de circulação urbana, o destaque e ênfase para as edificações em conjugação com as vias, justamente criando sentidos de racionalização e planejamento urbano, em contraposição à área rural, com extensão maior e sem a necessidade de organização planejada em vias de circulação, caracterizando o sentido de controle e

¹⁸⁵ LOHN, Reinaldo Lindolfo. Op. Cit. P. 45

ordenamento. Este sentido de ordenamento urbano se reflete também na primeira legislatura, com o Código de Loteamentos e o Código de Posturas, o que é reforçado nos retratos e enquadramentos das fotografias da cidade. As fotografias analisadas silenciam sobre o espaço rural, bem como sobre as áreas não desejadas e que não se enquadrariam neste projeto¹⁸⁶.

O enquadramento das ruas permite destacar a possibilidade de circulação, seja ela de pessoas ou automóveis, na percepção de continuidade, em ruas largas e a serem pavimentadas, com pedras irregulares ou asfalto, pois, segundo Célia Souza, “uma das imagens mais fortes e mais concretas da cidade é a rua, espaço plurifuncional, onde os mais variados fatos ocorrem”.¹⁸⁷ As ruas e suas possibilidades de continuidade são constantes em quase a totalidade das fotos. Permite também inferir o alto grau de possibilidade de organização destas vias, na prerrogativa de serem canais de circulação¹⁸⁸.

Nota-se, também, neste padrão de circulação urbana, excetuando as imagens de vista aérea, do frigorífico e da turbina da usina, espaços voltados à atividade comercial e de serviços, que todas ficam presentes na área central do município, com ênfase ao quadrilátero envolvendo as ruas/avenida Maripá, Sete de Setembro, Barão do Rio Branco e Tiradentes, que compreenderia o cerne da localização dos estabelecimentos e atividades citadas. Desta forma, haveria também a concentração político-administrativa nesta mesma área, concentrando prefeitura, delegacia, bancos, coletoria fiscal, instalações da MARIPÁ, entre outros prédios públicos.

Percebe-se em algumas fotografias que o padrão circulação urbana se faz mais presente, combinando maior dinamicidade à área central da cidade, permitindo ao receptor da fotografia, visualizar, mais pessoas, mais automóveis, mais construções entre outros. As ruas e avenidas são os elementos principais que justamente dão a ideia de ordenamento e organização espacial a este centro. Dá-se visibilidade às ruas retas e em vias de pavimentação, quadras planificadas e construções.

2 - PADRÃO RETRATO: destaque preponderante às edificações, tomadas de forma restritiva.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Exemplo, a área denominada de Pouso Frio. Denominação que a MARIPÁ dá a região chamada Pouso nº 5, área esta não adquirida na aquisição da Fazenda Britânia, medindo aproximadamente 200 hectares. Passou a ser conhecido também como Pouso Toledo.

¹⁸⁷ SOUZA, Célia Ferraz de. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra J. Porto Alegre. Op. Cit. 1997. P. 117.

¹⁸⁸ Nota-se a ênfase ao enquadramento das ruas e avenidas, visto que a acessibilidade ao município por estradas estaduais ou federais eram constantemente observados nos jornais e discussões legislativas municipais.

¹⁸⁹ LIMA e CARVALHO definem este padrão como retrato; já POSSAMAI estabelece, em virtude de seus procedimentos específicos, este padrão como monumentalidade.

A primeira inferência a partir das fotografias, na tomada de quantificação dos elementos que formam o padrão retrato, denota a marca da iniciativa da construção civil em erguer a cidade de forma organizada e planejada na região central, excetuando novamente as vistas aéreas e da instalação da comarca. Elas apresentam o anseio em demonstrar as edificações que possibilitam a organização em várias facetas, como citado anteriormente, na efetivação de obras da área central. Destas fotografias, destacam-se os prédios públicos e privados centrais como, por exemplo, a sede da colonizadora MARIPÁ, a delegacia de polícia, hotéis, lojas comerciais, etc. O prédio de uma automecânica demonstra a existência de serviços técnicos imprescindíveis à cidade. Uma cidade pautada no moderno deveria acompanhar o consumo de bens como automóveis. Como citado, o jornal *O Oeste* fazia referência à instalação de loja que comercializaria o Jipe Willis na cidade.

3 - PADRÃO INFRA-ESTRUTURA URBANA: destaque preponderante aos elementos envolvendo ruas, avenidas e praças. Percebem-se, neste padrão, elementos que permitem visualizar os serviços urbanos: energia elétrica, pavimentação, instituições públicas e prédios referentes ao setor terciário e de serviços: comarca, diocese, bancos, hotéis e comércios. Os temas mais recorrentes são a energia elétrica e a pavimentação, pois as fotografias denotam o elemento visual dos postes e linhas de fornecimento de energia e principalmente as ruas prestes a receber calçamento ou em construção. Estes dois elementos denotam justamente as possibilidades do funcionamento da cidade, correlatos à própria circulação urbana. A preponderância deste padrão, nas fotografias selecionadas demonstram que, as ruas e avenidas e a constituição da energia elétrica pautam o cotidiano da centralidade urbana em desenvolver uma rede de serviços e indústrias. Os agentes que representam estas práticas na esfera pública, pretendiam caracterizá-la como urbana.

Estes padrões temáticos, observados a partir da análise das fotografias, demonstram como se representa Toledo enquanto cidade e, mais que isso, cidade voltada para a modernização urbana. São imagens que procuram aproximar Toledo de imagens de outras cidades maiores. Podem ser aproximações à capital do Estado de origem da empresa colonizadora ou de outras cidades. Dá-se ênfase a elementos que permitam publicizar as ações realizadas na cidade e possibilitar novos investimentos.

Partindo do pressuposto em se estudar as fotografias como um dos elementos fundamentais desta pesquisa, tal estudo leva a perceber a partir da visualização das fotografias expressas no Plano de Colonização, publicado em 1955, e de outras que estão no Acervo do Museu Histórico Willy Barth (as que foram cedidas para análise), um desejo de

tentar caracterizar um olhar específico para a cidade de Toledo. Nota-se inicialmente na observação das imagens, em alguns aspectos determinantes, uma ênfase no processo “colonizador”, que data a partir de 1946, e uma espécie de trampolim do passado para o futuro, sendo perceptível nas imagens disponíveis, tanto nas exposições, banners, monumentos, entre outros, bem como nas que foram cedidas para a pesquisa. Há a tendência de uma mudança proposital em seu estabelecimento: ou seja, permitir ao leitor tal perspectiva em observar as fotografias, de que a cidade modificou-se, e que este futuro se perfaz diferente e com perspectiva ao urbano. Do início do processo “colonizador”, rapidamente o leitor passaria, de forma linear, para a constituição e organização urbana da cidade. Isto fica mais claro nas análises dos banners, cartilhas e “lugares de memória”. Valoriza-se na visualização e sobretudo na divulgação das fotografias, um olhar para o urbano (das fotografias em acervo por exemplo, os enquadramentos das áreas a serem fotografadas mudam de foco, privilegiando notadamente a área urbana – ruas, edificações, rede de serviços e circulação). As imagens do desmatamento, das primeiras casas, dão lugar à sistematização de abertura de ruas e construções; dos animais e plantações, dão lugar aos carros e energia elétrica (postes), entre outros elementos.

As imagens que tinham como foco principal a terra, a produtividade, a natureza, tendem-se a dar lugar a uma nova perspectiva fotográfica na década de 1950, caracterizada principalmente na seleção de imagens selecionadas e arranjadas para a pesquisa: a que focaliza a cidade que surge e a que realça estes aspectos urbanos. Aquelas imagens se interagem com estas, somente na perspectiva em tentar mostrar o antes e o depois. Em relação as imagens selecionadas e analisadas, em sua quase totalidade foram provenientes de funcionários da MARIPÁ (quando da sua execução) ou em função dela, e outras de pessoas ligadas diretamente aos recursos urbanos que surgem – agências bancárias, aeroporto, escolas, igrejas, entre outros (nota-se que, privilegiando ao mesmo tempo vistas parciais e panorâmicas, pretendia-se publicizar as ações propostas pela municipalidade que surge, e fundamentalmente, atrair novos investimentos e, com isso, promover o crescimento da cidade).¹⁹⁰

¹⁹⁰ Ana Maria Mauad, em seu estudo sobre fotografias e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro, estabelece que as imagens produzidas ao longo das primeiras décadas do século XX refletem o interesse da classe dominante, a partir do controle dos códigos e da representação social no espaço urbano, em construir uma determinada sociabilidade. As coleções de fotos analisadas permitem visualizar a construção de uma certa memória que caracteriza a classe dominante como articuladora hegemônica deste processo. MAUAD, Ana Maria. O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. In: SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra J. (Org.) **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. P. 281-292.

3. ANTES O FUTURO, AGORA O PASSADO: O MUSEU HISTÓRICO WILLY BARTH E A CIRCULAÇÃO DE UMA MEMÓRIA VISUAL EM TOLEDO

”Para que o trabalho daqueles corajosos batalhadores não fosse esquecido, foi criado o Museu Histórico Willy Barth (...) o grande valor do Museu não está simplesmente nas peças que ele contém, mas no despertar de consciência do povo, enquanto registro vivo do processo de transformação da história que estamos fazendo”¹⁹¹.

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX.¹⁹²

Andreas Huyssen, autor da segunda epígrafe, analisa de forma crítica a valorização extrema de discursos de memória nas últimas décadas, a qual vai caracterizar de “cultura da memória”. Segundo o autor, ela tem feito o tempo pretérito cada vez mais presente: “a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta”¹⁹³.

Ao refletir sobre o surgimento da memória como “uma preocupação central da cultura e da política das sociedades ocidentais”,¹⁹⁴ Andreas Huyssen aponta a década de 80 como o período em que a noção de “futuro presente”, que impulsionou a cultura modernista, foi substituída pela noção de “pretérito presente”, através de uma série de práticas de “apologias do passado” que têm resultado na musealização do mundo. A globalização de uma “cultura da memória” nas últimas décadas impõe o desafio de pensar a conexão entre o global, o nacional e o local. Segundo o autor, as causas desta “cultura da memória” são as mais diferentes e específicas, devendo-se levar em conta os mais variados usos políticos da memória nos diferentes locais do globo.¹⁹⁵

Tal fenômeno pode ser verificado também em Toledo, seja a partir de “lugares de

¹⁹¹ **Revista Pesquisa**, Toledo: Publi-Artes, nº 16 – Ano II, nov. 1987. Publicação mensal de Publi-Artes - Editora E Serviços Gráficos Ltda . Produção e propriedade de Alzeu Fagotti Junior, Mário Cezar Fagotti, Sérgio Alexandre Fagotti e Carlos Antônio Manz. P. 13

¹⁹² HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9

¹⁹³ Huyssen, A. Op. cit. p. 16

¹⁹⁴ Huyssen, A. Op. cit. p. 9.

¹⁹⁵ Huyssen, A. Op cit. p. 17.

memória” como o museu histórico, em 1984, e da comemoração do Dia do Pioneiro, a partir de 1987, seja a partir da divulgação de um tempo passado da cidade por meio da mídia. Em Toledo, esta “cultura de memória” se expressa, principalmente, através do poder público municipal, agente da construção de memórias públicas da cidade e que também tem contribuído significativamente para a constituição de determinado imaginário urbano. Neste município, esta “cultura da memória”, que também podemos localizar a partir dos anos 80, resultou em fortes investimentos do poder público na constituição de “lugares de memória”.

Segundo Pierre Nora, os grupos sociais tendem, em momentos de ameaça, a garantir a preservação da memória através da criação de “lugares de memória”: “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi”.¹⁹⁶ Isto parece acontecer em Toledo, principalmente a partir da constituição o museu histórico municipal.

As imagens, sejam fotografias e monumentos, têm constituído um suporte fundamental de representações do tempo pretérito da cidade, sobretudo as relativas ao início do processo de “colonização”. Tais imagens se coadunam com interesses de frações das elites locais, gestoras do poder público municipal. As fotografias selecionadas para diversas exposições que circulam pela cidade, murais e álbuns fazem parte das coleções do museu histórico Willy Barth, fundado efetivamente em 1984, compreendido desde então como uma espécie de “depósito”¹⁹⁷ das memórias em âmbito municipal.

Segundo matéria da internet sobre reportagem de telejornal local sobre exposição de fotografias antigas de Toledo, em circulação atualmente no município, a exposição constitui “uma ajuda a moradores a conhecer a história de Toledo, que o tempo e novas construções vão apagando”¹⁹⁸. O sentido da matéria se baseia na seguinte questão: como olhar para o futuro, se não é possível rememorar um passado? Esta exposição, organizada pelo museu histórico local, faz parte de uma série de atividades desenvolvidas por esta instituição desde a sua fundação e que tem contribuído para a divulgação de uma memória visual da cidade, como veremos a seguir.

Não apenas as exposições fotográficas que circulam pela cidade, mas também as fotografias e objetos expostos no próprio museu traduzem olhares específicos sobre o passado

¹⁹⁶ Nora, op cit, p. 15

¹⁹⁷ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argós, 2004.

¹⁹⁸ Chamada para matéria alusiva a reportagem sobre exposição de fotografias em telejornal. http://www.rpctv.com.br/oeste/video.phtml?Servic_ID=&Video_ID=83294

da cidade. Sobre a exposição museal, afirma Francisco Ramos: “o conhecimento histórico, que fundamenta a exposição museal, se faz no presente e pelo presente, o qual interpela o passado. A distância entre o que passou e o tempo atual não é o entrave ou o caminho a ser eliminado ou percorrido com a chamada “neutralidade científica”¹⁹⁹. Desta forma, a própria organização do museu pode ser caracterizada como uma espécie de teatralização dos objetos expostos: “No museu, qualquer exposição é uma violência topográfica – ato de extirpar do objeto seu valor de uso, atribuindo-lhe dimensão de espetáculo”²⁰⁰. Uma determinada percepção da história local é dada ao visitante/leitor dos objetos já a partir de sua entrada no espaço do museu histórico Willy Barth, onde se vê o título do museu esculpido em tronco de madeira. Este tipo de material é associado à história dos “primeiros tempos” do município, ao desmatamento e ao início do processo “colonizador”.

Há também a exposição de algumas fotografias nas paredes, salas específicas - como a sala Willy Barth (com fotografias, documentos e objetos pessoais)-, a reprodução de uma sala de aula com carteiras e materiais do período destacado, marcenaria, carroça, cama, berço, cristaleira, confessionário, entre outros, que tentam estabelecer uma “representação” do real. Diversas noções sobre o passado local são apresentadas ao visitante e lhe permitem abstrair elementos expostos de um passado “guardado” num espaço específico, o museu, constituído como referência pública e legitimado pelo poder público como o “guardião da memória” do que “realmente” teria acontecido²⁰¹. O Museu Histórico Willy Barth se estabeleceu como principal “lugar de memória” e articulador de uma “cultura de memória” na cidade de Toledo, utilizando-se, entre outros materiais, das fotografias do município.

3.1. “Não vamos jogar fora a história de Toledo”: a constituição do museu histórico Willy Barth

A memória é uma reflexão sobre a mudança, como dimensão inerente do tempo das sociedades humanas (...) uma negação do mesmo pelo reconhecimento de sua inevitável transformação em outro. Ela traz em si a possibilidade de vermos o

¹⁹⁹ RAMOS, Francisco R. L. Op. Cit. P. 130

²⁰⁰ RAMOS, Francisco R. L. Op. Cit. P. 135

²⁰¹ Francisco Ramos destaca que “Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses. O que merecia ficar no museu de feição mais tradicional era, em geral, o objeto da elite: a farda do general, o retrato do governante, a cadeira do político, a caneta do escritor, o anel de um bispo ... Tudo isso compunha o discurso figurativo de glorificação da história de heróis e indivíduos de destaque”. P. 13. No caso do Museu Histórico Willy Barth, os objetos expostos visam a valorizar por excelência a constituição da ação dos personagens ligados a eles, personificando-os em ações de bravura, coragem, desprendimento e obstinação. Apenas alguns personagens que contribuíram na processualidade histórica constituinte desta cidade.

presente, não como uma realidade fixa e imutável, como algo eterno, mas como um produto humano, como um momento de passagem, uma ponte através da qual o passado constrói o futuro. E é para o futuro que se volta, assim, essa memória ativa, afirmando o poder e a força da ação humana sobre sua própria história²⁰²

Segundo o Dicionário Aurélio, memória é a faculdade de reter idéias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente; um efeito da faculdade de lembrar; a própria lembrança, bem como recordação que a posteridade guarda. Por ser um termo polissêmico, é controverso e ambíguo em algumas definições. Ao perguntar ou conversar a algum tempo sobre história local com moradores de Toledo, os mesmos não se sentem constituintes desta processualidade histórica, pois destacam apenas a visualização de personagens vistos como importantes, datas comemorativas oficiais, entre outras características, enfim, uma concepção positivista da história. Passado este, que a maioria não se enquadra, por não se sentirem sujeitos constituintes do mesmo e no qual, se percebe o papel significativo do museu local na veiculação desta concepção de história e memória.

A criação oficial ocorreu em 1976, ano considerado simbólico pela administração pública, pois nesta data o município completava trinta anos de fundação, contados a partir da data estabelecida como início do processo “colonizador”. A criação do museu, legitimada através de um projeto-lei, foi divulgada como uma grande conquista para a cidade e sua população. O jornal *Tribuna D’Oeste*, naquele momento, destaca em manchete a criação do museu: “Museu Histórico: uma realidade”²⁰³. O jornal dá a conhecer à população o Projeto-Lei nº 09/76, de autoria dos vereadores José Luiz Dosciatti e Duílio Genari, que instituiu a criação do museu. Posteriormente, publica-se o Projeto-Lei nº 15/76, também de autoria do vereador José Luiz Dosciatti, que dá o nome Willy Barth ao Museu, em referência ao personagem político, falecido em 1962²⁰⁴. Segundo Andreas Huyssen, “o lugar da memória

²⁰² GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e História Científica **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Marco Zero\Anpuh, 1995, p. 188-189.

²⁰³ Jornal **Tribuna D’Oeste**, 11/08/1976. Recorte sem identificação de edição ou página. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²⁰⁴Sobre isto, ver SCHMIDT, Robi. **Cenas para constituição de um mito político**. Curitiba: UFPR, 2000 (Dissertação de Mestrado). CEPEDAL/UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon. Este autor faz uma análise de diversas narrativas e estabelece a configuração de imagens, monumentos e “lugares de memória” que constituem Willy Barth como um mito político. “Observa-se que os significados que possuem estas praças, bustos, ruas etc. na constituição desse mito político possuem uma linguagem que não é inocente, pois revelam sentidos que vão ao encontro de valores cultivados pelo grupo e por isso e por isso buscam garantir um espaço para essa memória. Assim, existe uma efetiva luta por parte das pessoas desse espaço em prol da garantia de permanência da memória de Willy Barth, pois este personagem, (...) integra elementos que são valorizados pela comunidade, fazendo que ocorra a identificação entre Barth e as pessoas da região. Sendo assim, a luta pela conservação da memória de Barth é também a luta pela manutenção dos valores e atitudes definidas pelo mesmo”. P. 143. Nesta fundamentação e constituição de Willy Barth como mito político, o autor sintetiza que a “construção de monumentos públicos que garantam o espaço de Barth junto à memória do Oeste paranaense buscar assegurar a propagação de suas atividades em meio ao processo de “colonização” através de sua

numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e míticos, históricos, políticos e psicológicos”²⁰⁵. A denominação do museu de Toledo foi parte constituinte da construção de um mito político,²⁰⁶ Willy Barth, que já havia sido homenageado anteriormente ao se dar seu nome à praça central da cidade. Através da Lei nº 844/76, de 29/09/76, efetivamente se nomeou o museu, em seu “Artigo 1º. - Fica denominado Willy Barth, o Museu Histórico de Toledo”²⁰⁷. Havia consenso entre os vereadores da Câmara Municipal, por se tratar, conforme destaque, “de um dos principais personagens da história da cidade”. Ou seja, a referência a um passado específico, que valoriza pessoas específicas, no caso a figura de Willy Barth e consequentemente da MARIPÁ e o processo “colonizador”, se constitui em eixo norteador na constituição do museu. Em Toledo, primar por estabelecer mitos em relação a alguns personagens e processos da história local dialogava com situações vividas naquela ocasião e aos perigos de esquecimento num futuro próximo.

Na análise da constituição do museu, cabe observar um artigo da Lei nº 834/76, de 23/08/1976, que cria o Museu e dá instruções sobre o processo de formação do acervo, observando algumas orientações quanto a sua organização:

Art. 2º. Para a formação e instalação do Museu Histórico de Toledo, a Prefeitura Municipal através da Secretaria de Educação e Cultura, promoverá campanhas para a coleta de materiais e objetos de valor histórico junto aos munícipes toledanos, possuidores de peças de valor histórico e tradicional.
Parágrafo Único: Poderão ser criadas Comissões Distritais para atingir maior êxito na campanha da coleta de dados e peças de interesse cultural e valor histórico.

De antemão já se estabelece que os articuladores do museu possuam como referência para coleta os “materiais e objetos de valor histórico”. Afinal, como definir quais materiais e quais objetos são de valor histórico? Sobre a caracterização dos documentos, nos alerta Jacques Le Goff:

O documento é testemunho e os ensinamentos que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou

caracterização como significativo exemplo para a comunidade, de tal forma que “morreu, mas seu nome e figura permanecem imortais, lembrados não só em Toledo, mas em todos os recantos do Oeste”. P. 146-147.

²⁰⁵ Huyssen, A. Op. Cit. p. 69.

²⁰⁶ A praça central, com seu espaço reservado em área de destaque, na constituição da cidade, a partir de 1951, recebeu inicialmente o nome de Praça Barão do Rio Branco, sendo denominada, em 07/05/1962, através da Lei nº 259, de Praça Willy Barth, uma homenagem ao diretor da colonizadora após sua morte, ocorrida naquele ano. Segundo o texto da lei, “a este ilustre homem público pela sua contribuição e “desenvolvimento” de Toledo e região”, referenciando a constituição do mito político. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²⁰⁷ Lei 834/76: Criação do Museu Histórico. Lei 844/76: Nomeia o Museu Histórico Willy Barth. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. (...) qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso. (...) É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos”²⁰⁸

Os trabalhos da memória só ocorrem através da interação social. O processo que transforma um vestígio em documento histórico também supõe tal relação. Jacques Le Goff, em sua obra *História e Memória*²⁰⁹, nos lembra que o estudo da memória social é fundamental para a abordagem dos problemas que envolvem história e tempo, ressaltando que a memória não é somente uma conquista dos sujeitos, ou seja, de alguns sujeitos, mas que é instrumento e objeto de poder. Em seu processo de constituição, as memórias se intercambiam, se nutrem, se alimentam. Segundo o autor: “a memória, onde nasce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”²¹⁰.

O museu histórico de Toledo nasce a partir deste desejo de “salvar o passado” da cidade. Mas suas atividades não tiveram início logo após a promulgação do Decreto-lei que o institui. Há um hiato temporal entre a data de criação do museu e o início das atividades efetivas, ocorrido somente a partir de 1984. Neste ínterim, há a organização do Museu da Imagem e Som²¹¹, por iniciativa particular do Sr. Ondy Hélio Niederauer, ex-contador da colonizadora. Segundo material de arquivo do Museu Willy Barth e entrevista com Niederauer, o acervo do Museu da Imagem e Som constituiu o pontapé inicial para a concretização do outro museu, principalmente as fotografias e os vídeos gravados em VHS²¹². Todo seu acervo foi doado para o Museu Histórico Willy Barth a partir de 1984²¹³.

O museu histórico terá um papel fundamental na solidificação de uma “cultura da memória” em Toledo, o que ocorre já com a campanha de constituição do seu acervo. A campanha estabeleceu atividades com moradores locais, tidos como precursores do povoamento do município, organizadas por uma comissão intitulada os “Amigos do

²⁰⁸ LE GOFF, J. Op. Cit. p. 547-548.

²⁰⁹ LE GOFF. Op. cit. p. 548.

²¹⁰ LE GOFF. Op. cit. p. 411

²¹¹ Nome dado por seu idealizador por conter fotografias, filmagens e gravações de áudio. Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009. Supõe-se a escolha pelo nome de museu, em virtude de estabelecer tal instituição como portadora por excelência de acervos (fotografias, vídeos e objetos) históricos, que representem um passado.

²¹² Estas imagens foram realizadas em Super 8, sendo convertidas para VHS posteriormente. Nota-se que a qualidade de algumas encontra em deteriorização, possivelmente pela ação do tempo e processo de armazenamento.

²¹³ Ondy H. Niederauer destaca em entrevista, que ainda possui materiais para serem doados ao Museu, considerado por ele, local específico para se “guardar a história de Toledo”. Entrevista Ondy H. Niederauer – 29/10/2009

Museu”²¹⁴, a partir de 1983. As pessoas envolvidas tinham ligação direta com a administração pública municipal e se reuniam para articular possibilidades para a composição do acervo. Na constituição do acervo do museu²¹⁵, se estabeleceram quais documentos poderiam ser considerados “históricos”.

Entre vários autores que problematizam a relação entre memória, história e museu, destacamos Mário Chagas, que nos leva a pensar sobre o papel dos sujeitos na atribuição de sentidos aos objetos museológicos. Este autor desconstrói a ideia de que a memória esteja nos objetos:

do ponto de vista museológico, preservar testemunhos materiais não é sinônimo de preservar memória. A memória não está aprisionada nas coisas aguardando um herói libertador, ela situa-se na relação entre o sujeito e o objeto de memorização. Ela também não é o passado projetado de modo fiel ou fidedigno no presente²¹⁶.

Este autor nos leva a problematizar os significados atribuídos pelos funcionários do Museu Histórico Willy Barth aos documentos e objetos que passaram por suas mãos e que foram selecionados para compor os acervos da instituição. Diversos projetos desenvolvidos pelo museu desde sua criação se pautavam na firme convicção de que os objetos tinham, por si só, um grande valor histórico. Entretanto, deve-se acentuar que os funcionários e direção do museu transformaram-se naqueles que estabeleceram tais relações, dando aos visitantes de suas exposições, aos leitores de seus álbuns e materiais, as interpretações que deveriam fazer dos objetos e documentos.

Os membros da comissão eram imbuídos de legitimidade pela municipalidade para coletar, selecionar, guardar, conservar e divulgar documentos e objetos que “contassem” a

²¹⁴ Comissão para coletar o material: Beth Barth (nomeada como responsável), Ondy Hélio Niederauer, Orlando dos Santos, Cassandra Campos, Nancy Futagami, Darlou D’Arisbo, Lianara da Rocha, Arthur Mazzafero, Wilson Carlos Kuhn, Enio Perin e Edílio Ferreira Não houve uma regulamentação oficial, mas eram conhecidos como os Amigos do Museu. Algumas atividades realizadas por este grupo: levantamentos de compradores de terras, conversas com os pioneiros, aplicação de questionário, levantamento de materiais, fotografias, entre outras atividades. Estas pessoas, com ligação direta com a administração pública municipal, se reuniam para justamente articular estas novas possibilidades. Segundo Futagami (conversa informal em 11/05/2010, na antesala da Biblioteca Pública Municipal), eram atividades voltadas a pensar o processo cultural da cidade, por isto que envolvia pessoas de diferentes setores, sejam eles engenheiro, arquiteto, advogado, bibliotecária, entre outros. Dentre estas diversas atividades se pensava como organizar a biblioteca pública, um museu, uma casa da música, etc.

²¹⁵ A seleção e organização das imagens de todo o acervo do museu foi feita por seus funcionários, que fizeram seu arranjo e catalogação por temática. As fotos foram catalogadas com ficha específica, com uma pequena descrição do nome do doador e a referência que o mesmo fazia da fotografia. Várias fotografias não permitem inferência da data exata, quem as fotografou, pois não houve o registro. No entanto, muitas delas foram datadas a partir de conversas com os próprios doadores, juntamente com os funcionários do museu, que assim as organizaram após as compararem com outras fotos.

²¹⁶ CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. In: Artigos **18 de Maio** – Revista Museu. Acessado em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986#>

história da cidade. A partir desta comissão, foram coletadas informações por meio de questionários e entrevistas gravadas e filmadas, recolhidos objetos, documentos e fotografias sobre o cotidiano dos assim caracterizados “pioneiros”²¹⁷, principalmente sobre os anos finais da década de 1940, décadas de 1950 e 1960. Todo o acervo do Museu, desde o seu início, foi constituído por meio de doações e teve como principal objetivo, documentar o período de “colonização”, valorizando, por excelência, como é expresso na fala de seus articuladores, os “pioneiros”, os “primeiros tempos” e a MARIPÁ, vista como instituição fundadora e mantenedora deste processo.

O museu tinha como objetivos principais, “resgatar a história da “colonização” iniciada em 1946”, “preservar o acervo” e “divulgar”, “através de exposições”²¹⁸, “esta história” (grifo meu). Concomitantemente, também se objetivava “conscientizar a população da importância de preservar a sua história, seus costumes e sua tradição num trabalho contínuo de preservação do patrimônio histórico local”²¹⁹. Ou seja, o museu exerceria uma dupla função: estabelecer-se enquanto museu, “lugar da memória”, baseado na crença da necessidade de “preservação da memória” e, ao mesmo tempo, como arquivo público preocupado em reunir acervos que possibilitassem pesquisas futuras²²⁰. O museu assim resultou de ações preservacionistas e da mobilização de determinados grupos sociais.

Além da função de “preservação” de acervos museológicos e arquivísticos, o museu passou a incentivar a produção de obras memorialísticas, com o apoio do governo público municipal. Foram publicadas, com a utilização do acervo do museu, obras sobre história local, como, por exemplo, as relativas ao “Projeto História”. Também estas obras expressam a concepção de memória destas ações, como se lê no prefácio de uma delas:

(...) é mais uma valiosa contribuição para o resgate de nossa memória como povo. Forma ele, juntamente com outros trabalhos já publicados, principalmente os editados pelo Projeto História, sob o comando de Oscar Silva, um manancial de pesquisa sobre fatos e personagens que constituem parte do contagiante caminhar que se iniciou em 1946²²¹.

Tal perspectiva procura estabelecer um parâmetro único para se ler a história da cidade,

²¹⁷ Inicialmente, era considerado pioneiro, os primeiros habitantes compreendidos no período de 1946 a 31/12/1947, como destacado no decreto nº. 148/87 – de 24/11/1987, sendo posteriormente estabelecido um prazo maior, até 1952, data de emancipação do município. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²¹⁸ Relatório de Ações – Museu Histórico Willy Barth, 1984. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²¹⁹ Relatório de Ações – Museu Histórico Willy Barth, 1984. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²²⁰ Mais recentemente, o acervo está sendo disponibilizado para pesquisas acadêmicas nos seus vários níveis, graduação, mestrado, doutorado, tendo que por isso alterar sua logística e organização de móveis. No museu, não há normas que regulamentem tais pesquisas ou o manuseio dos materiais em acervo. Solicitam aos usuários que forem manusear fotografias, jornais ou objetos que possam se decompor, o uso de luvas e máscara para proteção.

²²¹ NIEDERAUER, Ondy H. Op. Cit. APRESENTAÇÃO. Destacam-se também o livro Toledo e sua história, de Oscar Silva Toledo e seus distritos, Toledo, a terra e o homem, Cartilha de Toledo, As indústrias comunitárias de Toledo e Mostrando Toledo, todas do Projeto História.

construída a partir de uma história factual e linear.

Muito embora o museu nascesse preocupado em “preservar” a memória, não havia procedimentos técnicos ou metodológicos profissionais e especializados. Conforme Maria Inês Cândido aponta, “embora a museologia estabeleça algumas recomendações metodológicas para o registro dos objetos, não há uma norma oficial para isso. Assim, cada museu adota uma sistemática própria, segundo sua conveniência”²²². Conforme a necessidade e dentro das limitações, Museu Histórico Willy Barth foi organizando seu espaço e catalogando seu acervo.²²³ O museu utilizou e utiliza como critério para a organização do acervo o sistema Thesaurus para Acervos Museológicos, a partir de estudos e cursos realizados pelos funcionários, principalmente em Curitiba.

As atividades do museu começaram a se intensificar a partir da publicação do Decreto nº 056/87, de 15/05/1987, que instituiu a gerência do Projeto “Museu Histórico Willy Barth”. Percebe-se, através deste e dos demais decretos, que o museu não surgiu a partir de uma mobilização ou de ações preservacionistas, mas que o próprio museu e muitas de suas ações foram instituídas por Decreto-Lei. Percebe-se assim como uma “cultura da memória” será institucionalizada em Toledo através destas ações do governo municipal. A partir da criação do museu, buscava-se acomodar “a história” da cidade num espaço que pudesse organizar, produzir e veicular discursos sobre memória local.

Entre as funções do museu, se estabelece no Artigo 1º do Decreto citado:

- I – Estimular a pesquisa sobre o patrimônio sócio-cultural de Toledo
- II – Criar instrumentos para o resgate do acervo histórico do Município.
- III – Catalogar e registrar o acervo a que se refere o inciso anterior.
- V – Desenvolver atividades que levem à conscientização da população toledana sobre a importância de sua história, de seus costumes e de sua tradição, num trabalho contínuo de preservação do patrimônio histórico local;”²²⁴

²²² CÂNDIDO, Maria Inês. **Documentação Museológica**. Segundo a autora, “Thesaurus é um instrumento de controle da terminologia utilizada para designar os documentos/objetos, funcionando como um sistema internamente consistente de classificação e denominação de artefatos. Trata-se, portanto, de recurso metodológico fundamental para o processamento técnico de acervos metodológicos.” A autora cita um exemplo de instrumentalização pelo método Thesaurus, o qual vai ser utilizado na organização das fotografias do acervo do museu: Procedência, Data de aquisição, Modo de aquisição, Autoria, Data atribuída, Estado de Conservação, Dimensões, Descrição do objeto (partindo do geral para o específico). In: http://app01.museudoindio.gov.br/downloads/cadernodiretrizes_terceiraparte.pdf

²²³ Atualmente conta com um número de peças catalogadas de 8669 (setor fotográfico, setor de objetos e setor de documentos), havendo ainda um número considerável sem catalogação, principalmente devido o fato de possuírem dois funcionários e espaço físico inadequado, sendo que alegam, que o número necessário seria de quatro (4) ou cinco (5) funcionários, mais alguns estagiários. Toda a situação legal é feita através de Registro em Livro Tombo. Destas peças do acervo, 6449 são identificadas. Desta forma, a documentação museológica existente se constitui na seguinte sequência: Livro Tombo, Ficha de Entrada e Ficha Catalográfica. As exposições não são fixas, alternando-se continuamente, havendo apenas uma exposição permanente: Sala Willy Barth.

²²⁴ Cópia - Decreto nº 056/87, de 15/05/1987 - Gerência do Projeto “Museu Histórico Willy Barth. Acervo

A lei caracteriza o museu, desta forma, como o principal articulador da produção de memórias do município, o que fica claro em sua própria denominação: “Museu Histórico”. O objetivo de conscientizar a “população toledana” sobre a “importância de sua história, de seus costumes e de sua tradição” mostra a busca de uma inserção maior na comunidade. Estas ações do museu acompanham, pelo menos em parte, um movimento pelo qual passam muitos museus no mundo a partir da década de 1970, quando passam a buscar uma relação mais próxima com a comunidade. Segundo Elizabete Tamanini, neste momento passaram a fazer parte dos discursos museológicos o conceito de “educação popular”.²²⁵

Em Toledo, procura-se também conformar as trajetórias dos moradores a uma história local e a se investir na ideia de que haveriam “costumes e tradições” da população local a preservar. Ou seja, se nos anos iniciais do município, ao se enquadrar a cidade através das fotografias, se falava nas perspectivas de progresso, na cidade do futuro, nos anos 1980 começa-se a olhar para o passado, destacam-se as “tradições”, busca-se o “resgate” da história do município.

O museu é gerido, neste período, pela funcionária pública Maria Bernadete Paim Barth Calleva, mais conhecida como Beth Barth, filha do administrador da MARIPA, Willy Barth. Tal fato é um indício sugestivo que, somado a outros elementos, evidencia a ligação desta política da memória com o propósito de valorizar o início da “colonização” do município. Isto nos leva às considerações de Pierre Nora sobre o caráter vivo da memória e o papel dos grupos sociais na sua construção:

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança, do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações²²⁶.

Beth Barth, em entrevista publicada em novembro de 1987, explicita seu entendimento em relação ao museu e destaca que, além da aquisição de peças/acervo, haveria um objetivo maior:

Mas era preciso sensibilizar e despertar a consciência da população para a importância da estruturação do órgão, que iria resgatar nossa história. Para isso, foi lançada a campanha: “Não jogue fora a história de Toledo”, veiculada por dezenas de órgãos de comunicação. Em 85, a mostra fotográfica “E assim iniciou Toledo” levou ao público um pouco da nossa história, através de 120 fotos e 20 documentos sobre o início da colonização

Museu Histórico Willy Barth.

²²⁵ TAMANINI, Elizabete. Descobrir, coletar, preservar. Aspectos da história dos museus. Cadernos do CEOM, Chapecó, ano 14, n. 12, jun. 2000, p. 129.

²²⁶ NORA, Pierre. Op. Cit. p. 9.

de Toledo. Em 86, mais um trabalho de grande importância visando desenvolver atividades de conscientização da população; o Projeto “Clic, o instante ficou”, realizado em conjunto com a Biblioteca Pública, conseguiu reunir documentos importantes para o registro da nossa história²²⁷.

Como aponta A. Huysen, a obsessão pela memória, nas últimas décadas, vem acompanhada por um pânico pelo esquecimento: “as próprias estruturas de memória pública ajudam a compreender que, hoje, a nossa cultura secular, obcecada com a memória, tal como ela é, está também de alguma maneira tomada por um medo, um terror mesmo do esquecimento”²²⁸. No caso de Toledo, o perigo estava em esquecer um passado não muito distante. A política de memória local passa a valorizar o passado dos “primeiros tempos” do município. Esse medo, frente ao esquecimento, ao “descarte”, é expresso claramente pelos agentes do poder público municipal através da campanha “Não jogue fora a história de Toledo”. A campanha de “conscientização da população” se efetiva através da utilização da mídia e de um forte apelo à memória visual da cidade.

Denota-se, assim, a ideia de que os documentos, principalmente as fotografias, são fragmentos da realidade passada e não representações do passado. Daí a recorrência da ideia de se buscar “resgatar” tais documentos e, assim, a história da cidade. Neste momento, conjuntos de fotografias deixam de ser apenas representações do cotidiano passado para se tornar, elas mesmas, patrimônio local. Por isso, a formação de um acervo fotográfico torna-se uma das principais atividades do museu.

Em se tratando de uma instituição do poder público municipal, a responsável pelo museu se preocupa em ter o respaldo da população e, assim, em legitimar aquelas ações patrimoniais. Beth Barth dá ênfase a isto na reportagem, assim finalizando:

E para o futuro, a meta é transformá-lo em uma Fundação, para que possa ter vida própria, sem ficar na dependência do Município. É preciso que a população se conscientize da importância dessa obra e participe; afinal o Museu não é da Prefeitura, mas do povo.²²⁹

Não apenas se investia na criação de um acervo, mas também numa “conscientização” acerca da importância da história local e na criação de uma “cultura da memória” através dos mais variados meios para sua divulgação, como os meios de comunicação e as exposições fotográficas.

O museu foi um dos principais responsáveis também, nos anos 1980, de organizar

²²⁷ Resgatando o passado. **Revista Pesquisa**, Toledo: Publi-Artes, nº 16 – Ano II, nov. 1987., Op. Cit. p. 13

²²⁸ Huysen, A. Op. Cit. p. 19.

²²⁹ Resgatando o passado. **Revista Pesquisa**. Op. Cit. p. 14. Mesmo havendo Projeto de Lei instituindo a Fundação “Museu Histórico Willy Barth”, não foi levado à frente tal proposta.

comemorações alusivas à história do município. Já nos seus primeiros anos, a partir de 1987, o Museu²³⁰ ficou encarregado de promover, organizar e realizar festividades alusivas à comemoração do “Dia do Pioneiro”.²³¹ Neste dia específico (27 de março) eram e continuam sendo convidados a participar de um almoço festivo e a “rememorar” coletivamente os primeiros tempos “pioneiros²³²” com depoimentos orais, gravados e filmados. O objetivo preponderante destes projetos era institucionalizar uma memória que relacionasse o passado da “colonização” com o presente, valorizando-se, para tanto, somente alguns sujeitos da história local, a partir do princípio da primordialidade. A instituição deste outro “lugar da memória”, o Dia do Pioneiro, se insere na preocupação inicial do museu de rememorar as “origens” do município, estabelecendo-se, assim, um marco zero para a história municipal, ou seja, “os primeiros tempos” que iriam até fins de 1947. Nestas ocasiões de comemoração, são lidas homenagens de agradecimento, é destacado seu papel no “desbravamento” e “colonização” e, assim, são estabelecidos elos entre o tempo pretérito e o atual. Desta maneira, o discurso do “progresso” do município é renovado.

Esta necessidade de se valorizar os “primeiros tempos” e os investimentos numa “cultura da memória” a nível local parece estar ligada ao crescimento populacional de Toledo.

²³⁰ No Decreto nº. 148/87 – de 24/11/1987 estabelece-se que: Art. 1º Ficam convocados os pioneiros residentes na área territorial abrangida pela cidade de Toledo a comparecerem, até o dia 06 de dezembro de 1987, no Gabinete do Prefeito Municipal, para preenchimento de ficha cadastral com a finalidade de integrar o acervo histórico toledano. Parágrafo Único – Para efeito do disposto no “caput” deste artigo, considera-se pioneiro o toledano ou toledana residente na cidade de Toledo e que tenha chegado ao Município até o dia 31 de dezembro de 1947. Tal prática está na base da Lei nº 1476/88 de 23/12/1988, que institui o “Dia do Pioneiro” e dá outras providências. Art. 1º. Fica instituído o Dia do Pioneiro, a ser comemorado, anualmente, na sexta-feira imediatamente anterior ao dia 14 de dezembro, data que marca o aniversário de instalação oficial do Município de Toledo. Art 2º - O Município de Toledo promoverá no, no Dia do Pioneiro, festividades, objetivando: I - Homenagear aqueles que, com seu trabalho, ajudaram a escrever a História da gente toledana, II – Integrar os pioneiros entre si e com as novas gerações, buscando a continuidade do processo histórico. Através da Lei nº 1804/97, de 19/09/1997, altera-se a data de realização das festividades em torno do dia do pioneiro, pois considera-se nova data para a comemoração: “Art. 2º. O Dia do Pioneiro, instituído pela Lei 1476, de 23 de dezembro de 1988, será comemorado, anualmente, nos termos de seu artigo 2º, no dia 27 de março, data que marca o aniversário de chegada dos primeiros desbravadores à Terra toledana” – Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²³¹ A partir de 1985, as instalações do Museu são direcionadas para o então criado Centro Cultural. Através do Decreto nº 088/85 de 23/11/85, estabeleceu que: “No Centro Cultural de Toledo, funcionarão, inicialmente, os seguintes órgãos: I – Biblioteca Pública Municipal; II - Museu Histórico Willy Barth”²³¹. O Centro Cultural de Toledo localizou-se nas antigas dependências do Banco do Brasil, que fora adquirido pela prefeitura, após consulta popular para este fim, ainda em 1985. Em 1991, recebeu o nome de Centro Cultural “Oscar Silva”. No período de março de 1994 a agosto de 1996, o prédio do Centro Cultural foi cedido para instalação inicial da UNIPAR – Universidade Paranaense em Toledo, transferindo suas atividades para o sobrepiso de um espaço inicialmente destinado à uma loja. Neste período, não houve atividades abertas ao público, devido à falta de espaço físico. Após este período, retorna para o Centro Cultural “Oscar Silva”, no aguardo da construção de espaço específico próprio.

²³² Houve alteração para definir quem seriam os primeiros moradores que se enquadrariam na condição de pioneiro: de 27 de março de 1946 até a data de instalação do município, 14 de dezembro de 1952.

Após a mecanização do campo²³³, houve forte êxodo rural. A partir da instalação do frigorífico da Sadia, em 1964, o qual necessitava de um número significativo de trabalhadores,²³⁴ absorveu-se parte desta mão-de-obra e assimilou-se mão-de-obra de outras regiões. Toledo, em fins de 1950 tinha 1.236 habitantes,²³⁵ em 1980 passou a contar com 81.287 habitantes.²³⁶

Sobre este período destaca Davi Schreiner:

o surgimento da urbanização e da modernização da agricultura levaram à delimitação de novos espaços geográficos e à concentração de riqueza. Consequentemente e, inversamente, este processo decretou o empobrecimento de parte da população do Município. Com isso, apareceram em cena novos agentes sociais: os bóias-frias, os sem-terra, os desempregados e, a partir daquele momento em maior número, os trabalhadores assalariados²³⁷

O direcionamento dos olhares para o passado parece servir a interesses e preocupações do presente vivido na época no município. Parecia necessário, para certos segmentos das elites, voltar-se para o passado e valorizar a memória relacionada àqueles sujeitos vindos do Sul, os “pioneiros”. Instaurou-se, assim, uma espécie de vigilância comemorativa. Criaram-se “lugares de memória”, comemorações e campanhas de valorização de uma determinada “tradição”. Toledo precisaria, nesta concepção, de um museu que guardasse e possibilitasse o “resgate”, conforme as palavras então expressas, da história local para as gerações futuras.²³⁸

Sendo assim, temos dois movimentos diferentes: ao passo que na década de 1950 se olhava para o futuro, na década de 1980 parece haver uma ânsia pelo passado da cidade, limitado ao período da “ocupação territorial” e de formação da cidade. Antes o horizonte era futuro, agora os olhares se voltam para o tempo pretérito.

Tendo sempre como referência o objetivo de “preservar e divulgar a memória da cidade e da região”²³⁹, uma das primeiras atividades, após a coleta e organização dos

²³³ Concepção baseada no entendimento de um “conjunto de mudanças na base técnica da produção e maior controle das condições de solo e do produto, cujos indicadores mais comuns são o uso de tratores, adubos químicos, defensivos e de sementes selecionadas” segundo definição expressa numa nova configuração espacial do Paraná a partir da década de 1970. IPARDES. **Nova Configuração espacial do Paraná**. Curitiba, janeiro/1983. P. 18.

²³⁴ Ver. CAMPOS, Sabrina M. Op. Cit.

²³⁵ Conforme Dados Estatísticos da Localidade de Toledo – Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²³⁶ Dados retirados de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

²³⁷ SCHREINER, Davi. F. **Cotidiano, Trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 1996, p. 39

²³⁸ Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos, que analisou os anais do Museu Histórico Nacional, sua constituição se fazia necessária pois “o Brasil precisa de um Museu onde se guardem objetos gloriosos, mudos companheiros dos nossos guerreiros e dos nossos heróis, (...). Todas as nações têm seus Museus Militares guardando as tradições guerreiras de sua história, documentando os “progresso”s dos armamentos e exaltando o culto das glórias passadas. Nós ainda não o possuímos”. SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamound, MinC, IPHAN, 2006. P. 33.

²³⁹ Relatório de Ações – Museu Histórico Willy Barth, 1984. Acervo Museu Histórico Willy Barth

materiais para o acervo do museu, foi a montagem de uma exposição fotográfica intitulada “... E assim iniciou Toledo”, em 1984. Ela resultou num álbum com as fotografias da exposição, o qual foi entregue para cada participante da coleta e aos munícipes considerados “pioneiros”.

Esta atividade de coleta iniciou-se com entrevistas realizadas na residência dos sujeitos que se enquadravam na definição de “pioneiro” e com o levantamento de documentos. Quase sempre o entrevistado fornecia fotografias que corroboravam aquela história que se pretendia contar ou, a partir das fotografias, iniciava-se um diálogo sobre o processo migratório e de fixação na cidade, entre outros temas. As entrevistas e fotografias eram tidas como fontes fundamentais no sentido de se evitar que se “jogasse fora a memória de Toledo”,²⁴⁰ como expresso no relatório da exposição²⁴¹.

Para cada doação foi produzida uma ficha específica com dados do objeto/documento. Quando não fosse possível sua doação, solicitava-se o empréstimo das fotografias para reprodução e posterior devolução. Na entrevista, se descreviam em ficha apropriada elementos da fotografia, incluindo-se informações dadas pelo doador. Enfim, o recolhimento do acervo se organizava da seguinte forma: visita mais entrevistas, conversas, questionário (elaborado pela equipe), sensibilização para se rememorar o passado.

Algumas legendas das fichas das fotografias, por falta de informações dos depoentes, eram formuladas pela própria equipe, de uma forma não sempre objetiva e, até mesmo, poética.²⁴² Para a organização desta exposição optou-se pela ampliação das fotos, realizada pelo Fotógrafo Miguel (Estúdio Fotográfico de Curitiba), pois teria preços bons e boa técnica, utilizando-se de molduras e vidros²⁴³.

Muitos dos fatos e momentos rememorados pela exposição e pelo álbum não foram vividos particularmente pelos seus organizadores, mas foram estabelecidos como parte de uma “memória coletiva” da cidade. Esse processo nos lembra os artifícios de construção da memória, destacados por Michel Pollak, o qual se refere às memórias adquiridas “por tabela”, ou seja, memórias não vivenciadas diretamente pelos depoentes, mas que foram apropriadas através da convivência com outras pessoas.

Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora

²⁴⁰ Relatório – Exposição Fotográfica “...E assim, iniciou Toledo”. Acervo Museu Histórico Willy Barth.

²⁴¹ Relatório – Exposição Fotográfica “...E assim, iniciou Toledo”. Acervo Museu Histórico Willy Barth

²⁴² Em relação a muitas fotografias presentes no acervo do museu, faltam informações sobre detalhes da fotografia, condições de produção e de doação. Neste caso, caracterizou-se como regra a comparação com outras fotografias.

²⁴³ O acervo encontra-se atualmente na reserva técnica do Museu, pela falta de espaço físico para sua exposição.

assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia.²⁴⁴

Desta forma, a memória poderia ser constituída tanto a partir de fatos vivenciados pessoalmente, como por fatos vividos e rememorados por outrem e que dissessem respeito a processos vividos socialmente. Na caracterização das fotografias e objetos doados para o acervo do museu, verifica-se que muitos recorreram a momentos compartilhados para a descrição em textos que os acompanham. Há uma “memória imaginada”,²⁴⁵ da cidade no passado, para a qual o museu contribuiu para construir, através das fotografias.

O Museu Histórico Willy Barth e outros “lugares de memória” criados neste contexto, constituíram lugares de consolidação de um culto ao passado e de valorização da memória dos antepassados “pioneiros”, tidos como exemplo para as novas gerações. Segundo nos aponta Francisco Ramos, “em sua trama de conflitos historicamente engendrados, o objeto está entre o passado e o futuro”²⁴⁶. Cabe assim, considerar a conexão entre estas diferentes temporalidades e perceber as relações sociais presentes nas ações patrimoniais em Toledo, a partir da análise dos usos e sentidos dados às fotografias naquela conjuntura.

3.2. O uso das fotografias do museu e a “economia visual” da cidade

As fotografias colhidas e selecionadas pelos responsáveis do museu constituirão o principal documento para a constituição de álbuns, exposições, banners e a organização cartilhas que irão representar o passado da cidade a partir dos anos 1980. As fotografias assumem um caráter de “prova” de um discurso que valoriza o papel da colonizadora e seus representantes, do poder público municipal e dos “pioneiros” no “desenvolvimento” da cidade. Elas representam imagens compatíveis com um projeto de cidade, cujo passado só pode ser entendido a partir de conexões com o presente da rememoração.²⁴⁷ Há um passado que quer ser rememorado e pessoas e instituições que se relacionam a ele.

²⁴⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, V. 5, n 10, 1992, p. 200-212.

²⁴⁵ Sobre a noção de “memória imaginada”, ver A. Huyssen. O autor se remete a esta noção ao discutir sobre as memórias comercializadas no mundo contemporâneo. Op. cit. 37.

²⁴⁶ RAMOS, Francisco. Op. Cit. P. 160.

²⁴⁷ Segundo Emílio Gonzalez, a história oficial se alicerça e nutre-se de memórias cuidadosamente selecionadas sobre e para alguns sujeitos hegemônicos da cidade, tornando-a produto final de um processo político de afirmação de lugares sociais, exaltando apenas determinadas memórias. Neste caso específico, ao estabelecer o Museu, memórias constituintes de marcos históricos que corroborem este sentido único preponderante de uma cidade moderna e próspera, são construídas. Gonzalez também observa que ao se fundar apenas sobre uma memória específica, de um determinado grupo social, se estabelece sua visão de mundo como sendo “verdadeira”, tornando-a hegemônica. Ver: GONZALEZ, Emílio. As camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná. **Tempos Históricos**. Marechal Cândido Rondon, 2003/2004. Vol. 05/06. P. 185-219.

Tomamos como referência o pensamento de Terry Cook, o qual destaca os arquivos como item componente da memória de uma coletividade, constituindo desta forma uma tentativa, mesmo que implícita, de controlar e homogeneizar o passado:

O controle do passado, e o controle sobre a criação e preservação do passado pelos arquivos, reflete as lutas de poder do presente e, na verdade, sempre as refletiram. Isso tem implicações relevantes para os arquivistas, tanto de arquivos pessoais quanto de arquivos institucionais, e para a profissão arquivística²⁴⁸.

No mundo contemporâneo, as fotografias assumiram um papel cada vez mais importante. Segundo Claudia Feld e Jessica Stites Mor: “A través de fotos y videos, de documentales y programas de televisión, el pasado retorna en imágenes. Las imágenes construyen sentidos para los acontecimientos, ayudan a recordar, permiten transmitir lo sucedido a las nuevas generaciones. (...) Son, en definitiva, valiosos instrumentos de la memoria social”.²⁴⁹

No caso de fotografias do passado, elas não são apenas representações do tempo pretérito. Na atual “cultura da memória”, elas assumem novas funções e elas próprias passam a produzir efeitos sobre o presente. Neste contexto contemporâneo, trata-se, então, de analisar não apenas as características internas e externas das fotografias no momento de sua produção, mas de levar em conta toda uma “economia visual”, ou seja, os momentos de elaboração, circulação e reprodução pública das fotografias.²⁵⁰

Neste sentido, também nos pautamos nas considerações de Ulpiano Bezerra de Meneses, o qual pleiteia que se desloque a atenção do campo das fontes visuais para o da visualidade. Para este autor, trata-se de reconhecer a visualidade enquanto uma “dimensão importante da vida social e dos processos sociais”.²⁵¹ Os habitantes de Toledo, nos últimos anos, têm sido defrontados constantemente com imagens do passado do município. Tais fotografias fazem parte de uma cultura visual que circula na esfera pública.

Como visto, uma das primeiras ações do museu histórico de Toledo foi não apenas “preservar”, mas também “divulgar a memória da cidade e região” através, principalmente, de fotografias. As fotografias que compõem a exposição do museu materializam a relação entre memória e poder, na medida em que estabelecem uma memória pública homogeneizante. Ao

²⁴⁸ COOK, Terry. Arquivos Pessoais e institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.129-150, 1998. P. 143.

²⁴⁹ FELD, Claudia; STITES MOR, Jessica (Comp.) **El pasado que miramos**. Memoria e imagen ante da historia reciente. Buenos Aires: Paidós, 2009, p. 25.

²⁵⁰ Nesta citação o autor baseia-se em POOLE, 1997: 8. CRENZEL, Emilio. Las fotografías del Nunca más: verdad y prueba jurídica de las desapariciones. In: FELD, Claudia; STITES MOR, Jessica (Comp.) op. cit., p. 283.

²⁵¹ Sobre isso ver MENESES, Ulpiano B. de Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 2003.

estabelecer determinadas memórias, também estabelece fissuras que permitem inferir os esquecimentos. Estes esquecimentos têm seu papel no enquadramento da memória local. Muitas das imagens do passado de Toledo expostas no museu mostram uma cidade que nasceu com a perspectiva de “progresso”²⁵² e, portanto, imagens que divergem deste padrão ficam fora do conjunto selecionado de fotografias. Citamos, como exemplo, a localidade chamada de Pouso Frio, denominação que a MARIPÁ deu ao Pouso nº 5, área que não fazia parte das terras adquiridas da Fazenda Britânia e que media aproximadamente 200 hectares e que passou a ser conhecida também como Pouso Toledo. Imagens desta localidade, de construções consideradas simples e de arquitetura não desejada para representar a organização urbana nascente na década de 1950 e de movimentos sociais que se organizaram no período, entre outras, não figuram nestes conjuntos fotográficos divulgados pelo museu.

Para além das imagens expostas no museu, diversos projetos baseados no acervo fotográfico desta instituição permitiram a circulação e reprodução pública de fotografias da cidade, de forma a se criar uma “cultura visual” de Toledo nos últimos anos. Destacam-se como principais suportes de veiculação de fotografias do passado os seguintes projetos: 1) A exposição fotográfica “E assim iniciou Toledo” e a produção do álbum correspondente, em 1984; 2) a Cartilha de Toledo, a qual teve sua primeira edição em 1983; 3) A galeria de imagens do Paço Municipal, inaugurada em 14/12/2002; 4) Os banners das décadas do município, expostos inicialmente no hall de entrada do museu e que, depois, circulavam pelas escolas municipais no ano de 2006; 5) o banner “Hino Municipal”, organizado em 2008.

Tais suportes são constituintes de um imaginário visual do passado da cidade. As imagens estiveram e continuam a corroborar políticas de memória na cidade de Toledo. O museu se constituiu no maior difusor de determinadas imagens da cidade, algumas delas divulgadas de forma repetitiva. Algumas destas fotografias repetidas tornaram-se, elas próprias, verdadeiros “lugares de memória” da cidade.

A população da cidade vê-se confrontada, em seu cotidiano, com imagens do passado do município, veiculadas através de inúmeros mecanismos de propagação. É o caso das cartilhas dirigidas aos alunos desde sua primeira edição em 1983, do Projeto “Conhecendo Toledo”,²⁵³ iniciado em 1999, e dirigido aos alunos da 3ª série. Através do projeto, se

²⁵² Tais fissuras não são objeto de pesquisa neste trabalho, mas citamos com exemplo, a nulidade de referências a região chamada de “Pouso Frio” - Denominação que a MARIPÁ dá a região chamada Pouso nº 5, área esta não adquirida na aquisição da Fazenda Britânia, medindo aproximadamente 200 hectares. Passou a ser conhecido também como Pouso Toledo; imagens de construções consideradas simples e de arquitetura não desejada para representar a organização urbana nascente na década de 1950; movimentos sociais que se organizavam no período, entre outros.

²⁵³ Programa Conhecendo Toledo da Secretaria Municipal de Educação de Toledo – Paraná. Segundo a descrição

organizam visitas a vários pontos considerados históricos, culminando com a visita e apresentação do Museu Histórico.²⁵⁴

Também o Projeto “História” irá contribuir significativamente para a circulação de imagens do passado da cidade. O projeto apresenta atividades que se complementam, mas que são organizadas de formas distintas. Tanto o museu como Projeto História tinham o mesmo objetivo, “resgatar a história de Toledo”, no entanto, com concepções distintas, fato este verificado nos relatórios do projeto e nos do museu.

Oscar Silva foi o coordenador do Projeto História, a partir de 1983, e tinha como uma das funções principais, determinadas pelo poder público municipal, “escrever a história de Toledo”. O museu foi o principal acervo de consulta de documentos para a escrita de suas obras. Oscar Silva coordenou a elaboração e publicação dos seguintes livros: *Toledo, a Terra e o Homem*; *Cartilha de Toledo*; *Toledo e seus Distritos* e *Toledo e sua história*. Faleceu em 1991, sendo homenageado com a denominação do Centro Cultural. Neste espaço há uma sala intitulada “Oscar Silva” que contém seus livros, alguns objetos pessoais e de trabalho.

Nos Relatórios do Projeto “História” dos anos de 1983, 1984, 1985, 1986 e 1988²⁵⁵, percebe-se a estreita relação entre o projeto e o museu, pois há a utilização das mesmas fontes e recursos: fotografias, entrevistas, documentos pessoais (aquisição de terras, cópias de certidões, entre outras). A implantação do Projeto “História” tem início em março de 1983, um ano antes do início das atividades de fato do museu, com a contratação do escritor Oscar Silva, com o objetivo específico de: a) pesquisar o patrimônio histórico do Município, levantando dados para a compilação da história de Toledo; b) elaborar um compêndio sobre a história de Toledo; c) elaborar outros estudos solicitados pelo Prefeito²⁵⁶.

Ou seja, o objetivo era escrever, com o apoio direto do poder público municipal, “a história” de Toledo. A perspectiva da escrita historiográfica era a mesma das atividades que envolviam o museu: reunir dados e “compilar” a história local.

do Programa Conhecendo Toledo, esse realizado pela Secretaria Municipal de Educação, com parcerias entre outras secretarias, Museu Histórico de Toledo e outras instituições de esfera privada, realizado nas 34 (trinta e quatro) escolas municipais do Município de Toledo, abrangendo no ano de 2008, um total de 3.795 alunos (dados estabelecidos em fevereiro/2008). Ainda na descrição do projeto, os coordenadores das áreas de História, Geografia e Ciências da SMED, ficam responsáveis pelo treinamento dos professores envolvidos no programa. Estes recebem orientações, ficando os mesmos responsáveis pela participação e aproveitamento dos alunos durante os roteiros realizados. In: Documento Programa Conhecendo Toledo – Toledo: SMED, 2009 (MIMEO).

²⁵⁴ O translado é feito em ônibus específico com o logotipo do projeto, caracterizado com cores que possam estabelecer a relação com Toledo: verde, branco e vermelho, cores da Bandeira de Toledo. Estas cores representam “a) branco: a paz; b) verde: a esperança e c) vermelho: a cor simbólica da audácia, coragem e valentia de nossa gente”. LAGEMANN, Tânia M. I. & LUQUETA, Noeli M. **Conhecendo Toledo**. Toledo: SMED, 2004. P. 143.

²⁵⁵ Documentos Projeto História. Acervo do Museu Histórico Willy Barth – Pasta 124.

²⁵⁶ Relatório de Ação. 1983 – Projeto História. Doc. 1675 – Pasta 124.

O início do Projeto História se dá em 28 de março de 1983, quando, através da Portaria nº 027/83²⁵⁷, foi constituído um grupo de trabalho integrado por Oscar Silva, Wilson Carlos Kuhn e Ondy H. Niederauer, sob a supervisão do Departamento de Cultura, com a incumbência de: I – tombamento de dados geográficos e estatísticos; II – registro sistemático de fatos históricos; III – organização do arquivo histórico municipal; IV – elaboração do compêndio sobre a história de Toledo; V – implantação do Museu Histórico de Toledo.

Estas atividades ficaram sob a coordenação de Oscar Silva. As metas iniciais eram a formação de um arquivo histórico municipal e a elaboração de alguns textos previamente determinados: “Toledo é isto” e “Toledo e sua história”²⁵⁸. Estas pessoas estarão intimamente ligadas com as políticas de estabelecimento de uma memória local de Toledo, seja através das atividades do museu ou do “Projeto História”. Oscar Silva foi o organizador do Projeto História até o ano de 1988. Pode-se dizer que, todo o trabalho do “Projeto História” culminou com a obra “Toledo e sua história”, foco principal de todo o trabalho do Projeto.

Além do previsto no projeto inicial, foi escrito e impresso o primeiro fascículo do livro “Toledo, a terra e o homem”, lançado em 14 de dezembro de 1983. Já no ano de 1984, foram desenvolvidos os seguintes trabalhos²⁵⁹: 1) Reedição da Cartilha de Toledo; 2) Reestruturação das edições subsequentes ao fascículo “Toledo a Terra e o Homem”; 3) Elaboração de monografias individuais para os distritos, em ordem alfabética, sob o título “Conheça o seu distrito”, reunidas no livro “Toledo e seus Distritos – Repensando os distritos de Toledo”, editado em 1986.

²⁵⁷“ Decreto n 056/83 – 23/05/1983: Art 1º – Fica aprovado, para execução neste Município, como plano da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, o Projeto “HISTÓRIA”, elaborado nos termos do Art. 2º, §2 da Portaria no 027/83.

Art 2º – As etapas do Projeto “HISTÓRIA”, sujeitas a exame prévio do Prefeito Municipal, terão sua execução subordinada a cronograma e normas de trabalho estabelecidas e orientadas pelo Coordenador designado no Art. 20, § 1o da mesma Portaria no 027/83, atendidos ainda os recursos humanos e disponibilidades financeiras da Municipalidade.

Parágrafo Único – Para fins previstos neste artigo, o Prefeito Municipal poderá ainda firmar convênio com instituições locais para colaborar na execução do Projeto, obedecidas as exigências da Lei.

Art. 3º – Para execução o Projeto “HISTÓRIA”, serão considerados convidados a colaborar com subsídios todos os segmentos e lideranças do Município.

Art 4º – A execução do Projeto terá sempre em vista o disposto nas Leis nos 834/76, 844/76 e 847/76. (Institui a organização do Livro Tombo de Toledo – 30 de setembro de 1976)

GOVERNO ALBINO CORAZZA NETO: Decreto nº 056/83 de 23 de maio de 1983”. Cópia Decreto - Documentos Projeto História. Acervo do Museu Histórico Willy Barth – Pasta 124.

²⁵⁸ As atividades do Projeto História estarão somente sob a coordenação de Oscar Silva, haja visto declínio oficial, por meio de correspondência, da participação de Ondy H. Niederauer. Já Wilson C. Kuhn, foi apenas um colaborador, pois era assessor jurídico da Prefeitura e prefeito entre os anos 1973-1977.

²⁵⁹ Todas as publicações do Projeto História estão disponíveis na Sala Oscar Silva, anexo Biblioteca Pública Municipal; na Biblioteca Pública Municipal e no Museu Histórico Willy Barth.

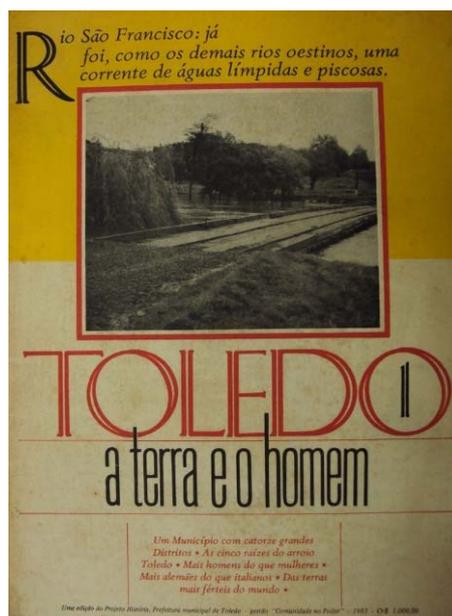


Figura 44 - Capa Fascículo “Toledo, a terra e o homem” – 14/12/1983

Tanto as atividades do Projeto “História”, muito embora em menor escala, bem como do Museu Histórico Willy Barth, se farão pautadas inicialmente na obtenção de documentos para a escrita da história do município. Ao selecionar representações do município a partir das fotografias, surge a questão de como fundamentar estas memórias constituídas e construídas socialmente a partir da cultura material e visual. A priori, visualiza-se a exaltação apenas e tão somente das memórias de alguns dos sujeitos, que continuamente são vislumbrados como os SUJEITOS da história do município.



Figura 45 - Capa do álbum “... E assim iniciou Toledo”

A primeira atividade externa do Museu Histórico Willy Barth foi a realização da exposição e confecção do álbum “... E assim iniciou Toledo!”. Foram utilizadas 87 fotografias. Na capa são apresentadas quatro fotografias, das quais três não estão

contempladas no interior do álbum, nem são referenciadas noutra local. Uma destas fotografias mostra uma vista aérea do município. Ou seja, a capa do álbum já destaca a idéia de um “planejamento” e organização da cidade, no início de sua ocupação. A imagem permite visualizar em contraposição: primeiramente veículos automotores, uma visão aérea de como rapidamente progrediu a cidade, para, posteriormente, iniciar um possível destaque ao “sofrimento” em relação à vinda dos primeiros moradores, e sua “saga”. O álbum foi constituído especificamente para valorizar a ação dos primeiros moradores, mas que pressupõe ao leitor, a constituição da cidade em “desenvolvimento”.

Outro destaque se faz no prefácio do álbum: uma imagem mostra o escritório da MARIPÁ (mostrada novamente no álbum através da foto 029), descrita através da seguinte legenda: “Escritórios da MARIPÁ, localizados na Rua Sete de Setembro, esquina com a Barão do Rio Branco – 1950”. Abaixo da inscrição “... E assim iniciou Toledo”, se afirma que tal procedimento se deveu àquela empresa. Obviamente que se cria uma representação da MARIPÁ além das suas prerrogativas de empresa colonizadora, vendedora de terras e de recursos naturais. Personifica-a como o sujeito fundador e articulador do processo de “desenvolvimento” do município.

Não há uma cronologia ou padrão estabelecido para a organização do álbum, mas apenas uma junção e montagem de imagens de forma aleatória, com o objetivo de “ilustrar” a história da cidade. Não obstante, uma primeira imagem mostra as três primeiras casas construídas e a chegada dos primeiros compradores de terras na então Fazenda Britânia, em 1947 (caracterizada nas fotos 036 e 052) para também, destacar uma fotografia estabelecida em 1953, data posterior ao que referencia o período pioneiro, demonstrando e articulando a cidade e seu “desenvolvimento”.

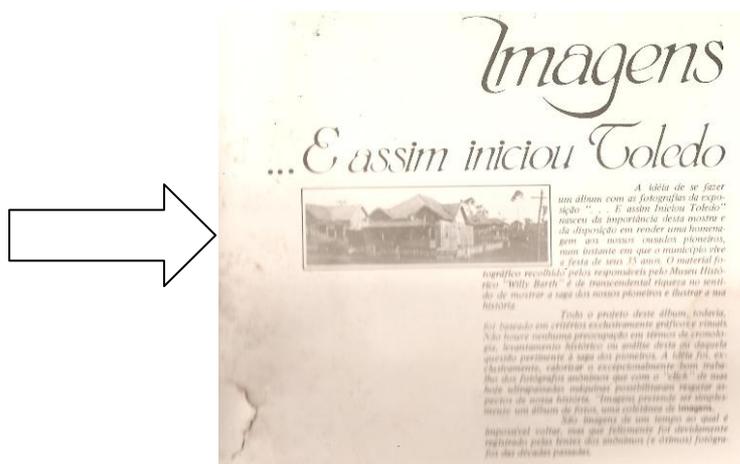


Figura 46 – Contra-capa do álbum “... E assim iniciou Toledo”

Temos na apresentação do Álbum, a descrição das suas intenções:

A ideia de se fazer um álbum com as fotografias da exposição “... E assim começou Toledo” nasceu da importância dessa mostra e da disposição em render uma homenagem aos nossos ousados pioneiros, num instante em que o município vive a festa de seus 35 anos. O material fotográfico recolhido pelos responsáveis do “Museu Histórico Willy Barth” é de transcendental riqueza no sentido de mostrar a saga de nossos pioneiros e ilustrar a sua história. Todo o projeto deste álbum, todavia, foi baseado em critérios exclusivamente gráficos e visuais. Não houve nenhuma preocupação em termos de cronologia, levantamento histórico ou análise desta ou daquela questão pertinente à saga dos pioneiros. A ideia foi exclusivamente resgatar o passado²⁶⁰.

Os editores do álbum tentam justificar sua produção e a disposição das fotografias. Muito embora afirmem não haver uma preocupação com critérios que não fossem gráficos e visuais, a escolha e a justaposição das fotografias constroem uma memória visual épica do município.

Posteriormente, fotografias também foram utilizadas na produção da Cartilha de Toledo, integrante do Projeto História, cuja primeira edição saiu em 28 de maio de 1984. Esta cartilha foi trabalhada com as turmas de 3ª série das escolas públicas municipais. Foram utilizadas, neste projeto, somente três fotografias constituintes do acervo do Museu. Nas edições posteriores, a utilização das fotografias do museu é mais determinante. Na Cartilha publicada em 2004, com o título “Conhecendo Toledo”²⁶¹, praticamente todas as referências imagéticas do município, relativas às décadas de 1950, 1960 e 1970, são do acervo do Museu Histórico Willy Barth, totalizando 43 fotografias. Há uma concentração de fotografias destas décadas na unidade “Conhecendo a história do povoamento de Toledo e seu espaço”, a qual mostra as primeiras casas, o desmatamento para a constituição do núcleo colonial, a organização da Avenida Maripá e a construção da usina hidrelétrica, e na unidade “O desenvolvimento urbano do município ontem e hoje”.

Nesta última unidade, foram impressas imagens referentes a cada década de existência do município, de 1940 a 2000. São utilizadas duas imagens por década, na prerrogativa de se representar um desenvolvimento linear do município. Sugere-se ao leitor a comparação das imagens, no sentido de perceber as mudanças do período inicial até aquele momento, concluindo-se, posteriormente: “como você viu, o município de Toledo desenvolveu-se,

²⁶⁰ In: *Imagens. ... E assim começou Toledo*. (sem paginação)

²⁶¹ LAGEMANN, Tânia M. I. & LUQUETA, Noeli M. **Conhecendo Toledo**. Toledo: SMED, 2004. Não foi analisada a primeira edição da Cartilha, pois as três fotografias utilizadas, foram do período inicial de “colonização” – 1946-1949.

transformou-se desde o período de colonização”²⁶².

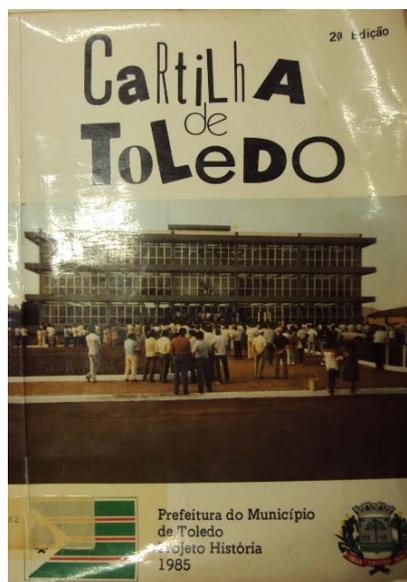


Figura 47 - Capa da Cartilha de Toledo – Projeto História – 2ª edição, 1985.

Em 2002, em comemoração ao cinquentenário do município, foi criado, na parte frontal do Paço Municipal, um arco representando o “desenvolvimento” pelo qual passou a cidade, através da exposição de fotografias, cada uma também referente há uma década. Este projeto arquitetônico impele o visitante a ler a história de Toledo de forma linear e evolutiva. A própria concepção da obra leva a essa impressão, visto a rampa que dá acesso às fotografias estar em nível ascendente. As fotografias são também integrantes do acervo do Museu.



Figura 48 - Monumento em homenagem ao Cinquentenário de Toledo – 2002 – Paço Municipal
Foto do autor (maio/2010)

²⁶² LAGEMANN, Tânia M. I. & LUQUETA, Noeli M. Op. cit. P. 119.

Observa-se que o visitante/expectador ascende juntamente com a história do município, representada por algumas imagens que vão simbolizar tal “desenvolvimento”. Da primeira imagem, a qual tematiza o desmatamento-abertura da vila, passa-se rapidamente para a década de 1980, que destaca o rápido desenvolvimento, através da visualização das edificações verticalizadas e ruas largas. A idéia de uma cidade que se modernizou rapidamente é associada à idéia de crescimento “com qualidade de vida”, como descrito na legenda de uma das imagens.



Figura 49 - Monumento em homenagem ao Cinquentenário de Toledo – 2002 – Paço Municipal
Foto do autor (maio/2010)



Figura 50 - Monumento em homenagem ao Cinquentenário de Toledo – 2002 – Paço Municipal
Foto do autor (maio/2010)

Nesta mesma perspectiva, em 2006, data de comemoração dos 60 anos do início do processo “colonizador”, foram confeccionados banners, sob o título “Toledo: 60 anos fazendo

história”. Estes banners também dividem o processo histórico em décadas, constituídos apenas por vistas parciais do município e têm, como título, a década de referência. Aqui, a própria cidade é vista como um organismo com vida própria e, portanto, como sujeito histórico. Segundo os organizadores, a escolha das imagens foi aleatória. No entanto, percebe-se também neste conjunto de imagens do município uma noção linear e uma noção de continuidade, ou seja, uma história sem rupturas.



Figura 51 - Banners “Toledo: 60 anos fazendo história”. Museu Histórico Willy Barth
Foto do autor (novembro/2009)



Figura 52 - Banners “Toledo: 60 anos fazendo história”. Museu Histórico Willy Barth
Foto do autor (novembro/2009)



Figura 53

Banners “Toledo: 60 anos fazendo história”. Museu Histórico Willy Barth
Foto do autor (novembro/2009)

A última atividade envolvendo fotografias, por parte do Museu, foi a confecção de banners contemplando o hino municipal, sob o título de “Toledo, cidade labor”. Através da representação imagética selecionada de acordo com os trechos do hino, tentou-se associar a história local à música que exalta o município. O conjunto é formado por 12 banners, com a ilustração de fotografias que façam de alguma maneira referência à palavra que mais se destaca textualmente na composição da música.

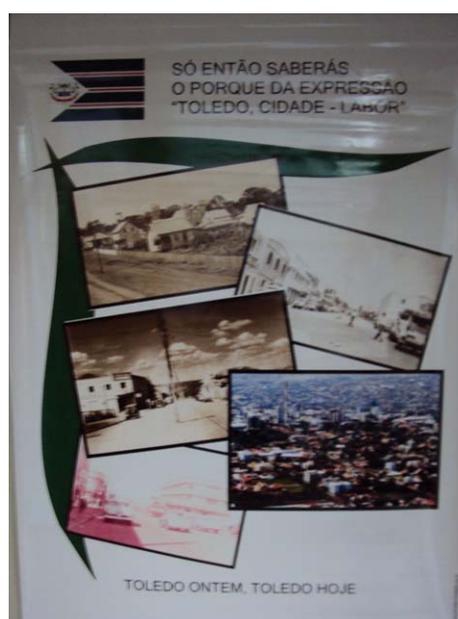


Figura 54 - Banners “Toledo: cidade labor”. Museu Histórico Willy Barth
Foto do autor (novembro/2009)

O Projeto “Conhecendo Toledo”, atualmente, tem justamente como um dos seus objetivos permitir a visualização de referenciais imagéticos da cidade através da exposição permanente de fotografias organizada no próprio museu. A atividade é considerada parte do roteiro de passeio/estudo do projeto. A visita específica ao museu é vista como uma forma de se “ver como o município era nos aspectos econômico, político e social desde a sua fundação²⁶³ e de “observar como era o município desde sua emancipação até os dias de hoje, incluindo observação de fotografias da época (...)”²⁶⁴.

Do conjunto visual fazem parte da exposição fotográfica no museu imagens selecionadas para este fim, com variação de posições no ambiente do museu e de temas. Durante observação da visita dos alunos ao museu, a primeira referência às imagens destacava a “contribuição significativa dos pioneiros” para a construção de Toledo²⁶⁵.

Os alunos são imersos num imaginário visual da cidade, o qual é construído a partir dos usos e sentidos dados às fotografias utilizadas nas exposições, banners e outros materiais produzidos pelo ou a partir do museu. Os *banners*, por exemplo, também podem ser visualizados noutros espaços, por conta dos empréstimos feitos às escolas. Através de um sistema de rodízio, passam por todas as escolas municipais.

O museu, como se percebe a partir dos usos das fotografias da cidade no espaço público, constitui-se o maior difusor de determinadas imagens da cidade, no sentido de configurar uma narrativa sobre o passado da cidade que se ajusta aos interesses do presente. As imagens estabelecem a ideia de uma “evolução” urbana e são suporte de um imaginário visual do “progresso”.

Voltamos a Pierre Nora, que acentua o fato de os grupos sociais tenderem a ações preservacionistas quando desaparece a memória tradicional. Segundo ele, “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi”.²⁶⁶ No caso de Toledo, tais ações evidenciam um tipo de cidade a se divulgar: uma cidade moderna, planejada e organizada conforme alguns padrões pré-estabelecidos. Tal memória anda lado a lado com esquecimentos e silenciamentos de realidades divergentes e conflitivas, que não são sequer sugeridas através das narrativas urbanas divulgadas no público.

²⁶³ Objetivos do Projeto Conhecendo Toledo, op. Cit. (MIMEO).

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ Observação *in locum* visitação- alunos ao Museu Histórico Willy Barth. Outubro-Novembro/2009.

²⁶⁶ NORA, P. Op cit, p. 15

Neste sentido, práticas discursivas, sejam em suporte textual ou visual, fazem da cidade um cenário a ser olhado e consumido. Estes sentidos que se dão à cidade, divulgada como moderna e próspera, são forjados politicamente e socialmente. Se nos anos 1950 se divulga a modernização a partir de imagens do município que apontam para o futuro, a partir dos anos 1980 também imagens do passado são utilizadas para se atualizar o discurso do progresso. O passado passa a ter uma função fundamental nos projetos da cidade e para a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem sempre é fácil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real, um dos nós de qualquer política de memória em qualquer lugar. O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos de realidade. Em suma, a memória tornou-se uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta.²⁶⁷

Este trecho de Huyssen nos possibilita caracterizar algo pertinente neste trabalho: o processo de patrimonização e musealização ocorrido a partir da década de 1980, de forma global. A “cultura de memória” presente no município de Toledo, à primeira vista, nos parece paradoxal. Ao mesmo tempo em que observamos a construção de monumentos e de “lugares de memória” que valorizam referenciais ligados ao processo de “colonização” e dos primórdios da urbanização – é o que demonstra, por exemplo, o tombamento do trecho de uma das primeiras ruas em pedra irregular, da década de 1950, recentemente, como patrimônio histórico local - há um distanciamento deste passado, ao se erigirem obras arquitetônicas e urbanísticas que remetam à idéia do moderno. Este é o caso de edificações horizontais de maior porte, como Shopping Center, assim como o Teatro Municipal, o Centro de Eventos, entre outras²⁶⁸.

Este é um paradoxo aparente. Grupos sociais e políticos locais procuram agregar a esta nova visualidade urbana, passado, presente e futuro. Não se trata de relacionar, apenas, o que se quer lembrar e o que se quer esquecer, mas, fundamentalmente, de como olhar o passado e como olhar o futuro. O olhar para o passado da cidade tenta monumentalizar personagens, lugares e acontecimentos ligados diretamente à empresa colonizadora Maripá. É o caso da figura de Willy Barth e dos “pioneiros”, do centro urbano e sua configuração inicial, na década de 1950, com praça, igreja, escola, hospital, enfim, elementos que permitiriam visualizar uma cidade desejada para o futuro.

Em 1950, a perspectiva era um olhar para frente e isto significava fundamentalmente destacar que o “progresso” seria e deveria ser conquistado. A modernização urbana e seu enquadramento visual, através das lentes de alguns fotógrafos, estavam imbuídos desta

²⁶⁷ Huyssen, A. Op. Cit. p. 16

²⁶⁸ Até pouco tempo, tendo como base o Plano Diretor gerado na década de 1980, era proibido a construção de edificações superiores a quatro andares, salvo raríssimas exceções

perspectiva linear e ascendente.

No final do século XX, há um retorno sistemático a este passado, passado este manipulável e estrategicamente organizado em monumentos, “lugares de memória”, publicações. A percepção de que o passado não poderia ser “descartado” e de que deveria ser “resgatado” foi o fundamento de muitas ações patrimoniais e de escrita da história local efetivadas por alguns em nome de “todos”. O Museu Histórico Willy Barth se utilizou fundamentalmente de fotografias para enquadrar uma memória da cidade.

O passado e o presente se imbricam no ato da rememoração. Determinadas frações de classe que se utilizaram de práticas específicas de organização e sistematização de seus interesses, expressões em representações de uma cidade, constituem “lugares de memória” para o estabelecimento de um “olhar” específico sobre um passado. As construções simbólicas na constituição de imaginários sociais, são práticas sociais dos indivíduos pautadas num real e fundamentadas em relações de poder, como nos lembra Baczco. Não apenas as intervenções no espaço urbano, mas também as narrativas urbanas materializadas através da imagem fotográfica tentam direcionar os olhares dos habitantes sobre sua cidade.

Os “lugares de memória” e a constituição de uma “cultura de memória” constituem um campo de possibilidades nos estudos sobre a história urbana. Obviamente tais constituições, olhares e interpretações não se esgotam, mas nos permitem perceber os significados impressos sobre o urbano, pois parafraseando Pesavento, “a tarefa do historiador seria captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção de significados que preside o que se chamaria a “representação do mundo”. Mais do que isso, tomamos por pressuposto o que a história é, ela própria, representação de algo que teria ocorrido um dia. Distinguiríamos, portanto, o que se chamaria “passeidade” (o real acontecido) da “história”, entendida como narrativa que representa através de texto e imagem²⁶⁹.

²⁶⁹ PESAVENTO, Sandra. MUITO ALEM DO ESPAÇO: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 8. Nº 16, 1995. p. 279-290. Cultura e História Urbana. P. 280

FONTES

ACERVO MUSEU HISTÓRICO WILLY BARTH

Acervo Fotográfico – Fichas e fotografias

Jornal O Oeste (1953, 1954, 1955) – Pasta 01, 02 e 03 – Jornais (Setor 21)

Jornal Correio Rio Grandense (1950, 1951) – Catálogo Geral de Documentos – Setor 21

Revista do Globo, nº 544 – 29/09/1951 (CAMARGO, Túlio Sertório Bueno de. O Milagre de Toledo). Doc. 717 – Pasta 44

Revista Pesquisa, Toledo: Publi-Artes, nº 16 – Ano II, nov. 1987. Publicação mensal de Publi-Artes - Editora E Serviços Gráficos Ltda .

Jornal Diário do Paraná – 1955/1956 – Doc. 314 – Pasta 27

Código de Posturas – Lei nº 062/54 – 15/12/1954 – Doc. 101 – Pasta 13

Estatuto da MARIPÁ – 1946 – Doc. 192 – Pasta 18

Relatório Oficial (Diário Oficial do Rio Grande do Sul) – Vendas de Terras – MARIPÁ – Doc. 121 e 122 – Pasta 12

Plano de Colonização MARIPÁ – 1955 – Pasta 12.

Dados Estatísticos da Localidade – MARIPÁ – 31/12/1950 – Doc. 123 – Pasta 12

Carta Egon Bercht para Willy Barth – 16/03/1951 – Doc. 124 – Pasta 12

Discurso do Governador Bento Munhoz da Rocha – 1951 – Doc. 110 – Pasta 02

Discurso ao Governador – 1951 – Ondy H. Niederauer - Doc. 111 – Pasta 02

Documentos - Projeto História. Doc. 1675 – Pasta 124.

Planejamentos e Relatórios de Ação – Museu Histórico Willy Barth – 1984, 1985 e 1986.

Projeto “...E assim começou Toledo” – Documentos – Projetos Museu Histórico Willy Barth

Texto – Rascunho Ondy H. Niederauer, 1967 – Doc. 174 – Pasta 17.

Jornal Tribuna D'Oeste, 11/08/1976. Recorte sem identificação de edição ou página. Catálogo Geral de Documentos – Setor 21.

LIVRO I – ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE TOLEDO (1953, 1954, 1955, 1956). Acervo Câmara Municipal de Toledo – Secretaria (Prédio Anexo).

ENTREVISTAS (suporte digital – arquivo MP3)

Ana de Fátima I. Usinger. Toledo-PR, novembro/2008. Entrevistador: Reginaldo A. Santos.

Ana de Fátima I. Usinger. Toledo-PR, 05/10/2009. Entrevistador: Reginaldo A. Santos.

Augusto Clivatti. Toledo-PR, 30/10/2009. Entrevistador: Reginaldo A. Santos

Maria Aparecida Romero. Toledo-PR, 05/10/2009. Entrevistador: Reginaldo A. Santos.

Maria Cardoso. Toledo-PR, 21/04/2010. Entrevistador: Reginaldo A. Santos.

Ony H. Niederauer. Toledo-PR, 29/10/2009. Entrevistador: Reginaldo A. Santos.

Banners – Toledo: 60 anos fazendo história.

Banners – Toledo: cidade labor.

Álbum Fotográfico: ... E assim, iniciou Toledo.

TOLEDO E SEUS DISTRITOS (REPENSANDO OS DISTRITOS DE TOLEDO). Projeto História. Toledo: Prefeitura do Município de Toledo, 1986.

Com licença, somos distritos de Toledo. Projeto Repensando os distritos de Toledo – Projeto História. Toledo: Prefeitura do Município de Toledo, 1987.

BIBLIOGRAFIA

- ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria S & NAXARA, Márcia (Orgs). **Memória e (res) sentimento**. Campinas: UNICAMP, 2004. p.15-34.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru/SP: EDUSC, 2000.
- _____. **Natureza, fronteiras e territórios**. Londrina: EDUEL, 2005.
- BARBOSA, M. C. Senhores da Memória. **As Relações Significativas Entre Imprensa e História**. INTERCOM (São Paulo), São Paulo, 1994.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985. (Vol. 5 Antrophos/Homem).
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. 15ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- BORGES, Maria Elisa Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2001.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.
- CAMPOS, Sabrina M. **O processo de industrialização numa fronteira agrícola: O caso de Toledo, PR**. 2007. (Dissertação de Mestrado). Toledo: Biblioteca UNIOESTE - Campus de Toledo.
- CANCLINI, Nestor G. A modernidade depois da pós-modernidade. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Modernidade: Vanguardas Artísticas na América Latina**. São Paulo: UNESP, 1990.
- CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Iconografia e História. In: Resgate – **Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. In: **Artigos 18 de Maio** – Revista Museu. In: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986#>

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. O mundo como Representação. **Revista Estudos Avançados**, nº 11. São Paulo: USP. Jan./Abr. de 1991

_____. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 08. Nº16, 1995. P 179-192.

CHIBA, Ariça & Souza, Ivanor. **Práticas e Representações na Urbanização de Toledo** – PR. TCC – Especialização História do Brasil. UNIOESTE/Campus de Toledo, 1994. Biblioteca UNIOESTE – Campus de Toledo.

COOK, Terry. Arquivos Pessoais e institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. p. 129-150.

DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito, Discurso sobre o método e Meditações Cartesianas**. Lisboa: Martins Fontes, 1990.

DONASSOLO, Geni Maria. **O processo de seleção social no Município de Toledo** – PR. TCC – Especialização em História do Brasil. UNIOESTE/Campus de Toledo, 1994. Biblioteca UNIOESTE – Campus de Toledo.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1994.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: UNESP, 2006.

FELD, Claudia; STITES MOR, Jessica (Comp.) **El pasado que miramos**. Memoria e imagen ante da historia reciente. Buenos Aires: Paidós, 2009,

GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. P. 237-272.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONZALEZ, Emílio. As camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná. **Revista Tempos Históricos.** Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2003/2004. P. 185-219

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e História Científica. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: Marco Zero\ANPUH, 1995.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

IPARDES. **Nova Configuração espacial do Paraná.** Curitiba, janeiro/1983. Biblioteca UNIOESTE – Campus de Toledo.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papyrus, 1996

Jornal do Oeste . **Toledo 50 anos - CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIAS.** Coordenação: Luiz Alberto Martins da Costa; Reportagens: Luiz Alberto Martins da Costa, Rosângela Cristine Gris, Marcio Pimentel. Toledo: sul Gráfica, 2002

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** 3A edição. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

KOTHE, Flávio R. (Org.). **Walter Benjamin: sociologia.** São Paulo, Ática, 1991.

KOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa R. e outros (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'água, maio de 2004. p. 117-138.

LAGEMANN, Tânia M. I. & LUQUETA, Noeli M. **Conhecendo Toledo.** Toledo: SMED, 2004

LANGARO, Jiani Fernando. **Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Dissertação de Mestrado. Acervo Laboratório de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003

LIMA, Solange Ferraz & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954**. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

LOHN, Reinaldo. **Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana Florianópolis, 1950 a 1970**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acervo Laboratório de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades.

MAGALHÃES, Marion B. de. **Paraná: política e governo**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná – Textos introdutórios).

MAUAD, Ana M. **Sob o Signo da Imagem: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de Representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX**. Rio de Janeiro: UFF. 1990. Tese de Doutorado. In: <http://www.pontaojongo.uff.br/labhoi/node/76>

_____. O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. In: **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra J. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997

_____. Fotografia e História – possibilidades de análise. In : CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez Editora, 2004

_____. Através da imagem I: possibilidades teórico metodológicas para o uso da fotografia como recurso didático, uma experiência acadêmica. **Revista Primeiros Escritos**. Rio de Janeiro: UFF, n° 1 – julho-agosto de 1994. In: http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www.historia.uff.br.primeirosescritos/files/p_e01-2.pdf

_____. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, jan.-jun; año/vol. 13, número 001 São Paulo: Universidade de São Paulo. 2005. pp. 133-174. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/273/27313105/27313105.html>

MEIRELLES, Willian Reis. História das Imagens: Uma abordagem, múltiplas facetas. In: Pós-História: **Revista de Pós-graduação em História**. São Paulo: Assis: UNESP, 1995

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O museu na cidade x A cidade no museu Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História, Culturas e Cidades**. AMPHU. V. 05 n°8/9. Set. 1984/ abr. 1985.

_____. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2003. v. 23, nº 45. p. 11-36.

_____. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: vol.34, 1992. p.09-24.

MEZZOMO, Frank. **Religião, nomos e eu-topia: práxis do catolicismo no oeste do Paraná**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre – urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Associação Nacional de História – ANPUH, 2007. Vol. 27, nº 53. P. 159-176.

MONTEIRO, Charles & SCHIAVINATO, Iara Lis Franco (Orgs). Dossiê: História & Fotografia. **ArtCultura : Revista de História, Cultura e Arte**, v. 10, n. 16, jan.-jun. 2008. — Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

MULLER, Keith. **Ocupação Pioneira no Sul do Brasil: o caso de Toledo, 1973 – mimeografo**.

MUNFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 4ª Ed.

NASCIMENTO, Dorval do & BITENCOURT, João Batista (Orgs). **Dimensões do Urbano: múltiplas facetas da cidade**. Chapecó: Argos, 2008.

NIEDERAUER, Ondy H. **Toledo no Paraná: a história de uma latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso**. Toledo: Grafo-Set, 1992.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, nº 10. P. 12.

OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Toledo. Um município da fronteira Oeste do Paraná. **Estudos nº 03**. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná – Textos introdutórios).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso Fundador**. São Paulo: Pontes, 1993.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PESAVENTO, Sandra J. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, nº 4, dezembro de 1995.

_____. História, memória e centralidade urbana. **Revista Eletrônica Novo Mundo**. In: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias, **Revista Brasileira de História**. vol.27, nº53 São Paulo: ANPUH. Jan./June, 2007.

_____. MUITO ALEM DO ESPAÇO: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 8. Nº 16, 1995. Cultura e História Urbana. p. 279-290.

_____. e outros. **História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

_____. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços: Cidade e Memória**, nº 11, 2004. p. 25-30. In: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/viewPDFInterstitial/334/9893>.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, V. 5, n 10, 1992. O. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 02, nº 03, 1989. p. 03-15.

PORTZ, Solange. **As paisagens da memória: um estudo sobre as fotografias do Plano de Colonização da Empresa MARIPÁ – 1946-1955**, Niterói, 2002 (Dissertação de Mestrado). Biblioteca UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon.

POSSAMAI, Zita. **Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. (Tese de Doutorado). In: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5251?show=full>

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argós, 2004.

RODIS-LEWIS, Genevieve. **Descartes e o racinalismo**. Porto-Portugal: Rês Editora, 1979.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP. 2003.

RONCAYOLO, Marcel. In: Cidade. **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond/MinC/IPHAN/DEMU, 2006.

SCHMIDT, Robi. **Cenas para constituição de um mito político**. Curitiba: UFPR, 2000 (Dissertação de Mestrado). Acervo CEPEDAL/UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon.

SCHREINER, Davi. F. **Cotidiano, Trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 1996

Secretaria de Educação e Cultura – PMT. **Com licença, somos distritos de Toledo**. Projeto História. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1987.

SILVA, Oscar. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra J (Orgs). **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997

SOUZA, Emanuel Silva de. PIP – **Itinerâncias Urbanas** – Brasília: UNB, 2002. In: <http://vsites.unb.br/ics/sol/itinerancias/bsb/urbanistico/concepcao.pdf>

TAMANINI, Elizabete. Descobrir, coletas, preservar. Aspectos da história dos museus. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 14, nº. 12, jun. 2000.

TEIXEIRA, Joubert Paulo. **Imagens e representações das memórias de uma cidade em formação**: Santa Fé (1948-1961). Maringá: UEM, 2008. Dissertação de Mestrado. Acervo Laboratório de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades.

TOURAINÉ, Alan. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1994.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade alta de Salvador: de cidade colonial a “centro histórico pós-moderno” in: CARLOS, Ana Fani Alessandri & LEMOS, Amália Inês G. (orgs). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2005.

VIEIRA, Maria do P. de A.; PEIXOTO, Maria R. C. & KHOURY, Yara M (Orgs). **A Pesquisa em História**. Ática, 1997.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória in.: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. P. 21-33.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba, Gráfica Vicentina, 1988

ANEXOS

(As fotografias estão dispostas contendo informações transcritas da Ficha de Catalogação – Acervo Museu Histórico Willy Barth)

01 - Vista parcial da Av. MARIPÁ, em 1950.



1401 – Vista parcial da Av. MARIPÁ, em 1950.

Doação: Ondy H. Niederauer.

Descrição: Avenida MARIPÁ, em 1950, vendo-se Marcenaria Bombardelli, Hotel Nardi de Danilo Nardi, casas de Francisco Fardoski, Rosalino Barbieri e Luiz Piorezan.

O prédio do Hotel Nardi depois foi Ginásio La Salle, Hospital e também consultório Dentário do Dr. Lamartine Braga Cortez. Hoje (1991) posto de gasolina, situado na Av. MARIPÁ esq. Com rua São João.

1951- Avenida MARIPÁ, - esq. Rua Rui Barbosa – Pilha de madeira à esquerda é hoje lojas HM

À direita: a) Beneficiadora Bombardelli, hoje junto Auto Mec. Toledo Ltda. b) Hotel Nardi; depois Ginásio La Salle, depois Hospital e Consultório dentário Dr. Lamartine Braga Cortez, hoje (1980) Posto de Gasolina.

02 - Residência da família Willy Barth, em 1950.



1152 - Residência da família Willy Barth, em 1950.

Ellynor Bastian.

Residência de Willy Barth situada à rua Sete de Setembro, esquina com rua Independência – Foto tirada por Júlio Bastian, em 1950. No pátio, as filhas de Willy Barth brincando.

03- Escritório da Colonizadora MARIPÁ



521 - 1950 – Escritório da Colonizadora MARIPÁ

Henrique Isernhagen

Vista do prédio do Escritório da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – MARIPÁ, em 1950.

Esse escritório situava-se na rua 7 de setembro, com rua Barão do Rio Branco, onde hoje está o Banco Meridional. O prédio à esquerda foi cedido em 1953 para o Banestado para funcionamento da 1ª agência do Banestado, o prédio era da MARIPÁ.

Fotógrafo: Henrique Isernhagen.

04- Escritórios da MARIPÁ, localizado na rua Sete de Setembro, esquina com a Barão do Rio Branco – 1950



1149 - Escritórios da MARIPÁ, localizado na rua Sete de Setembro, esquina com a Barão do Rio Branco – 1950.

Ellynor Bastian

Escritórios da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. -MARIPÁ, localizado na rua Sete de Setembro, esquina com a Barão do Rio Branco. Foto tirada por Júlio Bastian, em 1950.

05- Avenida MARIPÁ, entrada da cidade – 1950



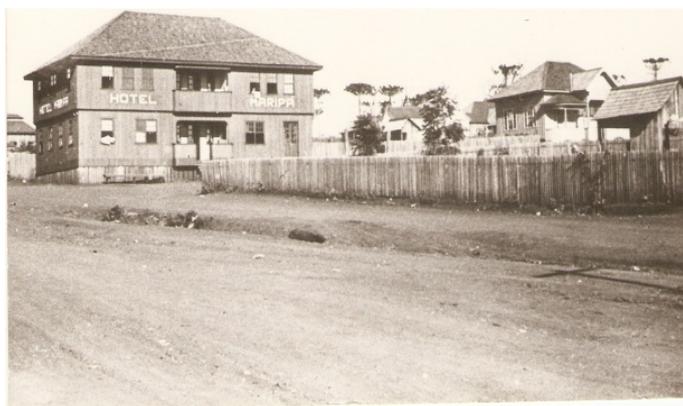
1150 - Avenida MARIPÁ, entrada da cidade – 1950

Ellynor Bastian

Vista parcial da av. MARIPÁ em 1950. Esta rua é a entrada da cidade.

Fotógrafo – Júlio Bastian.

06- Hotel MARIPÁ, de Virgínia de Paris, situado à rua Rui Barbosa, esquina com a avenida MARIPÁ – 1950.



1163 - Hotel MARIPÁ, de Virgínia de Paris, situado à rua Rui Barbosa, esquina com a avenida MARIPÁ – 1950.

Ellynor Bastian.

Fotógrafo: Júlio Bastian

07 - Hospital e Maternidade Toledo Ltda – Déc. 50



Hospital e Maternidade Toledo Ltda – Déc. 50
421 – Ondy H. Niederauer

08 - Prédio do Colégio La Salle (antigo Hotel Nardi e Hospital). Prédio onde funcionava o Hotel Nardi, Hospital e o Colégio La Salle (2º Colégio de Toledo) – Dec. 1950



1847 – Prédio do Colégio La Salle (antigo Hotel Nardi e Hospital). Prédio onde funcionava o Hotel Nardi, Hospital e o Colégio La Salle (2º Colégio de Toledo) – Dec. 1950.

Projeto História.

Prédio situado na Av. MARIPÁ, esq. Com Rua São João, em Toledo.

09 - Vista da 1ª Igreja de Toledo e Colégio das Irmã, em 1950.



1109 – Vista da 1ª Igreja de Toledo e Colégio das Irmã, em 1950.

Ellynor Bastian.

Primeira Igreja de Toledo – Igreja Cristo Rei – e junto funcionava o Colégio Incomar (Instituto Imaculado Coração de Maria). A 1ª parte da Igreja começou a ser construída em 1947 e as torres foram construídas no início de 1950. Situava-se na Rua Sete de Setembro entre as ruas São João e Rui Barbosa (onde hoje é a cancha de esportes do Colégio Incomar). Construída sob o comando do Pe. Antônio Patui com a ajuda dos 1os moradores e das Irmãs Vicentinas. Foto tirada por Júlio Bastian em 1950. (fins de 1950).

10 - Hotel Oeste de Ângelo Massula, av. MARIPÁ, março de 1950.



449 - Hotel Oeste de Ângelo Massula, av. MARIPÁ, março de 1950.

Aquelino Massola

Hotel Oeste – situado na Av. MARIPÁ, de propriedade de Ângelo Massola. Ângelo Massola foi proprietário de 1952 a 1956, depois ele vendeu para Alberto Locatelli.

11 - Duque Hotel



Toledo – Emília Beal

Duque Hotel – localizado à Rua Sete de Setembro, esq. Com Bonfim. O Duque Hotel era de propriedade de Olivo e Emília Beal.

12- Prédio da Auto Mecânica Toledo Ltda., onde hoje se localiza o Hotel Monte Sion, avenida Tiradentes, esquina com avenida MARIPÁ – 1950.



2570 - Prédio da Auto Mecânica Toledo Ltda., onde hoje se localiza o Hotel Monte Sion, avenida Tiradentes, esquina com avenida MARIPÁ – 1950.

Prédio da Auto Mecânica Toledo Ltda, na Av. Tiradentes esquina com Av. MARIPÁ (onde hoje se localiza o Hotel Monte Sion), em 1950.

Da esq. p/ dir. Toledo Roberto Borne (C. Fiscal); Leonardo Júlio Perna (C. Fiscal), Frederico Walter (C. Fiscal), Antônio Mariotti (Gerente Comercial), Zulmir Longhi (Gerente da Oficina), Dr. Júlio Bastian de Azevedo Gertun.

13- Fins de 1950 – vista parcial da Av. MARIPÁ, entre as Ruas Rui Barbosa e São João. Vista parcial da Av. MARIPÁ em fins de 1950.



388- Fins de 1950 – vista parcial da Av. MARIPÁ, entre as Ruas Rui Barbosa e São João. Vista parcial da Av. MARIPÁ em fins de 1950.

Procedência Willibaldo Hubner –

Vista da Av. MARIPÁ em fins de 1950. Prédio do Lado esquerdo: Hotel de Danilo Nardi (mais tarde foi hospital e depois funcionou o Colégio La Salle).

Lado Direito: 1, 2, 3, 4- Hotel MARIPÁ, de Juvenildo Lorandi. Observa-se os postes de luz no meio da Avenida. Essa fotografia também foi comprada por Willibaldo quando esteve aqui em 1951 para mostrar para os parentes em Tapera-RS.

14 - Vista da 1ª igreja de Toledo e do Colégio das Irmãs em 1950



1109 – Vista da 1ª igreja de Toledo e do Colégio das Irmãs em 1950

Ellynor Bastian – Primeira Igreja de Toledo – Igreja Cristo Rei – e junto funcionava o Colégio Incomar (Instituto Imaculado coração de Maria). A 1ª parte da igreja começou a ser construída em 1947 e as torres forma construídas no início de 1950. Situava-se na Rua sete de setembro entre as ruas São João e rui Barbosa (onde hoje é a cancha de esportes do colégio Incomar). Construída sob o comando do Pe. Antonio Patui com a ajuda dos 1os moradores e das irmãs vicentinas.

15 – Toledo, vista parcial – 1950



Céu Azul Inês Zainol Ruaro

Rua 7 de setembro, vendo-se o Hospital São Paulo, Igreja Católica e Colégio das Irmãs, em 1950.

16 - Cine Imperial



Olivo Sarturi

Valdir Formighieri (agachado)

Entrada do Cine – 1951 - Curitiba – Lourival Mendes – doação

Vista da Fachada principal do Cine Imperial, de propriedade de Lourival Mendes. Este prédio foi construído em madeira, na esquina da Rua Barão do Rio Branco e Largo São Vicente de Paulo, sendo inaugurado em 20.01.1950.

17 - Vista do Prédio do Café Imperial, na Década de 50



Toledo – Clorinda Sartori

Vista do prédio do Café Imperial (Rua 7 de setembro esq. Com Rui Barbosa) – Déc. 50. Neste prédio realizaram-se os primeiros bailes e festas. Locou o 1o cinema, a 1a rádio (Colméia), restaurante e Rodoviária. Construído em 1950, proprietários: Jacinto Sartori, Avelino Tomazzoni, Avelino Dal Sarso e Marcelo Dalla Costa. Em 1951, vieram para Toledo, o restante da família Sartori.

18 - Toledo - - Rua 7 de Setembro, trecho entre rua Rui Barbosa e São João, vê-se primeira Igreja Católica

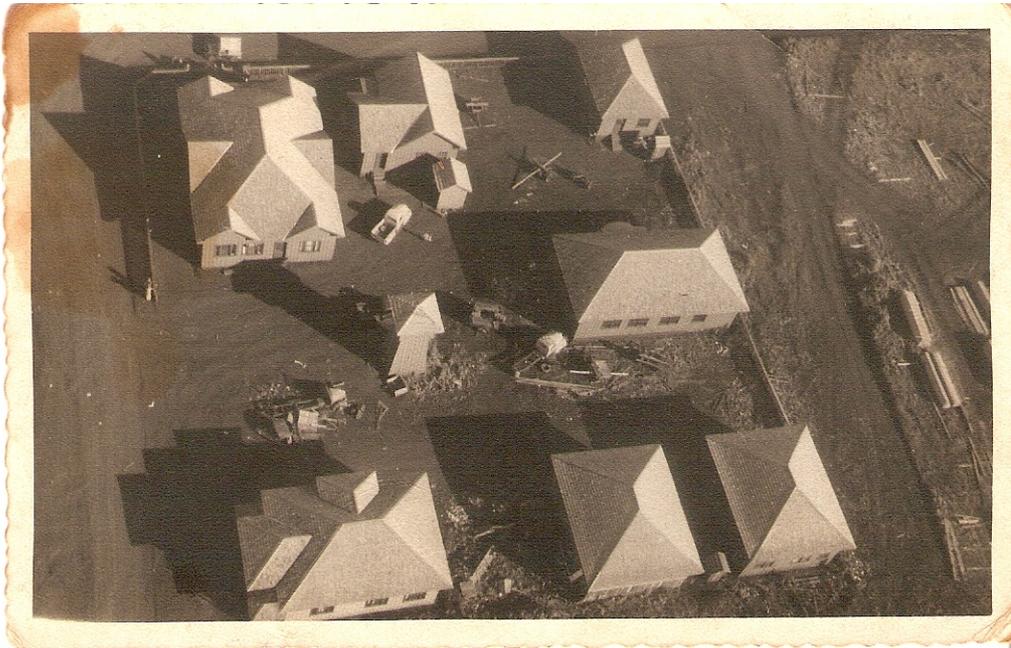


Vista parcial da Rua 7 de Setembro, esq. Barão do Rio Branco – Déc. 1950.

Toledo – Luiz Eckstein

Vista parcial da Rua 7 de Setembro, esq. Com rua Barão do Rio Branco, década de 1950. Vê-se no lado esquerdo da foto: Bar Antártica, Foto Clivatti. No lado direito da foto: Empório Toledo, Escritório da Maripá.

19 - Vista aérea de Toledo – Centro, 1952.



20 - Vista aérea de Toledo, 1952.



1994 – Vista aérea de Toledo, 1952.
Diva Paim Barth

21 - Vista parcial de Toledo – 1953



1507 – Vista parcial de Toledo – 1953
Ondy H. Niederauer/Rubens Stresser.
Vista parcial aérea de Toledo, em julho de 1953.

22 – Vista aérea Toledo – Julho de 1953



1508 – Vista aérea de Toledo – 1953
Ondy H. Niederauer.
Vista aérea de Toledo - Julho de 1953.

23 - Parte Interna do Correio em Toledo



Legenda: Parte interna do Correio de Toledo em 1953

Toledo – Orlando dos Santos – doação

Descrição: Parte interna do Correio de Toledo, funcionava numa sala pequena no Cine Imperial.

24 - Tratorista Desiré Clemente Refosco abrindo Rua Independência em 1953, vendo em 2º plano, o moinho de Polenice Genari.



337 - 1953 – Tratorista Desiré Clemente Refosco abrindo Rua Independência em 1953, vendo em 2º plano, o moinho de Polenice Genari.

Desiré Clemente Refosco.

25 - Clube do Comércio – Toledo, 25,7.53



Imagem – Construção Clube do Comércio – não há pessoas, veículos, etc.
Toledo – Dovílio Caio e Ondy H. Niederauer.

Descrição: Clube do Comércio 25.07.53, data da inauguração. Clube de madeira construído em 180 dias. O Clube do Comércio incendiou em 27.02.1968.

26- Vista da frente do Clube do Comércio e equipe de Trabalho – 1953



003 – Vista da frente do Clube do Comércio e equipe de Trabalho – 1953
Arlindo Grizza

27 – Solenidade de Instalação da Agência do Banco do Estado do Paraná – 15/08/1953.



28 – 1954 – Rua Sete de Setembro, trecho entre Rui Barbosa e São João



1954 – Rua Sete de Setembro, trecho entre Rui Barbosa e São João – Vê-se a primeira igreja católica.

29 - Vista Parcial da rua 7 de Setembro, esq. Barão do Rio Branco, em Toledo– Dec. 1950



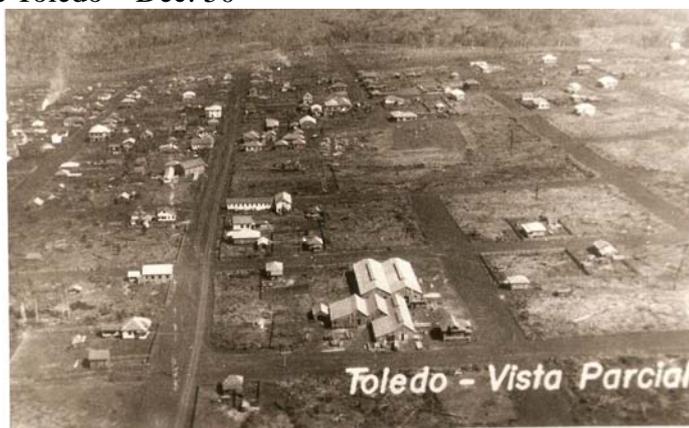
1217 - Vista Parcial da rua 7 de Setembro, esq. Barão do Rio Branco, em Toledo– Dec. 1950
Edília Grahl Pastre.

Vista parcial da rua sete de setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo – 1955-56. Lado esq. Da foto: Prédio do Empório Toledo, Igreja Católica.
Lado Dir. da foto: Bar Antártica de Germano Pizzetta.

30 - Vista parcial da Vila Toledo – Déc. 50



31 – Vista parcial de Toledo – Déc. 50



32- Vista parcial do centro de Toledo



33 - Vista Parcial da rua Sete de Setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo 1955-56



021 - Vista Parcial da rua Sete de Setembro, esquina com rua Barão do Rio Branco, em Toledo 1955-56

Adéla Esther Soldati

Vista parcial da Rua Barão do Rio Branco esquina Sete de Setembro onde aparece um ônibus que fazia a Linha Toledo-Porto Britânia- via Rondon e construções da época.

1) Cartão Postal feito por Augusto Clivatti.

Foto de Edília Grahl Pastre

Lado esquerdo da foto: Prédio do Empório Toledo Ltda, Igreja Católica. Lado Direito da Foto: Bar Antártica, de Germano Pizzeta

34- Toledo, vista parcial da Rua Almirante Barroso, em 1956/57



1940- Toledo, vista parcial da Rua Almirante Barroso, em 1956/57.

Robson Nogueira

Toledo, vista parcial da Rua Almirante Barroso (sentido norte/sul) vendo-se a Delegacia de Polícia e término da construção do Fórum, em 1956/57.

Vista do prédio da Delegacia de Polícia e construção do Fórum de Toledo, entre 1956 a 1960, situados à Rua Almirante Barroso (entre o Largo São Vicente de Paulo e Rua Sete de Setembro). O local onde está a delegacia de Polícia, hoje (1989) estão construindo o prédio da ACIT (Associação Comercial e Industrial de Toledo, com 15 andares.

35 - Vista Parcial do Largo São Vicente de Paulo, esquina Rua Barão do Rio Branco.



2855- Vista Parcial do Largo São Vicente de Paulo, esquina Rua Barão do Rio Branco.

Orlando dos Santos

Vista Parcial do Largo São Vicente de Paulo, esquina Rua Barão do Rio Branco e Rua Dom Manoel da Silveira Delboux, em Toledo, vendo-se ao fundo o antigo prédio da Câmara Mun. De Vereadores.

36 - Aeroporto de Toledo – Dec. 50



1061 – Aeroporto de Toledo – Dec. 50

Felício Callai.

Vista do Aeroporto de Toledo na déc. De 50.

Aterrissando um avião Táxi Aéreo. A pessoa não foi identificada. O Aeroporto de Toledo foi construído em 1952.

37 - Estação de passageiros do Campo de Aviação – 1954.



Toledo – 1954 - Estação de passageiros do Campo de Aviação – 1954
Inauguração Oficial do Aeroporto – 24.01.54

38 - Instalação da Comarca de Toledo – 1954



Instalação da Comarca de Toledo – 1954

ONDY H. NIEDERAUER – Solenidade de Instalação da Comarca de Toledo, dia 09/06/54, no clube do comércio.

Da esq para Dir: 1. Dr. Clóvis do Espírito Santos (1º Promotor de Toledo)

2. Rubens Stresser – Vereador

3. Ernesto B. Forbes (Coletor Estadual)

4. Ari Branco Rosa (Delegado de Polícia)

5. Guerino Viccari (Presidente da Câmara)

6. Ernesto Dall'Oglio (Prefeito Municipal)

7. Dr. Cid Cordeiro de Simas (Juíz de Direito)

8. Dr. Murilo Roncáglio (Juiz da Comarca de Foz)

9. Pe. Antonio Patuí

10. Willy Barth

11

12. Alcides Rocha

39 - Empório Toledo Ltda, 1955



Toledo – Alfredo Bombardelli

Vista do Prédio de alvenaria do Empório Toledo, em fase de acabamento. O empório foi inaugurado em 18.06.55. Vê-se em frente, máquinas e trabalhadores da Maripá.

40 - Procissão de Corpus Christi em 1955



Toledo – Lusilda Chelis – doação

Descrição: Procissão de Corpus Christi na Rua 7 de Setembro em frente ao Colégio das Irmãs e Igreja. No lado esquerdo superior o prédio do Café Imperial e no lado direito, a casa de Caetano Severino Perin. A religiosa é a irmã Otília, Madre do Colégio Imaculado Coração de Maria.

Procissão de Corpus Cristi em 1955, na Rua 7 de Setembro.

Sombra de um toco de madeira de lei

A religiosa é a Irma Otília, 1ª madre superiora do Col. Imaculado Coração de Maria

41 - Foto interna Empório Toledo – 18.06.55 – Inauguração.



42 - 1955 – Seminário Cristo Rei



Toledo – Irmãos Dentzer

Seminário Cristo Rei, construído por Pe. Antonio Patui em 1955.

Vê-se a direita Pe. Antonio Patui, perto do jeep e a direita alguns seminaristas.

43 - Vista Parcial de Toledo – Local onde está construído o 1º fórum de Toledo – 1956



2368 – Vista Parcial de Toledo – Local onde está construído o 1º fórum de Toledo – 1956

ONDY H. NIEDERAUER

Sete de setembro esquina com almirante barroso

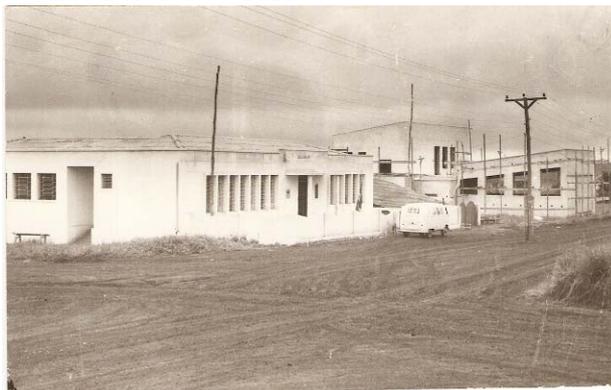
44 - 1956 – Casa de Máquinas da Usina Hidrelétrica Carlos Mathias a Becker.



Toledo – Meinolfo Heiss

Vista parcial da turbina e casa de máquinas da Usina “Hidroelétrica” Carlos Mathias^a Becker, em 1956. a- em 1o plano: 1a turbina; em 2o plano: Casa de Máquinas. A Usina foi inaugurada em 02.07.56.

45 - Construção Fórum - Vista Parcial de Toledo –



46 - Toledo, vista parcial – 1957.



2088 – Augusto Clivatti
Toledo, vista parcial – 1957

47 - Vista aérea - 1958



137 - Vista aérea - 1958

48 - Instalação da Diocese de Toledo, em 20.06.59



Toledo - Orlando dos Santos

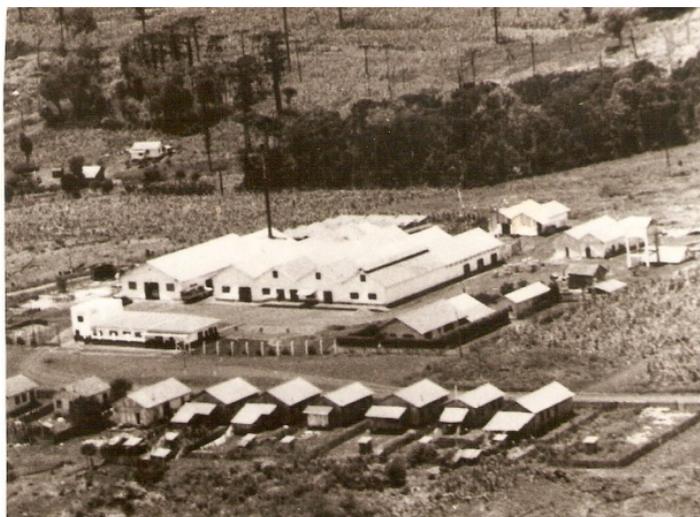
Esq. P Direita: 2. Egon Bercht, 3. D. Armando Círio, 4. Ney Braga, 5. Egon Pudell

49 - Escola Luiz Augusto Morais Rego – 1959



Teixeira Soares – Ruth Knieling

50- Primitivo Frigorífico Pioneiro em 1959, Toledo.



1978 – Primitivo Frigorífico Pioneiro em 1959, Toledo.
Robson Nogueira.

BANNERS

TOLEDO: 60 ANOS FAZENDO HISTÓRIA



1946...

propaganda para venda de terras em Ioledo.




Três primeiras casas



Rua 7 de Setembro esquina Barão do Rio Branco.




Fundação da localidade de Novo Sarandi

reunião de compradores de terras.

1950...




Rua 7 de Setembro Escritório da Maripá.



Av. Maripá, esquina com a Rua Rui Barbosa



1952 - Emancipação do Município

1960...



de Toledo - Fins de 1960



Centro - 1961
Vê-se: Avenida Maripá, Rua 7 de Setembro e Largo São Vicente de Paulo



1970...



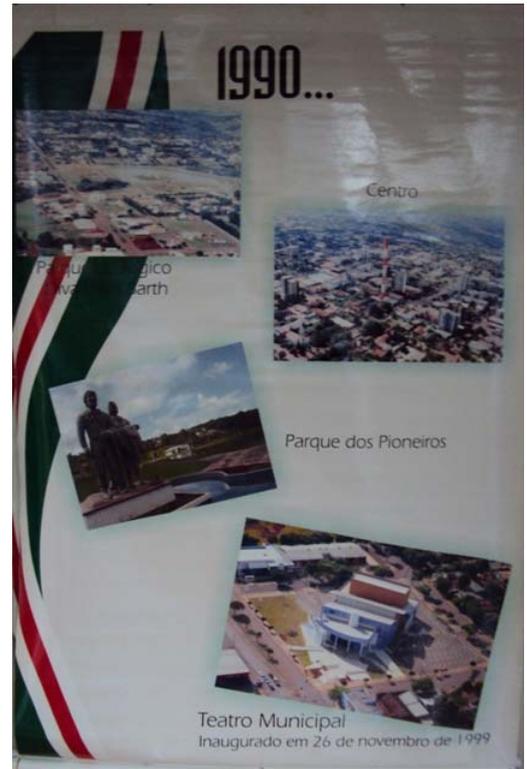
Av. Tiradentes




Casa da Cultura, do Paraná e 2º do Brasil, (inaugurada em 1975), Colégio La Salle e Funet



Estádio 14 de Dezembro - 1979, hoje Terminal Rodoviário Alcides Leonardi



BANNERS

TOLEDO CIDADE - LABOR

EXPOSIÇÃO
TOLEDO, CIDADE - LABOR

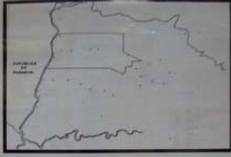


REALIZAÇÃO:
 MUSEU HISTÓRICO WILLY BARTH
 SECRETARIA DA CULTURA



MUNICÍPIO DE TOLEDO
 TOLEDO - PARANÁ

TOLEDO... TOLEDO...
 TOLEDO, CIDADE LABOR
 TOLEDO DAS ÁGUAS DE PRATA
 É UMA FLOR AINDA EM BOTÃO.



ÁREA DE TERRAS, DA FAZENDA BRITÂNIA,
 ADQUIRIDA PELA COLONIZADORA
 MARIPIÁ



INOCENTE, CARINHOSA,
 RECEBE TODA A GENTE
 A CANTAR ESTA CANÇÃO

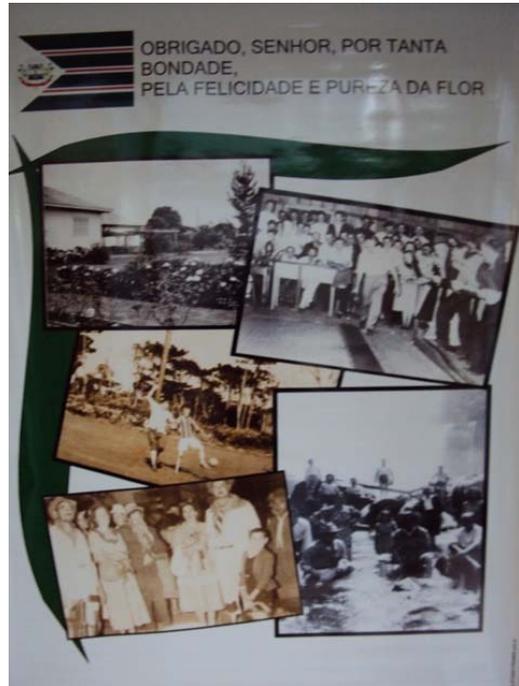
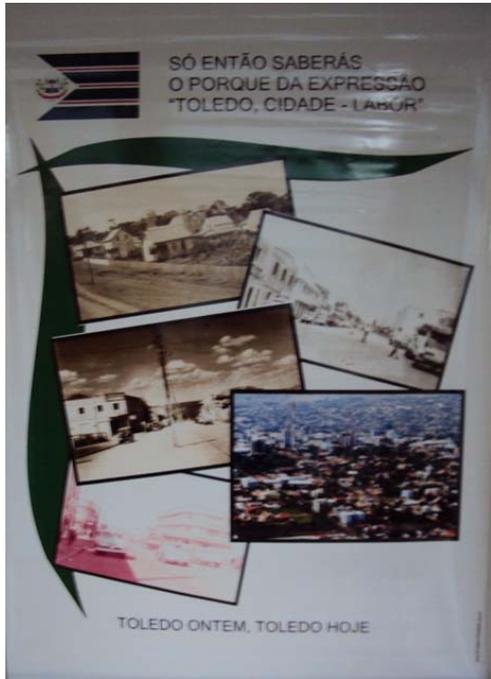
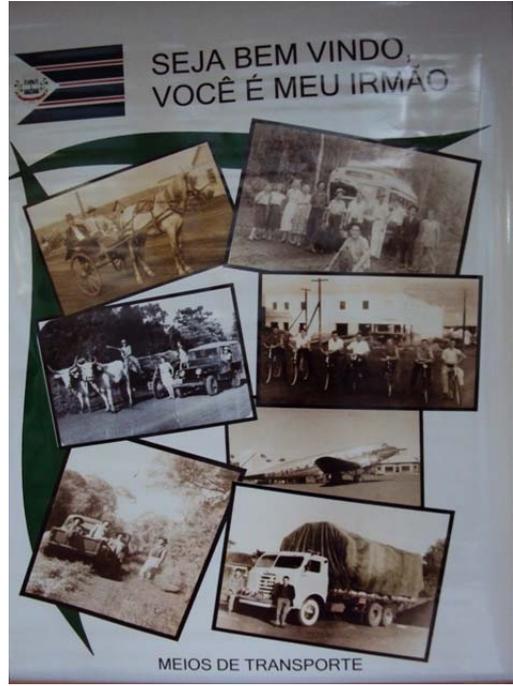


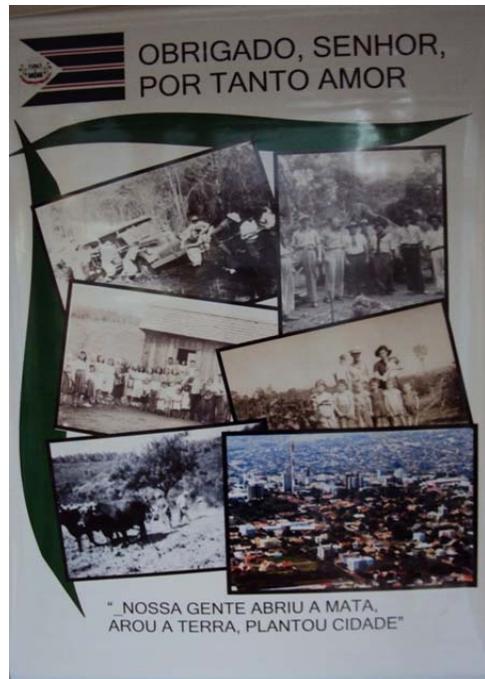
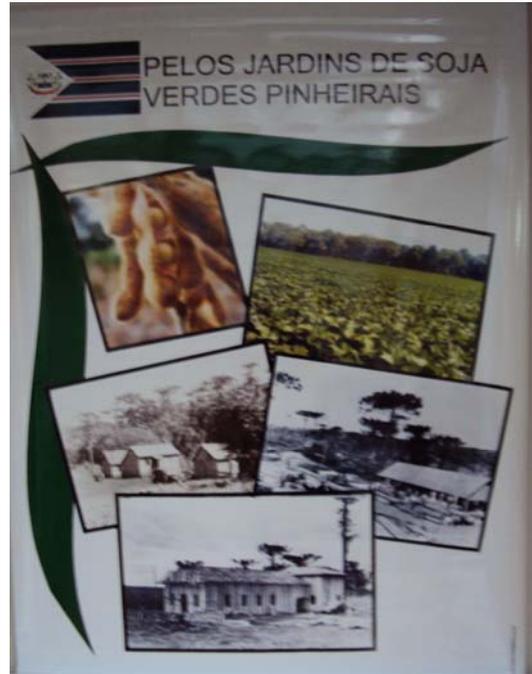
CARAVANAS, MUDANÇAS E
 COMPRADORES DE TERRAS

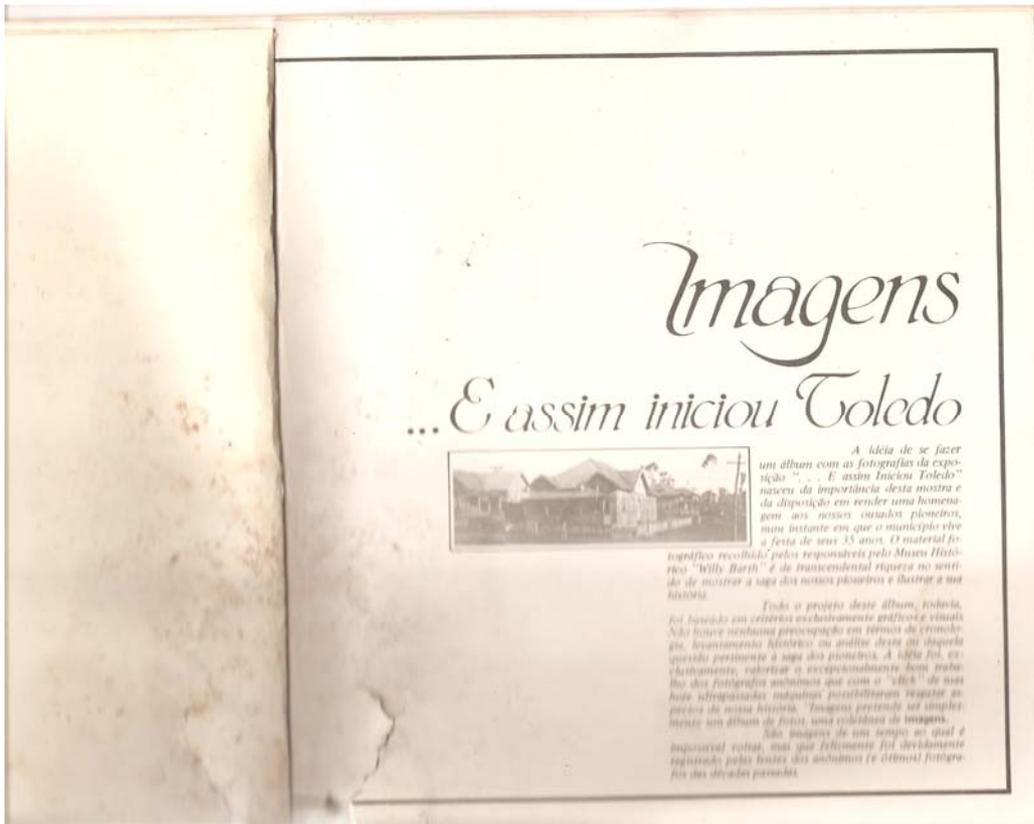
SEJA BEM VINDO TRABALHADOR
 NOS AJUDE A CRESCER



HOMENS E MULHERES DE FORÇA E CORAGEM



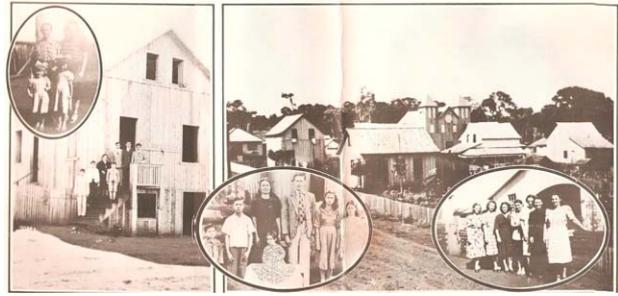
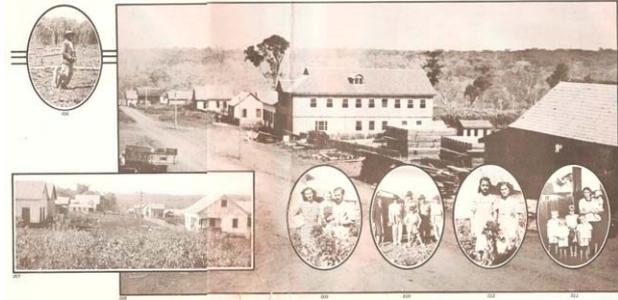


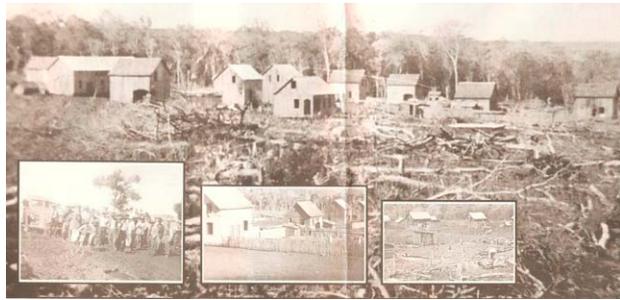


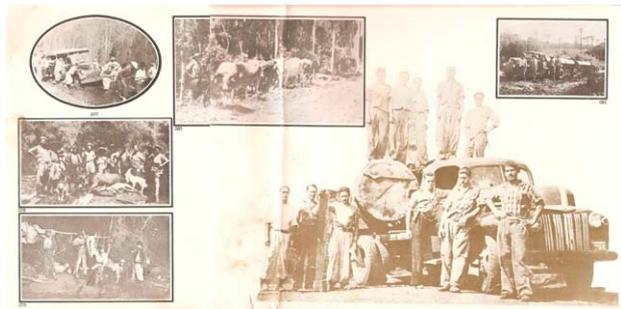
A ideia de se fazer um álbum com as fotografias da exposição "... E assim iniciou Toledo" nasceu da importância desta mostra e da disposição em render uma homenagem aos nossos pioneiros pioneiros, num instante em que o município vive a festa de seus 35 anos. O material fotográfico recolhido pelos responsáveis pelo Museu Histórico "Willy Barth" é de transcendental riqueza no sentido de mostrar a saga dos nossos pioneiros e ilustrar a sua história.

Tudo o projeto deste álbum, todavia, foi baseado em critérios exclusivamente gráficos e visuais. Não houve nenhuma preocupação em termos de cronologia, levantamento histórico ou análise desta ou daquela quadra pertencente à saga dos pioneiros. A ideia foi, exatamente, valorizar o excepcionalmente bom trabalho dos fotógrafos anônimos que com o "click" de suas lentes ultrapotentes nos permitiram registrar os preciosos momentos desta história. "Imagens pertence ao simplesmente um álbum de fotos, uma coleção de imagens."

São imagens de um tempo ao qual é impossível voltar, mas que felizmente foi devidamente registrado pelas lentes dos anônimos (e ótimos) fotógrafos das décadas passadas.







LEGENDAS

FOTO 001
Entrada de Toledo ao Porto Britânia - Passagem pelo Arroio Fundo - 1950

FOTO 002
Joaquim Góes, antes de entrar, início de 1947

FOTO 003
Sermão nº 01 de Marçal - 1., 2., 3. Domingos Zatti, 4. Santo Caspary, 5., 6. Lourival Mendes, 7. João G. A. Bastian - 1949

FOTO 004
Cereveja de comemoração de terras do Zé de Melo, trazidas por Miguel Dantas, suspensa no muro - Setembro de 1949

FOTO 005
Maximiano Bombardieri e esposa médica, Avenida Marçal em 1950

FOTO 006
Antonio Capelari, um dos empregados de Alfredo Passalunghi Russo, preparando a sopa para iniciar um jantar - 1949

FOTO 007
Vista de rua Zé de Setembro com o Barão do Rio Branco Fevereiro de 1949

FOTO 008
Avenida Marçal - Maximiano Bombardieri, Hotel Nord, de Danilo Rossi, casa de Francisco Fariachi, Rosalino Barbieri e Luiz Fleischer - 1950

FOTO 009
Família Giga e Elio Gibaudi - Fevereiro de 1949

FOTO 010
"O momento paraguai está predominando entre os índios brasileiros, pois houve submissão ao norte, reação com guerrilha e fuga ao apuro da mata" (do relatório de viagem de Armando Müller, página 14, em agosto de 1948)

FOTO 011
Família de Wladimir Lachembach - Fevereiro de 1949

FOTO 012
"Que coisas assustosas estas jovens!" 1., 2. Orizontina Rodrigues

FOTO 013
Família de Anália e Zulmira Longhi

FOTO 014
Revólver e espada de família Donassato - 1949

FOTO 015
Família de Arnaldo Mariano Duarte, que ajudou a montar o Sermão nº 1 de Marçal - 14 de novembro de 1949

FOTO 016
Sem agente

FOTO 017
Senhoras toledanas: Genilda Wlaczar, Olga Gibaudi, Delicia Fagnola, Lúcia Barbieri Formighieri, Odila Formighieri, Inês Russo e Anália Gasparin Longhi - 1949

FOTO 018
As primeiras crianças a entrar no prédio: Lenyr e Irineu, filhos de Virgínia e de Zulmira Russo, em 1948

FOTO 019
Zulmira Russo, João Russo e José Góes - 1947

FOTO 020
Família Odila Formighieri - Fevereiro 1949

FOTO 021
Lenyr Russo, Theresinha Longhi, Ana Maria Longhi, Irineu Russo, Maria de Lourdes Fagnola e Lourdes Maria Formighieri, na primeira festa de Toledo - 1947

FOTO 022
Família Genilda e Ernesto Wlaczar - Fevereiro de 1949

FOTO 023
Avenida Marçal - Estrada de cidade em 1950

FOTO 024
Churrasco de comemoração - 1948

FOTO 025
Comissão de Festa de Igreja, para conclusão de Templo - 1949

FOTO 026
Sem agente

FOTO 027
Festa de aniversário na casa nº 02 - Vila Brasil - 1949

FOTO 028
Família de Anália Formighieri - Fevereiro de 1949

FOTO 029
Excursão de Marçal, localizada na Rua Zé de Setembro, espanta com o Barão do Rio Branco - 1950

FOTO 030
Revólver de Billy Barth na rua Zé de Setembro, espanta Independência - 1950

FOTO 031
Pedra do Aço Medicina Toledo Ltda, onde se localiza o Hotel Miral Sol, Avenida Trindade, espanta com Marçal - 1950

FOTO 032
Ondinha Toledo Ltda, localizada à Rua Barão do Rio Branco - 1949

FOTO 033
Bar e Zoológico de Francisco Ribeiro - Avenida Marçal - 1949

FOTO 034
Acumulo de máquinas de construção na Avenida Marçal - (Casa coberta de bobinas "Scandinave") - 1949

FOTO 035
Hotel Góes, de Anália Maschio, Avenida Marçal - Março de 1950

FOTO 036
As três primeiras casas construídas na Vila Cristo Rei, junto ao Arroio Toledo. A frente das casas um automóvel "Ford" no qual estavam os primeiros moradores - 1948

FOTO 037
Hotel Miral Sol, de Virgínia de Paris, situada à rua Rui Barbosa, espanta com a Avenida Marçal - 1950

FOTO 038
Avenida Marçal - ao fundo a primitiva igreja de Toledo - 14 de novembro de 1949

FOTO 039
Teodoro Söllner, sucessor da empresa "Nordli Y Gibau", nas lojas artesanais com um casal de índios, nas proximidades do Rio Paraná - Setembro de 1932

FOTO 040
"Se mesmo quem vai à Fazenda Britânia é que pode avaliar o que foi o árduo trabalho suportado até aqui pelos índios brasileiros" (do relatório de viagem de Armando Müller, página 15 - agosto de 1946) - Na foto, à esquerda, Alfredo Paschoal Russo; à direita, Irineu Toledo.

FOTO 041
Família Delício e Estelita Fagnola - Fevereiro de 1949

FOTO 042
Família Eduardo Danarabski - Fevereiro de 1949

FOTO 043
"Uma partida de xadrez em Porto Britânia" - 1947 (texto do original)

FOTO 044
Primeiro jogo de futebol - "Esporte Clube Marçal" - 1949 1º jogo - 1., 2º Amado Arrais, 3º Américo Lorenzi, 4., 5º Elio Gibaudi, 6º Paulo - 1º Zúlcio Rossi, 2º Benício, 3º Zúlcio Longhi, 4º Acácio, 5º Osvaldo, 6º Celso Rossi, 7º Lourival Mendes.

FOTO 045
Galpão - sem identificação

FOTO 046
A alguns dias motorista de Marçal comemorando sua ida de viagem.

FOTO 047
Avenida Marçal - 1., 2., 3º Zúlcio Longhi, 4., 5º Benício Codoiberto, 6º Falciano - Fevereiro de 1947

FOTO 048
Os novos colonos em frente à janela de Anália Fagnola - início de 1947

FOTO 049
Para esperar os colonos e amenizar as dificuldades da vida e do trabalho árduo, o canto dos primeiros trabalhadores - 1948

FOTO 050
Primeiros colonos - 1947 - 1., 2., 3º Eugênio Cerutti, 4., 5., 6., 7º Luiz Felisatti.

FOTO 051
Vista de Vila Toledo - Fim de 1947

FOTO 052
Cegado dos primeiros cooperadores de terras na Fazenda Britânia - Toledo - 1948

FOTO 053
Residência de Zulmira Russo, Alberto Barth, Arrivado de Souza e Anália Porto - Rua São João espanta com Zé de Setembro - Fevereiro de 1949